
polissema

REVISTA DE LETRAS DO ISCAP 2004 N°4

polissema

Revista de Letras
do Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto

2004 / N^o 4

Direcção:

Cristina Pinto da Silva
Paula Ramalho Almeida

Conselho Editorial:

Manuel Moreira da Silva
Maria do Céu Pontes
Sara Cerqueira Pascoal
Suzana Noronha Cunha

Revisão: Alexandra Albuquerque, Dalila Lopes, Eduarda Mota, Graça Bigotte
Chorão, Joana Fernandes, Maria José Almeida

Direcção e Edição

Polissema
Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto
Rua Jaime Lopes Amorim
4465-111 S. Mamede de Infesta
Tel: 22 905 00 82
Fax: 22 902 58 99
Correio electrónico: polissema@iscap.ipp.pt

Solicita e corresponderá a permuta com outras publicações.

Depósito legal n^o:
ISSN: 1645-1937
Tiragem: 500 ex.
Composição e paginação: Polissema
Impressão: Marca AG_Porto_Junho.2002
Design gráfico da capa: Steven Sarson

ÍNDICE

PREÂMBULOS

Agradecimentos

Editorial

Alguns Usos da Língua Portuguesa / Dalila Lopes

TRADUZIR

The Greatest Lover. A Post-Colonial Rewriting of My Fair Lady / Chapmen Chen

A Pesquisa em Tradução Literária – Proposta Metodológica / Helena Tanqueiro

Aspectos Teóricos y Prácticos de la Interpretación de Congresos de Medicina /
Lucía Ruiz Rosendo

A Tradução para Teatro / Maria Helena Guimarães

Elaboração de um Glossário de Termos Económicos – Um Desafio para o Orientador e para o Tradutor / Maria Ivone Osório Cardoso e Cunha

Intersubjectivity and a Practical Intersubjective Ethics of Translation / Tang Jun

FORMAR

formação_de_tradutores@iscap.ipp.pt – Perspectivas sobre o Uso Integrado das Ferramentas Electrónicas / Alexandra Albuquerque e Manuel Moreira da Silva

Literary Translation and Quality Assessment Analysis – Its Significance in Translation Training / Beatriz M^a Rodríguez Rodríguez

Internet en la Formación de Traductores / Iria González Liaño

Competências Linguísticas e Competências Profissionais – Um Novo Perfil para os Formados em Línguas / Manuel Célio Conceição

Sopa de Letras – Uma Impossível Receita para Formar Intérpretes de Conferência? / Maria Helena Anacleto-Matias

O Fio de Ariadne ou os Labirintos da Memória – Uma Experiência em Interpretação Consecutiva / Sara Cerqueira Pascoal

TRADUÇÕES

Marguerite Yourcenar – *Mémoires d’Hadrian* (excerto)

Luísa Coelho e Inês Ferreira Dias

Philippe Delerm – “Panier de Fruits”

Maria Isália Miranda Maciel

Maya Angelou– “Incident in the Yard”

Sofia Morais d’Almeida

Duas Versões de um Poema em Prosa

Paula Ramalho Almeida

RECENSÕES

Guia sobre o Funcionamento da Língua Portuguesa – Recensão de *Saber Escrever. Saber Falar. Um Guia Completo para Usar Correctamente a Língua Portuguesa*, de Edite Estrela, Maria Almira Soares e Maria José Leitão / Joana Castro Fernandes

Teoria e Prática da Legendagem – Recensão de *Teoría y Práctica de la Subtitulación Inglés-Español*, de Jorge Díaz Cintas / Paula Ramalho Almeida

Recensão de Sítios Temáticos em Língua Portuguesa e Alemã Relativos à Área de Direito / Ana Catarina Ferreira Martins

preâmbulos

AGRADECIMENTOS

Agradecemos o apoio essencial do Conselho Directivo do ISCAP e o contributo da Fundação para a Ciência e Tecnologia.

EDITORIAL

Mais um volume da POLISSEMA, onde juntamos o velho e o novo, como convém a uma revista académica. Assim, o número quatro da Revista de Letras do ISCAP oferece novas reflexões sobre a velhíssima, e por vezes ingrata, tarefa de traduzir o discurso falado e escrito por outros; discute os méritos das novas ferramentas electrónicas; propõe modelos actualizados de formação de tradutores/intérpretes; fala de tradução literária e de tradução para teatro e cinema; recenseia novas publicações. Inclui ainda, com uma ponta de orgulho, traduções feitas por alunos do Ramo de Tradução e Interpretação Especializadas, que constituem a melhor prova do esforço, da dedicação e da inspiração dos nossos finalistas e recém-licenciados.

Mas não é só pela diversidade de contribuições que esta POLISSEMA é verdadeiramente plural. Seguindo Miguel Torga, para quem o universal era “o local sem paredes”, saltámos, pela primeira vez, os muros da escola e fomos escutar outras vozes, de Espanha a Hong Kong. Somos professores, linguistas e tradutores, mas também mensageiros do que se faz noutras paragens.

Saudações aos nossos leitores.

*O conselho editorial
A direcção*

ALGUNS USOS DA LÍNGUA PORTUGUESA¹

Dalila Lopes

Quando o Conselho Directivo muito amavelmente me dirigiu o convite para que desse esta aula, integrada nas comemorações do Dia do Instituto, a minha primeira preocupação foi pensar num tópico que pudesse interessar a todo o público aqui presente. Comecei então a pensar naquilo que nós, professores, alunos e funcionários, temos em comum, e, depois de alguma reflexão, pareceu-me que provavelmente o ponto comum que nos une – para além do facto de trabalharmos todos na mesma casa e para a mesma casa – é o uso da mesma língua.

Afigurou-se-me assim como tópico adequado a tratar nesta aula o uso da língua portuguesa, ou melhor dizendo, e para não sermos demasiado ambiciosos, alguns usos da língua portuguesa. Restava então pensar em como abordar este assunto. Lembrei-me então que muitas vezes ouço frases, quer de alunos, quer de professores, onde se exprime algo do género *Eu disse isto ou eu escrevi isto, mas não era bem isto que eu queria dizer, ou que eu queria escrever*. Este tipo de comentário, que é perfeitamente banal, acaba por encerrar uma temática linguística de monta, que é a das relações entre pensamento e linguagem ou linguagem e pensamento, uma temática que pode ser abordada de vários ângulos, e que ao fim e ao cabo interessa a todos. E interessa a todos porque todos somos utentes da língua portuguesa, quer como produtores quer como receptores e é por via do uso da nossa língua que temos que nos entender.

Franz Kafka escreveu um dia algo que pode ser traduzido como

O que eu digo é diferente do que eu penso,
o que eu faço é diferente do que eu digo
e tudo isso se passa na mais profunda obscuridade.

Estas palavras de Kafka não deverão de modo nenhum ser interpretadas como envolvendo qualquer hipocrisia do tipo *Penso uma coisa, digo outra e ainda por cima faço outra*. O que de facto Kafka aqui exprime é a dificuldade, por vezes

¹ Aula Magistral proferida no ISCAP em 25 de Julho de 2003, por ocasião das comemorações do Dia do Instituto.

enorme, em encontrar palavras ou frases que correspondam exactamente àquilo que pensamos e queremos dizer, e, na medida em que essa dificuldade existe, não é de admirar, portanto, que por vezes se faça algo que não corresponde àquilo que se disse, que, por sua vez, também já não correspondia àquilo que se pensou dizer.

Esta dificuldade em encontrar palavras ou frases que correspondam ao que de facto pensamos e queremos dizer está talvez mais explicitada no seguinte excerto de José Saramago.

[...] as próprias palavras, que não são coisas,
que só as designam o melhor que podem,
e designando as modelam,
mesmo se exemplarmente serviram,
supondo que tal pôde suceder em alguma ocasião,
são milhões de vezes usadas
e atiradas fora outras tantas,
e depois nós, humildes, de rabo entre as pernas,
[...] temos de ir buscá-las novamente,
barro pisado que também elas são,
amassado e mastigado, deglutido e restituído,
o eterno retorno existe mesmo, sim senhor,
mas não é esse, é este.
José Saramago, *A Caverna*, p. 157

Neste excerto, não só está bem patente a dificuldade de qualquer falante em encontrar palavras ou frases que correspondam ao que de facto pensa ou quer dizer, como também está colocada uma outra questão que é a de a linguagem acabar por modelar a realidade. Não admira portanto que, uma vez encontradas por um falante as palavras que se lhe afiguram como certas para exprimir o que pretende, ainda assim possa ser interpretado de modo diferente pelo seu ouvinte ou leitor. E é para evitar que isto aconteça, que, quando escrevemos ou falamos, estamos constantemente a escolher palavras, que depois rejeitamos e que depois vamos buscar novamente, num eterno retorno, no dizer de Saramago.

A teoria do eterno retorno, a metempsicose dos seres de Pitágoras, que postulava que a alma de um corpo passaria para outro corpo, parece assim, para Saramago, ser menos importante do que o eterno retorno das palavras,

essas sim voltando constantemente em novas frases e novos contextos, palavras que, sendo embora em número finito, permitem que delas façamos uso infinito.

Mas deixemos por agora Kafka e a sua fantasmagoria, Pitágoras e a sua metempsicose, deixemos até mesmo Saramago e a sua suprema sabedoria e desçamos à terra, porque as questões linguísticas que aqui vamos abordar não se resolvem provavelmente por via das grandes teorias, mas mais por via de um voltar de atenção para usos reais da língua. Não estranhe o público aqui presente se eu seleccionar e comentar ocorrências que nada têm de erudito. A um linguista interessam muito mais usos da linguagem corrente, do dia a dia, do que excertos relativamente complexos como os atrás citados.

Diz um conhecido humorista português que a língua portuguesa é muito traiçoeira, o que não deixa de ser verdade, não só para a língua portuguesa como para todas as outras línguas. A questão que podemos colocar para já é a de saber se é a língua em si que é traiçoeira ou se traiçoeiros são os usos que dela fazemos.

Tomemos então frases e sequências de frases como o exemplo [1] e vejamos se o que se diz corresponde ou não ao que se quer dizer.

[1] *Torres Vedras elimina no seu estádio o tetra campeão.*
(TVI, fim de semana 13-14/2/1999)

O que, de facto, o jornalista, autor deste excerto, queria dizer era que o tetra campeão fora eliminado, no seu próprio estádio, pelo Torres Vedras; o que na realidade disse é, no mínimo ambíguo, ou melhor, é exactamente o oposto do que pretendia dizer e do que realmente aconteceu. Neste exemplo, o determinante possessivo ‘seu’ aponta imediatamente para o antecedente mais próximo, ‘Torres Vedras’, o que nos levaria por conseguinte a concluir que o jogo e a eliminatória se realizou no estádio do Torres Vedras e não no estádio do tetra campeão, que foi o que na realidade aconteceu. E aqui está um exemplo muito simples que ilustra bem as palavras de Kafka, *o que digo é diferente do que penso ...*

Se o excerto [1] encerra um caso de ambiguidade, ou na minha opinião, de uma imprecisão que leva a um enunciado falso, vejamos o excerto [2], que ocorre frequentemente em ementas de restaurante:

[2] *Filetes de Polvo com Arroz do mesmo*

(Ementa Pousada Santa Marinha 19/5/02)

Cabe aqui perguntar *Como é que sabem que é do mesmo? Será que só há um polvo na cozinha?*

Seguramente que não, mas o que de facto se diz por via do demonstrativo ‘o mesmo’ implica a existência de apenas um polvo. Este uso de ‘o mesmo’ nesta ocorrência e em outras análogas, parece resultar de uma preocupação estilística, que é a de evitar a repetição de termos idênticos no co-texto próximo, i.e., para o autor desta ementa parecia feio, em termos de estilo, designar o prato como *Filetos de polvo com arroz de polvo*. Esta preocupação de evitar a repetição de termos idênticos no co-texto próximo revela-se, ao contrário do que poderíamos esperar, não tanto em grandes autores, mas em linguagem do dia a dia, quando se pretende revelar alguma erudição, como se pode ver também no excerto [3],

[3] *"Como é que a cozinha começou a arder?"*

"Deve ter sido por deflagração do óleo na mesma."

(Entrevista com bombeiro, TVI, 9/1/02, 20h)

onde se recorre de novo ao demonstrativo para evitar a repetição do termo ‘cozinha’, o que, na minha opinião, seria perfeitamente aceitável.

Por estes exemplos podemos ver que preocupações de estilo não são apanágio apenas de autores de textos literários; esses, regra geral, não se importam de repetir termos idênticos no co-texto próximo; pelo contrário, preferem fazê-lo, quer em prol da clareza do texto, quer até como recurso estilístico.

Interessante é também reparar como por vezes se diz exactamente o contrário do que se pretende dizer, provavelmente não por falta de conhecimentos linguísticos, mas por falta ou erro de conhecimento de outras áreas do saber. Vejamos o exemplo [4]

[4] *O Governo deu uma volta de 360 graus e mudou completamente de posição em relação a ...*

[Comentário de um conhecido analista político

(propositadamente não identificado e sem data)]

Cabe aqui referir que, se o Governo deu uma volta de 360 graus, ficou exactamente na mesma posição em que estava. O que o conhecido comentador político pretendia dizer era com certeza que o Governo deu uma volta de 180 graus, e aí sim, o enunciado seria coerente.

Mas deixemos agora estas questões relacionadas com ambiguidades e imprecisões e passemos a uma questão que se me afigura bem mais grave que é a do etnocentrismo de que está eivada a nossa linguagem do dia a dia.

Sem que disso demos conta estamos constantemente a usar expressões ou frases do tipo

[5] *livro negro do fascismo*
uma página negra / um período negro da história
está na lista negra
a ovelha negra da família
etc...

Caberá aqui perguntar, por exemplo, por que razão, sendo o fascismo uma ideologia de brancos, se designa como livro negro do fascismo aquele onde se registam as suas atrocidades. Quanto à expressão *a ovelha negra da família*, poder-se-ia argumentar que sendo as ovelhas normalmente brancas, a ovelha negra designaria metaforicamente o elemento que se distingue do considerado normal. Mas a questão está em que expressões como *a ovelha negra da família* designam um elemento que se distingue não positivamente mas negativamente. E a conotação negativa do adjectivo ‘negro’ está patente em todos estes exemplos. O adjectivo ‘branco’, por seu turno, figura num sem número de expressões com conotação positiva: o ‘branco’ é bom porque etnicamente, para nós, o ocidente é o centro, e tudo o resto é periferia. Num breve aparte, conviria aqui também fazer uma certa precisão, e para tal, lembraria um comentário de um norte-africano, egípcio, que, conversando com um grupo de ocidentais, ‘brancos’, disse, em inglês, algo que poderíamos traduzir como: Não sei por que é que vocês têm a mania de dizer que são brancos. Vocês não são brancos. Vocês são cor de rosa.

O etnocentrismo não se manifesta na língua e nos usos da língua apenas na dicotomia branco-negro. Manifesta-se também em expressões do tipo

[6] *estar a leste de ...*

no sentido de desconhecer, ou não estar a par de determinado assunto. Caberá aqui de novo perguntar por que dizemos *estar a leste de ...* e não *estar a oeste de ...* Talvez cada um de nós possa pensar um pouco nas razões subjacentes ao uso de ‘estar a leste de’ e não ‘estar a oeste de’.

Falámos do etnocentrismo em termos de cor da pele, falámos do etnocentrismo em termos da Europa entendida como centro do mundo, mas podemos ainda falar do etnocentrismo visto dentro do nosso próprio país. E aí abundam exemplos de usos da língua em que se comprova que *Portugal é Lisboa; o resto é paisagem*. Basta atentar em qualquer noticiário televisivo. Fala-se, por exemplo, de um acidente ocorrido no Marquês de Pombal e de certeza que se trata da Praça Marquês de Pombal em Lisboa, embora também haja uma Praça Marquês de Pombal no Porto. Se nada mais se especificar quanto à localização a Praça Marquês de Pombal é a Praça Marquês de Pombal em Lisboa, ponto final. Fala-se, por exemplo, da Feira do Livro e, se nada mais se especificar quanto à localização, a Feira do Livro é a Feira do Livro de Lisboa, embora também haja feiras do livro um pouco por todo o país, nomeadamente no Porto e em data e período idêntico.

Chega-se mesmo a partir deste etnocentrismo em programas dirigidos a um público infantil. Num noticiário dedicado a crianças que era transmitido há algum tempo atrás pela RTP, dava o jornalista notícia de um determinado espectáculo para crianças que tinha lugar no Estoril, e se iniciaria dentro de meia hora. O jornalista, dirigindo-se ao seu público infantil, dizia então:

[7] *Peçam aos vossos pais que vos levem ao espectáculo. Chegam lá em 20 minutos.*
(RTP, *Jornalinho*)

Podemos imaginar as crianças, por exemplo, de Brgança, insistindo com os pais para que as levem ao espectáculo no Estoril. É que se chega lá em 20 minutos.

Penso que estes exemplos são suficientes para retomarmos a questão inicial da relação entre linguagem e pensamento. Podemos agora talvez ver, através dos exemplos de [1] a [4], que muitas vezes o que se diz é diferente do que se pensa, mas, ao mesmo tempo, podemos também ver, através dos exemplos de [5] a [7], que muitas vezes o que se diz corresponde exactamente ao que se pensa, embora disso não tenhamos consciência.

A verdade é que tanto a própria língua, como o uso que dela fazemos, está profundamente dependente de conceitos e preconceitos de natureza cultural, e nós, utentes da língua, não só não temos, no geral, consciência desse facto, como, ao mesmo tempo, estamos presos a essa teia de conceitos e preconceitos, e a verdade é que, sem ela, acabamos por ficar desprovidos de

muitos mecanismos que nos permitem interpretar frases que ocorrem a qualquer momento no dia a dia.

Perante enunciados como [8] e [9],

[8] *O polícia bateu no suspeito porque era juden.*

[9] *O polícia bateu no suspeito porque era árabe.*

teremos necessariamente diferentes interpretações. Se [8] e [9] forem frases pronunciadas por um palestiniano, o sujeito (elíptico) da 2ª oração será necessariamente diferente: em [8], o sujeito (elíptico) da 2ª oração será *o polícia*, em [9], o sujeito (elíptico) da 2ª oração será *o suspeito*. Estas mesmas frases terão interpretações totalmente opostas se forem pronunciadas por israelitas; i.e., neste caso, em [8], o sujeito elíptico da 2ª oração será *o suspeito* e em [9] *o polícia*.

Estes exemplos parecem assim provar que, por um lado, somos muitas vezes traídos pelas nossas próprias palavras, e, nesse caso, de facto o que se diz é diferente do que se pensa; por outro lado, somos também obrigados a concluir que, muitas vezes, o que dizemos corresponde exactamente àquilo que pensamos, mas não queremos admitir, e, nesse caso, não somos traídos pelas nossas próprias palavras, mas antes pelo nosso próprio pensamento.



traduzir

THE GREATEST LOVER: A POST-COLONIAL REWRITING OF MY FAIR
LADY
Chapmen Chen

Introduction

*Gungzi Docing*¹ [The Greatest Lover] (1988), directed by Fok Jiuloeng and written by Johnny Mak and Stephen Siu, is a very popular Hong Kong Cantonese comedy film². *My Fair Lady* (1956), developed from George Bernard Shaw's *Pygmalion*³ by Alan Jay Lerner, is, of course, one of the greatest musical romances of all times. The former is obviously a translation – in the sense of rewriting⁴ – of the latter. Whereas, in *My Fair Lady*, a male phonetics professor trains a cockney girl to be a high society lady, in *The Greatest Lover*, a female image consultant passes off a rough male illegal immigrant from China as a high society gentleman. In both stories, the trainee has to pass a major test by attending a large high-class gathering. In the process, the creator falls in love with his/her creation. Also in both stories, the trainee has another suitor⁵, to whom the trainee is initially attracted but whom the trainee eventually gives up for the love of the creator.

The purpose of this paper is *to examine the rewriting of the era, characters, plot, behavior, and illocutionary aspects of My Fair Lady in The Greatest Lover, and to explore how it reflects the gender politics, socio-political, and socio-linguistic ideologies of Hong Kong.*

2. Plot Summary of *My Fair Lady*

The 1965 musical film starring Audrey Hepburn and Rex Harrison evolved from the stage production, which was based on the earlier play, *Pygmalion*, written in 1914 by George Bernard Shaw⁶.

Professor Henry Higgins (Rex Harrison) is a cocky, sexist phoneticist who is convinced that speech is what really sets the classes apart. He wagers with his friend Colonel Pickering that through a change in accent and manners, he can transform the cockney flower girl Eliza Doolittle (Audrey Hepburn) into a lady that will fool high society. After six months, Higgins actually succeeds in doing so. But Eliza then runs away from him because he has treated her as an object,

rather than a fellow human being. At this point, Higgins realizes that he has fallen in love with her. In the end, Eliza returns to him.

3. Plot Summary of *The Greatest Lover*

Zau Cingzeon (literally, Advance Zau; played by Chow Yun Fat) and his buddies, Goulou Wai (literally, Tall Guy Wai) and Sogai (literally, Silly Chicken), swim across the ocean and sneak into Hong Kong from the Chinese Mainland. When they arrive in Hong Kong, Advance accidentally runs into a rich businessman named Daihau Si (literally, Big-mouth Si) at an “engagement” party. It turns out that Si’s “fiancée”, Lychee, who is an upper-middle class lady, is not really going to get engaged with Si. At the party, she and another upper-middle class lady, Soenggun Feifung (literally, Phoenix), openly ridicule Si. In order to avenge himself of these two women, Si hires Anita (played by Anita Mui), an idol-maker or image consultant, to train Advance to be a high-class gentleman. After undergoing a great deal of effort, Anita finally passes Advance off as a handsome, well-mannered young man who has just come back from his studies in the West. Advance’s Cantonese, which originally has a strong Chiu-chow accent, is now transformed into perfect Cantonese. He is also able to speak English phrases perfectly.

Following Si’s plan, Advance and Anita join a fund-raising party, at which both Lychee and Phoenix become infatuated with Advance at first sight. On the other hand, Advance and another high-class lady, Fiona, become attracted to each other at the same party. Afterwards, Anita reluctantly discovers that she is falling in love with her own creation. Advance then deceives Lychee and Phoenix, respectively, making them each believe that he will get engaged with them. At their engagement party, Lychee and Phoenix fight with each other for Advance, which is video-taped by Si and shown to the public. Subsequently, Si tries to pay Anita and Advance to make a fool of Fiona in a similar way because she has rejected his courtship. Anita and Advance refuse. Si pays Tall Guy Wai and Silly Chicken off to reveal Advance at Fiona’s birthday party, at which Fiona’s mother tries to engage her to Advance. Guilt-ridden, Tall Guy Wai and Silly Chicken go back on their promise to Si at the last minute. Despite this, Advance announces that he is an illegal immigrant, but argues that he is just as Chinese and as human as Hong Kong people. He furthermore confesses to Fiona the fact that he has just realized the girl he really loves is Anita, not her.

At this point, Advance then hurries back to Anita's place, only to learn that she is taking a train trip over the Silk Road because she thinks Advance is going to marry Fiona. Finally, Advance catches up with Anita on the train and successfully proposes marriage. Just when Anita is worrying that Advance will be arrested at the border because he has no Hong Kong identity card, he tells her that he has bought a Dominica passport, which enables him to stay in Hong Kong legally.

4. Theories

The Greatest Lover can be regarded as a translation of *My Fair Lady* and as revealing of Hong Kong ideology on the following theoretical grounds.

Andre Lefevere (1992: 4-9) argues that both translation and adaptation are rewriting that is informed and influenced by the rewriter's ideology.

Walter Benjamin (2000) compares translation to an afterlife of the original, which goes through a maturing process of transformation and regeneration.

In Chapter 3, "The Time-Sharing of Theatre Texts," of her book, *Time-Sharing on Stage Drama Translation in Theatre and Society*, Sirku Aaltonen (2000) argues that *drama translation mirrors the actualities, ideologies, and sensitivities of the target society*, and the decision-making and rendition strategies divulge more of the translating ego than of the translated Other. Translated plays are compared by her to time-sharing apartments, the tenants of which are translators and theatre practitioners who try to renovate their living environments to fit their own habits, predilections, and requirements.

Furthermore, both Aline Remail (1995) and Patrick Cattrysse (1992) argue that film adaptation is a kind of translation. As put by Aline Remail (1995: 125-128),

Film adaptation also deals with the transformation of source texts into target texts, using the concepts of "text" in the broadest sense (Cattrysse 1992: 11-15). Yet, as in translation, this transformation is never a matter of source and target texts only. Film adaptation does not involve a transition from one semiotic system (a natural language), to another semiotic system (film), but also a transition from the literary system of a particular country and time to the cinematic system or "tradition" of that same, or a different culture... (Cattrysse 1992: 2-3).

It is tempting to see film adaptation as a process of two successive adaptations: first one from novel to screenplay and one from screenplay to film. The screenplay can thus be considered as an intermediary translation.

5. Temporality and Social Background

In moving between *My Fair Lady* and *The Greatest Lover*, there is a temporal change from Victorian London to Hong Kong in the late eighties.

5.1 Social Background of Victorian England

(i) Gender

Women were second-class citizens in the early Victorian period. They did not receive the same pay as men, did not have the right to vote and could not engage in the same vocations as men. Women were governed by men and did not have a voice until Queen Victoria was crowned. According to Perkin (1993: 31), there was one account of a woman married to a clergyman who said “the first thing of importance is to be content to be inferior to man, inferior in mental power in the same proportion that you are inferior in bodily strength.” According to Debbie Nash (2002), despite the fact that women’s rights began to be instituted in the early 1840’s, a male could still legally “lock his wife up and beat her in moderation.” Again, according to Perkin (1993: 31), there was no sense of disaster when a daughter was born, but parents always favored sons. The Victorian era was indeed a period that saw the beginnings of feminism and parents who were starting to allow their daughters to get proper educations. However, often this was only to help them find a richer husband (Perkin 1993: 32).

(ii) Class

People of different classes avoided intermingling, i.e., those of the upper class would go to the races or to the theatre for entertainment, while those of the lower classes would visit a pub or go to the public square. According to Debbie Nash (2002: 3-4), “To be upper class was a little more than material culture, especially during the Victorian period. *Refinement in speech was a matter of far more importance than it is today...* With all the money in world, you couldn’t change a person’s origin by what they wear. It all comes down to the way they speak and the culture they use.”

5.2 Social Background of Hong Kong in 1988

(i) Gender

Since the late 20th century, the status of women in Hong Kong has been very high. Women in Hong Kong have the same right and opportunity to receive education as men. According to Westwood, Mehra, and Cheung (1995), the ratio of male to female local university students in 1988 was 1.4:1. In the 1990s, tertiary education was further expanded and by 2000, women constituted 53.1 per-cent of the undergraduate students in local universities. Many important positions in the local government have been held by women. Let us take a look at the information provided by the Hong Kong Government (1988). In 1988, among the 1645 executive officers in the Hong Kong government, there were 752 women. And there were 119 female administrative officers among a total of 413. Quite a few of them subsequently became principal officials. For instance, in 1988, Anson Chan was already Secretary for Economic Services Branch, Government Secretariat. And she worked as Chief Secretary from 1993 to 2001. Mrs Regina Yip rose to Director of Immigration Department in 1995 and from 1998 to 2003 she was Security Secretary. Mrs Fanny Law Fan Chiu-fun joined the government in 1975 and was promoted to her present rank of Administrative Officer Grade A in 1997. She is now Permanent Secretary for Education and Manpower. Miss Denise Yue Chung-yeet joined the government in 1974. She was Director-General of Industry from 1993 to 1995. In 2002, she took up the post of Permanent Secretary for Commerce, Industry and Technology. Moreover, it has become increasingly easier for women to find jobs than for men.

The number of cases of men abused by their wives has also been on the rise. According to statistical surveys of such cases conducted by The Social Welfare Department, Hong Kong Government, since 1997, the number of such reported cases had leaped from 47 in 1997 to 197 in 2001.

(ii) Politics

Hong Kong was occupied by Britain after the Opium War in 1840. On December 19, 1984, the Chinese and British Governments signed the Joint Declaration on the Question of Hong Kong, affirming that the Government of

the People's Republic of China would resume the exercise of sovereignty over Hong Kong effective July 1, 1997.

In 1988, the people of Hong Kong were deeply concerned that after 1997 the despotism and corruption of the Mainland Chinese government would carry over into Hong Kong; that, in the absence of British rationalism and tolerance, Hong Kong would not be able to govern Hong Kong well, even if the Chinese Communist Party were to leave Hong Kong alone.

In fact, according to the findings of the first territory-wide Social Indicators Survey conducted in the summer of 1988 as part of a long-term project undertaken collaboratively by researchers at The Chinese University of Hong Kong, The Hong Kong Polytechnic University and The University of Hong Kong (Lau et al. 1991: 176),

75.5 per cent of respondents thought that it was likely or very likely that after the return of Hong Kong to China civil rights would be abridged. In addition, 73.2 per cent anticipated a reduction of individual freedom, 66.9 per cent expected stagnation or even deterioration of the living standard, and 61.1 per cent envisaged the deterioration of the legal system... a mere 25.7 per cent were optimistic that the lives of Hong Kong people would be better and happier after 1997.

As a consequence, during this period, large numbers of Hong Kong people attempted to emigrate. According to Hannah (1997), in the decade preceding 1997, emigration from Hong Kong averaged 50,000 per year.

6. Rewriting of Characters

In *The Greatest Lover*, Henry Higgins, the male phonetics professor of *My Fair Lady*, is replaced by Anita, a female idol maker and image consultant. Eliza Doolittle, the flower girl, is replaced by Zau Cinzeon (Advance Zau), a male illegal immigrant from Mainland China. Freddy, Eliza's fervent suitor, is replaced by Fion, a young lady from an upper class Hong Kong family.

Therefore, *in the Hong Kong version, we have an empowered woman training a man instead of the other way around, and women chasing men instead of men chasing women.* This demonstrates the high status of women in Hong Kong.

7. Rewriting of Plot

7.1 Employer-employee Relationship

In *My Fair Lady*, Pickering bets Higgins all the expenses incurred that he cannot pass her off in six months as a duchess at the Embassy Ball. While Pickering always treats Eliza amicably and respectfully, Higgins arrogantly and disdainfully uses Eliza as a guinea pig. Nonetheless, when Eliza runs away from Higgins because he passes over her, Higgins does not seek revenge. In *The Greatest Lover*, Big-mouth Si is Pickering's counterpart. However, Si spitefully uses Advance and even Anita Mui as a kind of tool to avenge his unrequited love. When Advance refuses to be used by him any more and Anita ends their contract, Si exposes Advance. Thus, in *The Greatest Lover*, the role of exploiter is played by the employer (Si) in place of the trainer or experimenter (Anita/Professor Higgins). As a result, the relationship between employer and employee in a capitalistic society is satirically attacked more obviously and directly in *The Greatest Lover* than in *My Fair Lady*. This reflects the socio-economic ideology of the rewriters – *Hong Kong in the eighties was certainly much more capitalistic* than Victorian London.

7.2 Who Picks Up Slippers for whom in the Family?

At the end of *My Fair Lady*, Eliza returns to Higgins, apparently ready to become his maid-like wife, picking up his slippers, putting up with his tempers, and fetching and carrying for him anything that he may need. At the end of *The Greatest Lover*, however, Advance runs after Anita on a train in order to propose to her, even though she has said she regards him as a piece of shit. Like the rewriting of characters, this again shows female superiority in modern Hong Kong as opposed to the male chauvinism of Victorian England. In many a middle-class Hong Kong family, the husband has to not only work diligently in society, but also must pick up his wife's slippers, cook for the family, clean the kitchen and the toilet, help the children with their homework, etc. The husband may be scolded or even beaten by the wife should he dare to offend her (cf. BluesMax).

7.3 Rewriting of the Initial Setting of the Lower Class

In *My Fair Lady*, Covent Garden, Eliza yells at Freddy for accidentally trodding on her flowers in the rain, as well as at Higgins who she suspects is a detective collecting evidence to charge her with seducing Pickering on the street. Subsequently, in Tenement Section, Alfred Doolittle, Eliza's father, and his two lower-class friends are kicked out of a pub for trying to enjoy drinks there without paying.

In *The Greatest Lover*, when Advance Zau and his buddies are in their native village planning to sneak into Hong Kong, they are discovered by a Communist cadre, who takes away their color television set, food, and other resources for illegal emigration in return for keeping their plan secret. (That cadre is then arrested for trying to sneak out of China when he is leaving Advance's place with his loot). This reflects Hong Kong people's concern about the handover of Hong Kong to China, whose *Communist government has been notoriously corrupt*, despotic, ignorant, and anti-intellectual. This also needs to be recognized as a common trope – a parody, oftentimes – in Hong Kong film and television regarding mainlanders and this parodisation to some extent neutralizes the real danger.

8. Rewriting of Illocutionary Aspects

8.1 Cantonese in Hong Kong

Speech is perhaps the most important clue in determining caste or class. Higgins once tells Pickering that the right accent or speech is “the deepest gulf that separates class from class, and soul from soul” (Lerner 1980: 156). The rewriting of the illocutionary aspects of *My Fair Lady* in *The Greatest Lover* reflects the socio-linguistic ideology of the Hong Kong people. In fact, the story of *The Greatest Lover* cannot be performed in any Chinese language or dialect other than Cantonese unless it is rewritten to a great extent. This is because *Cantonese is the mother tongue and language used in daily life of the majority of Hong Kong people*. The thrust of the film story hinges on the use of language – conflicts between Mainland immigrants (who speak Cantonese with a strong accent) and local people of Hong Kong. The status of English and Putonghua in Hong Kong is also touched upon.

In *My Fair Lady*, Eliza, before her training, fails to pronounce the initial of words beginning with an “H”. For instance, “In Hertford, Hereford and Hampshire, hurricanes hardly ever happen” is pronounced by her as “In ‘ertford, ‘ereford and ‘ampshire, ‘urricanes ‘ardly ever ‘appen” (Lerner 1980: 136). She also pronounces “rain” as “rine” and “take” as “tyke” (Lerner 1980: 140). On the other hand, before his training, Advance tends to speak Cantonese with a *strong Chiuchow accent*, pronouncing “an” as “ang.” For example, “*Neidei nghou haa ngo hai san jiman* [don’t you bully me as a new immigrant]” is pronounced by him as “*Nidi nghou haa ngo hai sang jimang* [don’t you bully me as a new immigrant].” In Hong Kong, before the nineties, people who spoke Cantonese with a Putonghua accent or *any accent of a Chinese dialect other than Cantonese were instantly* recognized as someone from the Chinese Mainland and *despised* because Mainlandness represented for the Hong Kong Cantonese bad taste, unscrupulousness, ignorance, underdevelopment, corruption, etc., as partly aforementioned. However, starting from the nineties, quite a few new immigrants from Mainland China began to get rich by doing Mainland-Hong Kong business transactions, and a number of tourists from Mainland who became upstarts following the open and reform policy of China began to visit Hong Kong. As a result, mainlanders with their accent have been less looked down upon though they are still regarded as aliens by Hong Kong people to some extent.

8.2 English in Hong Kong

While in *My Fair Lady*, Eliza only has to learn the proper accent of her mother tongue, English, in *The Greatest Lover*, Advance Zau has to learn not only the correct Cantonese accent, but also English. Anita, in training Advance, tells him explicitly that in order to establish oneself in high society in Hong Kong, one simply must speak fluent English. This is because Hong Kong had been a British colony for 150 years up until 1997. *The ability to speak fluent English is an important asset* and is necessary for climbing up the social ladder. Moreover, English is an international and prestigious language.

8.3 Putonghua in Hong Kong

There is no mention of any dialogue between Eliza and people at the top of the society at the Embassy ball, e.g., the Ambassador or his wife or Queen of

Transylvania. On the other hand, when Advance Zau meets and has to converse with the Governor of Hong Kong at a fund-raising ball, he soon runs out of the few English phrases Anita taught him and has to switch to Putonghua. Unexpectedly, the Governor gladly replies in Putonghua that not many young people in Hong Kong speak such fluent Putonghua and urges Advance to stay in Hong Kong and serve Hong Kong. Obviously, this governor reminds us of *Sir David Wilson*, a sinologist that was governing Hong Kong in 1988.

This rewriting reflects the *growing importance of the ability to speak Putonghua on the part of Chinese in Hong Kong*. Since the Sino-British Joint Declaration, and especially after the Basic Law Drafting Committee was set up in 1985, interaction between Mainland and Hong Kong officials has increased rapidly. Hong Kong-Mainland business ties have also grown quickly since the Chinese government adopted the open and reform policy in the late seventies, as aforementioned. As a result, in Hong Kong the importance of Putonghua has been on the rise.

9. Rewriting of Behavior

9.1 Attack on the Upper Middle Class

My Fair Lady does not depict the ugly behaviors or buffoonery of the upper class or upper middle class; it only shows the self-complacency and snobbishness of Professor Higgins. But *The Greatest Lover* vividly exposes the contemptible conduct of the upper middle class. The upper-class ladies, Phoenix and Lychee, regard Advance as dirt when he first appears before them as a smelly illegal immigrant from Mainland China. However, when Advance subsequently appears before them as a high-class gentleman at the fund-raising ball, they instantly take a fancy to him. Phoenix even tries to rape him in the men's washroom. Later, they physically fight over him, which is video-taped by Big Mouth Si and played before the public.

9.2 Depiction of the Tasteless Manners of the Lower Class

In *My Fair Lady*, the tasteless manners of the working class are mainly depicted by Eliza's dirty hair and uncouth clothes, as well as uttering from time to time such unseemly sounds as "Aooooow!"

In *The Greatest Lover*, the tasteless manners of the Mainlanders are much more exaggerated. When Advance is asked by Anita to demonstrate how he would seduce a lady like her to bed, he simply shouts, “*Pokje* [Let’s go fucking]!” More than once, *Advance and his two buddies spit phlegm accurately into a spittoon* and sing the ridiculous Cultural Revolution song: “*Xiading juexin/ Bupa xisheng/ Paichu wannan/ Chu zhengqu shengli* [Let’s make a resolution/ Fear no sacrifice/ Conquer all obstacles/ And strive for the final victory].”

The rewriting confirms what the renowned Hong Kong columnist Tou Git (2002a; 2002b) says about the Chinese peasants and the conflict between Hong Kong Chinese and Mainland Chinese.

According to Tou Git’s (2002b) *Janbau Daai Gitkau* [The Grand Structure of the Population], *the Chinese peasants* are ignorant, dirty, and narrow-minded, though mostly diligent and simple. The peasant-personality of the Mainland Chinese forms the core of their racial spirit. Their history is a tragedy; their life a farce; their character a mime; and the details of their behavior when they encounter Western civilization, such as nosiness, nose-picking, and spitting, are an endless travesty. The Chinese peasants are already born without reason, and their post-natal humanity is castrated by the despotic authority weighing down on them. They are *both victimized and victimizing*; they are at once beggar and scoundrel; sheep and wolf.

According to Tou Git’s (2002a) *Janbou Daai Paaihong* [Draining off People as Floodwaters], during the colonial period, under the competent governorship (1971-1982) of Sir Murray MacLehose, with the Home Ownership Scheme, the Anti-Corruption Movement, and the Cleaning Campaign, etc., Hong Kong became so prosperous that a middle class that is knowledgeable, well-mannered, and possesses good taste and a sense of belonging, emerged. The people of Hong Kong despised the Chinese Mainland across the waters, deeply hurting the feelings of the Chinese Communist Party. The Communists then simply started to release people to Hong Kong and saw if Hong Kong could remain middle-class any longer. They have been making full use of the quota of 150 persons per day and draining off people into Hong Kong as if they were floodwaters. *The free education, public housing, and medical welfare policies of Governor MacLehose were quickly drained*. Meanwhile, Hong Kong men go northward to marry Mainland women, establishing “reproductive” relationships with the Mainland Chinese they despise.

Moreover, while in *My Fair Lady*, Higgins calls Eliza “squashed cabbage leaves” and “thing”, in *The Greatest Lover*, Advance mistakenly eats the tiger feces he carries to frighten off public security dogs when sneaking into Hong Kong; and Anita calls Advance a piece of shit. This demonstrates that, in the subconscious of the Hong Kong people, the Mainland Chinese are fixated in the anal stage. According to Syun Lunggei (1992: 93-97), the Mainland Chinese are anally fixated because their toilet training is too loose; in rural areas, children even wear split pants. As a result, their toilet conditions are appalling to tourists and they throw rubbish around in public places.

10. Conclusion

The Greatest Lover contributes something of Hong Kong to *My Fair Lady*. It *not only* offers a variation of the creator-creation love theme by *reversing the gender of Pygmalion and Galatea but also allows the audience to gain some understanding of the male-female relationship in Hong Kong, the political concerns of Hong Kong people, the importance of English, pure Cantonese, and Putonghua in Hong Kong, the conflict between Mainlanders and Hong Kong people, as well as the ugly side of the upper middle class of Hong Kong*. To borrow Walter Benjamin’s words, *The Greatest Lover* gives an “after-life” to *My Fair Lady*, and is in effect a reincarnation of *My Fair Lady*.

¹ Chinese words in this paper will be transliterated according to the Cantonese Romanization Scheme of The Linguistic Society of Hong Kong (Hoenggong Jyujin Hokwui 1997: xxi-xxii).

² According to “Sikjat Piufong [Box Office of the Past] (2003), *The Greatest Lover* was shown for 34 days in Hong Kong cinemas. The box office gross was HK\$23,566,173 (~US\$3,021,304) which is equivalent to HK\$43,854,291 (~US\$5,622,345) now. The box office gross of the best selling movie in Hong Kong film history – *Titanic* – was HK\$114,939,303 (US\$14,735,806) – equivalent to the same amount in contemporary terms. *The Greatest Lover* is the 100th best selling movie in the Hong Kong film market.

³ George Bernard Shaw’s prestigious and delightful play concerning Henry Higgins, the self-conceited professor of phonetics who turns Eliza, a lower-class flower vendor, into a lady, only to find out that he cannot do without her. Pygmalion is the name of a legendary king of Cyprus who fell in love with a statue of Aphrodite, or,

according to the Roman poet Ovid, fell in love with an ivory statue of his own making, expressing his ideal woman. The sculptor then prayed to Aphrodite for a wife like the statue, and the goddess accommodatingly brought it to life. At an unknown stage in the development of the story, Galatea, the name of a sea nymph, was given to the statue-woman.

⁴ We will return to this theoretical argument later on.

⁵ Freddy in *My Fair Lady*; Fiona in *The Greatest Lover* (see also the plot summaries below).

⁶ According to Richard Goldstone (1980), *My Fair Lady* simplifies and conventionalizes the tortured relationship between the two principals. The requirements of a musical comedy result in the music and lyrics displacing half the dialogue of the play. Liza and Henry Higgins of the musical, consequently, lose some of their individuality, some of their humanity. Liza becomes Cinderella and Higgins is transformed into a slightly crusty prince. Shaw had maintained in his afterword that Higgins and Liza never marry one another because they both realize that they would make each other miserable. (1980: vii-viii)

REFERENCES

- AALTONEN, Sirkku (2000). *Time-Sharing on Stage: Drama Translation in Theatre and Society*. Clevedon, Buffalo, Toronto, and Sydney: Multilingual Matters Ltd.
- CATTRYSSE, Patrick (1992). "Film (Adaptation) as Translation: Some Methodological Proposals." *Target* 4(1), 53-70.
- CHEUNG, Fanny (1997). *Engendering Hong Kong Society: A Gender Perspective of Women's Status*. Hong Kong: The Chinese University Press.
- CUKOR, George, dir. (1956). *My Fair Lady*. Script by Alan Jay Lerner. Perf. Audrey Hepburn and Rex Harrison. Warner Brothers.
- GAREBIAN, Keith (1988). *The Making of My Fair Lady*. Oakville, Ontario; Buffalo, New York: Mosaic Press.
- Hong Kong Government (1988). Staff List – Hong Kong Government 1988. Seventy-Sixth Issue. Hong Kong: Government Secretariat.
- GUNGZI Docing (*The Greatest Lover*) (1988). Screenplay by Johnny Mak and Stephen Siu. Dir. Fok Jiuloeng. Perf. Chow Yun Fat and Anita Mui. Golden Harvest.
- HANNAH, Richard (1997). "Special Edition: The Hong Kong Economy." *Economic Educator*. Online edition. Summer issue.
- <http://www.mtsu.edu/~ceconed/Summer97.htm> (consulted 1.07.2003)
- Hoenggong Jyujin Hok Hokwui (Linguistic Society of Hong Kong) (1997). *Jyutjyu Pingiam Zibiu [A Glossary of Cantonese Romanization]*. Hong Kong: Linguistic Society of Hong Kong.
- JANSEN, Peter (ed) (1995). *Translation and the Manipulation of Discourse: Selected Papers of the CETRA Research Seminars in Translation Studies 1992-1993*. CETRA – The Leuven Research Centre for Translation, Communication and Cultures.

LAU SIU-KAI, Lee Ming-kwan, Wan Po-san, and Wong Siu-lun (1991). *Indicators of Social Development – Hong Kong 1988*. Hong Kong: Hong Kong Institute of Asia-Pacific Studies, The Chinese University of Hong Kong.

LEFEVERE, Andre (1992). *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*. London and New York: Routledge.

NASH, Debbie (2002). "Using Material Culture to Analyse Power, Gender and Class Relations in the Musical 'My Fair Lady.'" A Critical Analysis of 'My Fair Lady.' http://www.ehl.flinders.edu.au/archaeology/*Smith/power/pages/dn/essay.htm. (consulted 22.10.2002)

PERKIN, Joan (1993). *Victorian Women*. New York: New York University Press.

PHILLIPS, K. C. (1984). *Language and Class in Victorian England*. Oxford: Basil Blackwell Publisher Limited.

REMAEL, Aline (1995). "Film Adaptation as Translation and the Case of the Screenplay." Peter Jansen (1995), 125-132.

"Sikjat Piufong [Box Office of the Past]." On-line at <http://yulok.hkcyber.com/filmshow/record/default.hundred.asp> (consulted 1.07.2003)

SYUN LUNGGEI (1992). *Zunggwok Manfaa dik Samcang Gitkau* [The Deep Structure of the Chinese Culture]. Hong Kong: Zaapjin Se.

TOU GIT (2002a). "Janhou Daai Paaihong [Draining off People as Floodwaters]." *Mingpao* (Hong Kong) 21 July, D1.

TOU GIT (2002b). "Janhou Daai Gitkau [The Grand Structure of the Population]." *Mingpao* (Hong Kong), 2 August 2002, D1.

VENUTI, Lawrence (ed) (2000). *The Translations Studies Readers*. London and New York: Routledge.

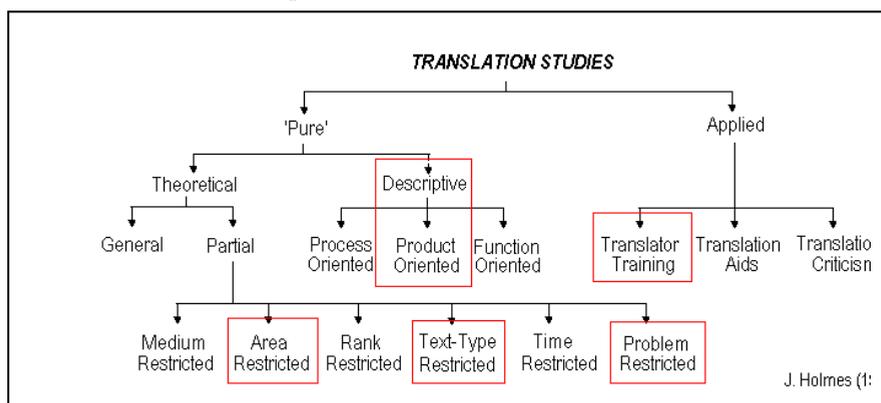
WESTWOOD, Robert, Toni Mehraïn, and Fanny Cheung (1995). *Gender and Society in Hong Kong: A Statistical Profile*. Hong Kong: Hong Kong Institute of Asia-Pacific Studies, The Chinese University of Hong Kong.

WETHERILL, Lornia (1996). *Consumer Behaviour and Material Culture in Britain: 1660-1760*. 2nd Ed. London; New York: Routledge.

A PESQUISA EM TRADUÇÃO LITERÁRIA – PROPOSTA
METODOLÓGICA
Helena Tanqueiro

Uma referência ainda hoje obrigatória no âmbito da investigação em tradução é, sem dúvida, a célebre conferência de James S. Holmes “The Name and Nature of Translation Studies”, apresentada no III Congresso Internacional de Linguística Aplicada (Copenhague, 1972) e publicada numa versão revista e ampliada em *Translated!* (1988), na qual Holmes nos proporciona um esquema teórico sobre o que envolve o estudo científico da Tradução.

Apesar do desfasamento temporal (de 1972 até hoje a investigação tradutológica experimentou um forte avanço conceptual e metodológico), as reflexões de Holmes continuam a ter vigência e a constituir um quadro de referência, sobretudo no que se refere à Tradução Literária. Tomámo-las como



ponto de partida para enquadrar o nosso estudo sobre a autotradução, destacando no esquema de Holmes os campos que consideramos de maior importância para a nossa reflexão: centramo-nos nos “Descriptive Translation Studies”, que se debruçam sobre o produto (neste caso, as traduções realizadas pelo próprio autor), aproveitando também as reflexões teóricas em relação à Tradução Literária e aos problemas específicos desta vertente da Tradutologia como, por exemplo, a tradução das “marcas culturais” que se podem restringir a uma determinada área, no caso vertente, a tradução entre línguas próximas. No âmbito da investigação aplicada, o estudo da Tradução Literária com fins

formativos, continua a ser um campo pouco estudado mas de grande relevância para os estudos de tradução.

Holmes distingue três vertentes da investigação tradutológica descritiva:

- a) os estudos orientados para o produto, quer dizer, sobre o que caracteriza um texto como tradução;
- b) os estudos centrados no processo da tradução, ou seja, sobre o que sucede enquanto se traduz um texto;
- c) os que dizem respeito à função das traduções, quer dizer, ao efeito que têm as traduções na sociedade que as recebe.

Estes últimos, relativos ao estudo descritivo da função da tradução na cultura receptora, tratam a influência que têm as traduções na língua e na literatura das sociedades em que são publicadas e os novos caminhos que abrem ao nível das literaturas nacionais, pelo que Holmes os define como “estudos sobre sociotradução”. Esta abordagem foi desenvolvida por um grupo de estudiosos que, como se sabe, ficaram genericamente conhecidos por “Manipulation School”, denominação inspirada no artigo de Theo Hermans “The Manipulation in Literature: Studies in Literary Translation”, publicado em 1985. Estes teóricos entre os quais se conta André Lefevere, José Lambert, Susan Bassnet-McGuire, Gideon Toury e o próprio Theo Hermans, afirmam que uma “conception of translation as reproducing the original, the whole original and anything but the original” (Hermans, 1985: 9) não passa de uma utopia e substituem “assertations of the type ‘TT (target text) is a translation’ by assertions of the type ‘TT functions as a translation.’” Para estes teóricos, o sistema da cultura terminal ou meta define a forma de traduzir: “from the point a view of the target literature, all translation implies a degree of manipulation of the source text for a certain purpose” (Toury, 1980: 47). Situam-se, portanto, numa posição diametralmente oposta à dos conceitos da tradutologia linguística que se interessam sobretudo por encontrar equivalências entre ambas as línguas.

Os estudos descritivos sobre a tradução orientados para o processo ocupam-se, obviamente, do processo ou acto de traduzir, do que se passa na mente do tradutor enquanto traduz. Holmes afirma que, até àquela altura, não se tinha tentado investigar sistematicamente esse processo em condições de laboratório, mas que os psicólogos estavam a desenvolver métodos “muito sofisticados de análise e descrição de outros processos mentais complexos.” Efectivamente, a partir da publicação do seu artigo “Name and Nature of

Translation Studies”, temos assistido a uma evolução do instrumentário que permite aceder a dados sobre o que acontece dentro da “*Black Box*” a partir de experiências realizadas em laboratório. Estamos a falar, como se sabe, dos *Think Aloud Protocols*, uma metodologia procedente da Psicologia Cognitiva, proposta pela primeira vez por Krings (*Was in den Köpfen der Übersetzer vorgeht* – “O que se passa na mente dos tradutores”, 1986) e que ultimamente tem sido muito utilizada. Este método, conhecido sobretudo pela sua abreviatura “TAP” consiste em gravar em vídeo, para posterior análise, o que o(a) tradutor(a) vai pensando em voz alta enquanto traduz. Os seus principais críticos consideram que os TAPs, no melhor dos casos, só permitem o acesso a processos cognitivos mas nunca a processos automatizados ou criativos, argumentos que vão contra a sua utilização no âmbito da Tradução Literária.

A nosso ver, apenas poderemos ter acesso a dados sobre o processo da tradução literária de maneira indirecta: ou mediante entrevistas aos tradutores, ou escritos sobre essa matéria, – embora segundo Holmes (1976) (utilizamos a tradução espanhola): “muchos traductores, incluso los realmente buenos, son reacios a hablar o escribir sobre su oficio” –, ou então, a nível teórico, a partir do estudo de rascunhos (o que cada vez é mais difícil devido à utilização que quase todos já fazem do computador com a consequente perda de qualquer rasto do processo tradutor), ou ainda das provas (utilizadas ao nível dos Estudos Literários) que nos fornecem informações sobre a progressiva evolução da tradução até à versão definitiva. De acordo com os nossos estudos sobre autotraduções, consideramos que é possível aceder a informação fiável sobre o processo, de maneira indirecta, a partir da análise do produto, neste caso, dos textos traduzidos pelo próprio autor (sempre que possível, em combinação com os manuscritos e entrevistas) uma vez que o resultado destas traduções também nos revela informações sobre o processo criativo da tradução literária, tal como procuraremos demonstrar mais adiante ao longo da presente exposição.

Continuando a seguir o artigo de Holmes, deparamo-nos precisamente com os estudos dirigidos a analisar o produto, portanto, os que têm como objecto descrever traduções existentes e que, tal como o próprio Holmes já postulava naquele momento, foram, são e continuarão a ser de suma importância no âmbito da investigação académica no nosso campo. Por exemplo, a vertente linguística da Tradutologia defende certos postulados que podemos aqui resumir através das próprias palavras de Koller (1979: 8): “La ciencia de la traducción

contrastiva y lingüística debe desarrollar las bases teóricas para la descripción de las relaciones de equivalencia, buscar equivalencias de traducción a nivel sintáctico, semántico y estilístico, debatir los problemas de traducción entre dos lenguas, estudiar las fuentes de error y describir los procedimientos de traducción a nivel léxico, sintáctico y estilístico.”

Nesse sentido, a tradutologia moderna apoia-se na linguística de *corpus* e utiliza programas informáticos com capacidade para analisar grandes quantidades de texto com o fim de detectar, por exemplo, frequências de uso, de colocação, entre outras, mas que também permitem visualizar as concordâncias. No entanto, colocam-se a esta vertente de investigação tradutológica alguns dos típicos dilemas da investigação na nossa área: determinar que traduções hão-de formar parte do *corpus* a analisar, se devem decidir-se por incluir apenas traduções de “bons” tradutores, como seria o caso, por exemplo, de Giovanni Pontiero prestigiado e homenageado tradutor para inglês de grandes autores de língua portuguesa como José Saramago ou Clarice Lispector, ou também traduções mais “normais”, chamemos-lhes assim, para definir, por exemplo, um “erro de tradução”, uma “solução aceitável”, uma “proposta criativa”.

Para ultrapassar estes problemas, a perspectiva da “Manipulation School” analisa as traduções tal como são, com as suas falhas e erros, portanto, como fenómenos históricos e culturais, embora também procure enquanto “ciência empírica”, encontrar regularidades, ou regras gerais, para o comportamento do tradutor (Toury, 1995: 259). Interessa-se por certos aspectos, mas não se centra nem na crítica da tradução nem na optimização da formação de futuros tradutores, aspecto primordial no nosso campo, como já afirma Holmes no referido artigo: “Es evidente que la búsqueda de respuestas fiables y bien fundadas a estas cuestiones [sobre la formación de traductores] constituye una de las áreas de investigación más importantes (y, por lo menos de momento, puede que la más importante) en el campo de los estudios aplicados sobre la traducción”.

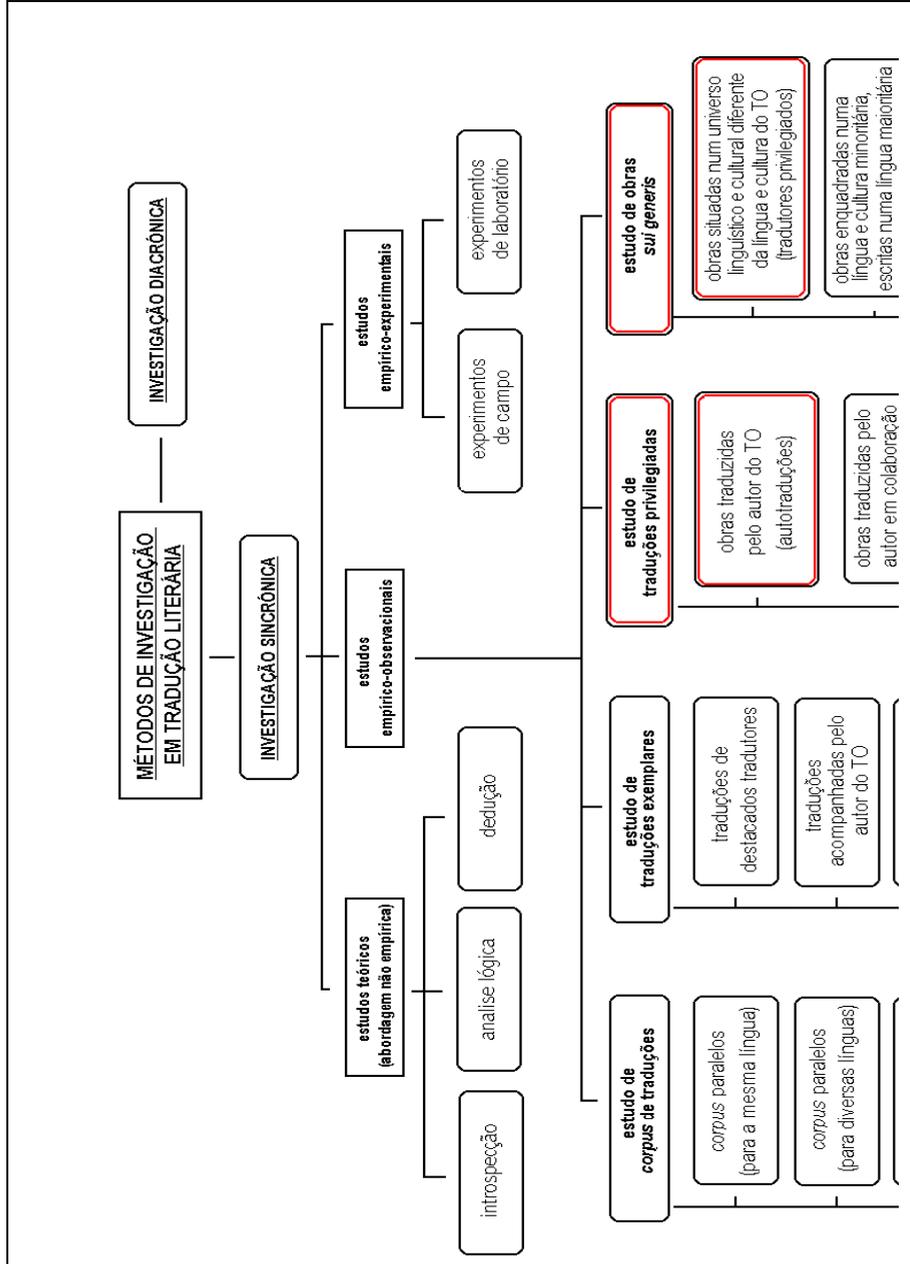
Propomos precisamente concentrar-nos num *corpus* de obras que, devido às suas características, nos podem proporcionar dados “fiáveis” no que diz respeito à prática, crítica e ensino da tradução. No âmbito da pesquisa em Tradução Literária, dependemos em grande medida da análise do texto traduzido, também pelo facto de não ser muito viável, tal como afirmámos antes, observar o tradutor literário durante o processo de elaboração da tradução. Assim sendo, avançamos a proposta de análise, por um lado, de textos traduzidos pelo próprio autor, portanto de

autotraduções, e, por outro, de textos literários em que os autores realizam “tarefas de tradutor”, tais como: traduções acompanhadas pelo autor ou realizadas conjuntamente com o tradutor, ou seja, em “co-autoria”, que podemos considerar traduções “exemplares”. Afiguram-se-nos válidas para delas retirar pautas positivas no âmbito da didáctica da tradução, entre outros aspectos, quanto às estratégias e procedimentos de tradução para ultrapassar determinados problemas. Por outro lado, e para assegurar os resultados, propomos incluir no nosso *corpus*, a análise de obras originais que, a nosso ver, podem fornecer informação relevante para este campo de estudo no que se refere a temas ou problemas muito concretos, como por exemplo, os da tradução de marcas culturais: trata-se de obras situadas por um autor bilingue e bicultural num âmbito linguístico e cultural diferente do da língua e cultura do texto original.

Em nítida oposição à abordagem dedutiva, a que nos acabamos de referir, encontram-se todos aqueles teóricos e investigadores que, partindo de um indutismo férreo, defendem que não se pode falar de ‘ciência’ se a metodologia não é empírico-experimental. No entanto, como já antes referimos, esta metodologia parece não ser aplicável à investigação no domínio da Tradução Literária, pelo menos com os instrumentos de que dispomos actualmente, tratar-se-ia de procurar encontrar relações de causa-efeito o que, do ponto de vista da Tradução Literária, não parece fazer sentido, tal como chama a atenção Klaus Kaindl (1997: 227) quando afirma: “Os objectos de investigação das ciências filosóficas e culturais dificilmente se podem isolar num experimento (...) da mesma maneira que o fazem as ciências naturais dado que aquelas dependem em grande medida de uma abstracção teórica.”

Somos conscientes também das evidentes limitações que tanto a introspecção como a dedução implicam como únicos métodos para obter conhecimentos na nossa área, pois os resultados são *per definitionem* subjectivos e dificilmente extrapoláveis ou generalizáveis.

Sistematizamos estas reflexões no quadro sinóptico sobre o método de pesquisa em tradução literária em que destacamos os objectos de estudo que propomos como um novo acesso a conhecimentos neste campo.



Até há algumas décadas, a Tradutologia centrava-se essencialmente em reflexões de carácter introspectivo-filosófico, de grandes tradutores ou de filósofos, sobre o que deveria ser uma boa tradução, ou nas descrições do método escolhido. Essas reflexões acabavam por converter-se em normas ou regras, mais ou menos prescritivas, baseadas na própria experiência, sobre o que o tradutor deveria saber, fazer ou deixar de fazer, esses “essay-type reflections” como os denomina Daniel Gile (1998: 70). Esta abordagem introspectiva continua a ser válida, hoje em dia, em obras literárias que apresentam extraordinárias dificuldades de tradução. Encontramos prólogos dos tradutores

onde explicam o seu modo de proceder. Ora, essas reflexões, procedentes da prática tradutora, vêm-se complementadas, reconhecida já a Tradutologia como ciência, por outras, de eminentes tradutólogos que apresentam os seus modelos baseados nas perspectivas reflexivo-dedutivas (e muitas vezes axiomáticas) que têm vindo a marcar a pesquisa tradutológica a partir da segunda metade do século XX e nas quais adaptam conceitos desenvolvidos por outros campos científicos para definir o que deve ser a Tradução.

Uma outra importante fonte sobre o proceder do tradutor são os livros escritos por (ou sobre) tradutores que relatam as suas experiências e as suas relações com os autores, bem como entrevistas realizadas a destacados tradutores ou a autores falando sobre a relação com os seus tradutores, publicadas em revistas especializadas, de divulgação, em jornais, na televisão, na Internet. Consideramos que estas fontes de conhecimento continuam a ser de grande relevância no campo da Tradução Literária, pois, através delas podemos aceder a grande quantidade de informação e a dados muito específicos sobre o processo da tradução literária que, de outro modo, nos estariam vetados. Nesse sentido, considerámos oportuno incluir entrevistas aos escritores que traduziram as suas próprias obras, aos autotradutores cujas (auto)traduções analisamos com o objectivo de esclarecer mais profundamente esse processo por pressupormos que as declarações dos mesmos dificilmente poderiam ser questionadas ou consideradas como puras especulações por parte dos detractores do procedimento empírico.

No campo da investigação em Tradução Literária, os métodos empírico-observacionais, que partem da análise sistemática de textos traduzidos para obter dados fidedignos ou fiáveis sobre a tradução, parecem aproximar-se mais do “truly scientific status” que postula Gideon Toury. A metodologia ‘tradicional’ baseia-se, por um lado, no estudo de traduções exemplares e, por outro, no estudo e análise de recompilações de textos traduzidos e na comparação com os textos originais. Patrícia Rodríguez (2000: 10) enumera as vantagens deste trabalho com *corpora*: “Corpus-based observations are intrinsically more verifiable than introspective based judgements; frequency-based data cannot be accurately recovered through introspection; a corpus provides the basis of a much more systematic approach to the analysis of language in terms of the objective verification of results; (...)”. Mona Baker (1998) distingue três tipos de *corpus* que têm maior relevância no campo da pesquisa tradutológica em geral: “*corpus*

paralelos”, “*corpus* multilíngues” e “*corpus* comparáveis”. O estudo dos “*corpus* multilíngues” que consistem em compilações de textos parecidos em diferentes línguas, reveste-se de grande interesse no campo da Terminologia, da linguística comparada e do ensino das línguas, mas não parece apresentar vantagens no âmbito da Tradução Literária. De maior interesse parecem revestir-se os “*corpus* comparáveis” que contêm recolhas de textos originais de um certo domínio e textos traduzidos (mas não correspondem a traduções dos textos originais, são de outros textos) que se revestem das mesmas características e que permitem uma análise comparativa no sentido de encontrar “constantes” tradutoras ou de definir “o tipo de tradução literária”. A análise contrastiva de “*corpus* paralelos”, que se encontram constituídos por textos em língua original com as respectivas traduções para outras línguas (ou por diversas traduções realizadas na mesma língua), é a forma mais comum de trabalho a partir de *corpus*. Esta metodologia é contudo, a nosso ver, bastante problemática na medida em que há que determinar que tipo de traduções hão-de formar parte do *corpus* paralelo: no campo da tradução e, especialmente no da Tradução Literária, não se pode pretender descrever apenas a realidade como se se tratasse de descrever uma doença ou uma corrente literária, trata-se de procurar obter pautas para otimizar a prática, crítica e formação em Tradução Literária: “the very nature of translation”, a que faz alusão Kenny (1998: 50), não é um estado “real” mas um estado “ideal” que há que tentar alcançar. Estas perspectivas levaram certos científicos a concentrar-se novamente no estudo de traduções exemplares. É o caso, por exemplo, de Paul Kußmaul que aposta pela análise de “case-studies” para obter informação sobre os processos que originam traduções criativas, soluções exemplares que podem ser utilizadas como modelo na Didáctica da Tradução. O estudo de “boas” traduções como método para obter conhecimentos na área da Tradução Literária tem, como é sabido, uma longa história. A título de exemplo podemos fazer referência a Laurentius Humphrey, professor de Oxford, que quis dar uma base científica ao estudo da tradução partindo de um posicionamento hermenêutico (*De ratione interpretandi libri III*, Basileia, 1559). Esta primeira perspectiva de estudo da Tradutologia tinha como objecto de pesquisa a tradução dos textos clássicos do grego e do latim para o inglês da época, baseando-se numa interpretação dogmática e seguindo regras derivadas dos “grandes dicionários” e gramáticas. Tratava-se de analisar traduções célebres para obter modelos a partir dos quais realizar “boas

traduções” e, conseqüentemente, poder determinar também se uma tradução era “boa” ou “má”. Ora, neste tipo de análise o problema reside sobretudo em determinar o que é uma “boa tradução”. Para tal, a Tradutologia começa a interessar-se pelas traduções acompanhadas de perto pelo autor, desse modo, podia-se cumprir mais efectivamente o postulado da objectividade científica: se o próprio autor apoia o trabalho do seu tradutor e dá o seu aval à tradução, então, pode-se partir do princípio de que se trata de um texto digno de análise e já não se necessita de recorrer a “critérios externos” para definir o que é uma “boa tradução”. Neste contexto um caso a destacar é o de Karl Marx que trabalhou em estreita colaboração com o tradutor para francês da sua obra *O Capital* (1868) e que fez a revisão (sem a intervenção do tradutor) da segunda edição publicada por Maurice Lachatre et Cie, Paris, 1875, o que torna esta tradução quase uma autotradução. Um outro caso interessante e que constitui um caso singular de aceitação do trabalho do tradutor por parte do autor é-nos relatado com surpresa por Joseph S. M. Lau (1995) relativamente a Gabriel García Marquez: “One gains renewed confidence in the profession when it is reported that Gabriel García Márquez, author of *One Hundred Years of Solitude*, ‘prefers Rabassa’s English translation of his masterwork to the Spanish original’. But such success stories are rare”.

Mas poder-se-ia questionar até que ponto o estudo das traduções acompanhadas pelo autor não dão resultados semelhantes ao estudo das autotraduções. De facto, há diferenças substanciais. Embora ambas levem a chancela de sancionadas pelo próprio autor, no estudo de traduções exemplares, como as que são acompanhadas pelo próprio autor do texto original, o produto, ou seja, a tradução, não permite isolar a influência e a intervenção do autor.

Nesta linha de pensamento, propomos debruçar-nos sobre o estudo do que designamos como “traduções privilegiadas”, ou seja, das obras traduzidas pelo autor bilingue e bicultural do texto original em colaboração com o seu tradutor (co-autoria), em relação às quais temos em circunstâncias e ocasiões diversas informação directa dada pelo próprio autor sobre o seu papel e a sua intervenção. Mas consideramos que é sobretudo através do estudo das autotraduções, que se pode detectar e determinar essa intervenção (a tradução é na sua totalidade da sua autoria) e delimitar as fronteiras entre a sua actuação como tradutor e autor. Além disso só estas possibilitam estabelecer, sempre a partir da comparação com o original, a diferença mais objectiva entre o que é matéria de trabalho do autor

(os limites da liberdade que lhe advém da autoridade que possui em relação à criação da sua obra) e o que é específico da tarefa do tradutor. Daí que as designemos como privilegiadas, o seu estudo permite-nos obter conclusões (tanto a nível positivo como negativo) que não nos são facultadas através de qualquer outra tradução nem de outros tipos de análise. Daí também o motivo de dedicarmos esta proposta ao estudo de autotraduções.

Acrescentamos ainda um novo acesso a esse conhecimento através do estudo de obras originais que acabam por revelar-se, pelas suas características “sui generis”, de especial importância para a investigação em Tradução Literária uma vez que o autor assume, teoricamente, em algumas partes, tarefas de tradutor, especialmente no que se refere ao retrato da outra cultura. Trata-se de obras cuja acção se encontra situada num ambiente linguístico e cultural diferente do da língua e cultura em que se encontra escrito o texto. Dentro deste tipo de obras inserem-se as que retratam países “exóticos” e, certamente também, uma boa parte da literatura de viagens. Existem inúmeros exemplos desta literatura através da qual os autores nos dão a conhecer e nos explicam a outra cultura mas vista de fora, do ponto de vista de observadores externos que não são nem bilingues nem biculturais, como por exemplo George Orwell na sua *Hommage to Catalonia*. Outro exemplo deste tipo de perspectiva assumidamente dada “de fora” é a de Pep Subirós, conhecido escritor catalão que tem várias obras sobre o Norte de África e que nos explica abertamente a posição em que se coloca: “No espero res (...) Ser només un foraster, un passavolant, un *voyeur*, curios, però indiferent” (p. 35). Ora, para a presente análise, este tipo de obras (embora possam ter interesse para outro tipo de estudo do ponto de vista tradutológico) não nos fornece dados significativos, revelando-se mais frutuosas obras de autores que se colocam na posição oposta, de autores bilingues e biculturais, que dão uma perspectiva “a partir de dentro” por exemplo, autores africanos ou asiáticos que, por diversas razões, que também terão interesse para o estudo da “Sociotradutologia”, como refere Holmes, decidem escrever as suas obras nas línguas de comunicação oficial como sejam o português, o inglês ou o francês, através das quais apresentam e explicam as suas respectivas culturas. No processo da escrita de muitas destas obras, os autores, consciente ou inconscientemente, acabam por utilizar procedimentos de tradutor, podendo este tipo de obras também fornecer dados válidos para este campo de estudo, o da Tradutologia. O mesmo sucede em países essencialmente bilingues como Catalunha, Galiza,

Euskadi (e um longo etc.) onde muitos escritores decidem (por razões que aqui não cabe abordar), recorrer à língua maioritária (neste caso o espanhol) para retratar a cultura minoritária, neste caso a basca, a catalã, a galega. De acordo com a nossa linha de trabalho, propomo-nos aprofundar a análise de um caso que também consideramos privilegiado, de um autor bilingue e bicultural, Antonio Tabucchi, que tratando na sua obra *Sostiene Pereira* uma cultura, a portuguesa, diferente daquela em que a escreve - e, conseqüentemente da dos seus leitores originais - a italiana, utiliza naturalmente procedimentos de tradução para transmitir essa cultura da maneira como deseja que a recebam, porque na sua qualidade de bilingue e bicultural está numa posição privilegiada para o fazer, convertendo-se assim, à semelhança dos autotradutores, num “tradutor privilegiado”, sobretudo de referentes culturais, do ponto de vista do acesso ao estudo do processo tradutor. Podemos indicar, nesta mesma linha, entre muitos autores, alguns outros casos que podem servir de exemplo: Eduardo Mendoza que situa a acção da sua obra-prima *La ciudad de los prodigios* em Barcelona, vê-se obrigado a realizar, dentro do próprio texto original, traduções para castelhano de diversas referências da cultura catalã; o mesmo sucede na obra *Todas las almas*, do autor espanhol Javier Marias, cuja acção se encontra situada no ambiente mais tradicional de Oxford onde o autor viveu vários anos.

De acordo com esta perspectiva, seria certamente plausível incluir também a literatura do exílio ou a da imigração que é cada vez mais frequente na Europa multicultural de hoje. Frequentemente, sobretudo quando se trata de escritores menos conhecidos, eles mesmos se autotraduzem. A este respeito comenta J. C. Santoyo, eminente estudioso no campo da tradução diacrónica, que, só nos Estados Unidos, existem cerca de 300 autores *chicanos* que autotraduzem as suas obras transculturais.

Em suma, a nosso ver e de acordo com as análises que realizámos, a autotradução inclui-se dentro do âmbito específico da Tradução Literária e pode constituir um contributo válido, uma linha de investigação alternativa, tanto para esta como, por extensão, para a Crítica e Didáctica da Tradução, pelas seguintes razões fundamentais:

- o autotradutor, como caso extremo da dialéctica autor-obra / tradutor-obra possui uma autoridade inquestionável em relação à sua tradução porque nunca a poderá interpretar incorrectamente e é privilegiado pela sua dupla qualidade de autor e tradutor;

- o seu estudo, enquanto casos extremos da relação entre obra original e tradução, permite objectivar alguns dos problemas com que nos enfrentamos na análise de traduções literárias resultantes do facto de autor (escritor da obra original) e tradutor (escritor da obra na língua terminal) serem pessoas diferentes;
- as autotraduções podem servir de modelo autorizado para determinar em que momentos, em que contextos e através de que estratégias, técnicas ou procedimentos de tradução actua o (auto)tradutor;
- a autotradução pode fornecer dados para precisar conceitos tais como os de “lealdade”, “fidelidade”, “liberdade” do tradutor, entre outros, permitindo-nos focalizar o produto mas também o processo e, sobretudo, isolar factores que, sem ser na autotradução, dificultam aproximar-nos a uma análise mais objectiva.

Como casos “sui generis” de autotradutores podemos considerar aqueles autores bilingues e biculturais que, situando as suas obras num contexto cultural e linguístico diferente do da língua e cultura original, realizam (mentalmente) no texto original e no decurso da escrita da obra, simultaneamente tarefas de autor e de tradutor (pelo menos no que se refere estritamente ao tratamento dos referentes culturais) na medida em que dominam ambas as línguas, conhecem profundamente (quais nativos) as duas culturas, assumem o papel de mediadores ou intermediários entre elas e, no seu texto, já partem dos conhecimentos que possuem os seus leitores sobre a cultura de referência, procurarão evidenciar só as conotações que sabem que eles não poderão interpretar e, com os seus procedimentos poderão servir de modelo aos tradutores para outras línguas.

BIBLIOGRAFIA

BAKER, Mona (Ed.) *Encyclopedia of Translation Studies*. London e New York: Routledge, 1997.

GILE, Daniel “Observational Studies and Experimental Studies in the Investigation of Conference Interpreting”. In: *Target*, 10,1, 1998. 69-93.

HERMANS, Theo. “Descriptive Translation Studies”. In: Snell-Hornby M., Hönl, H.G., Kußmaul, P., Schmitt, P.A. (Eds.). *Handbuch Translation* . Tübingen, Stauffenburg, 1998. 96-101.

HOLMES, J. S. " Describing Literary Translations: Models and Methods". In: Holmes, J.S. (Ed.): *Translated!* .Amsterdam: Rodopi, 1988.

HOLMES, J. S. *Translated!* Amsterdam, Rodopi, 1988.

KAINDL, Klaus. “Wege der Translationswissenschaft - Ein Beitrag zu ihrer disziplinären Profilierung”. In: *Textcontext*, 11 = NF 1, 1997. 221-246.

KENNY, D. “Corpora in Translation Studies”. In: Baker, M. (ed.): *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Londres: Routledge, 1998. 50–53.

KOLLER, Werner. *Einführung in die Übersetzungswissenschaft*. Heidelberg: Quelle & Meyer, 1979.

LAU, J.M.S. "Author as Translator". In Sin-wai Chan and Pollard, D.E.: *Encyclopaedia of Translation: Chinese-English/English-Chinese Translation*. Hong Kong: The Chinese University Press, 1995.

RODRÍGUEZ INÉS, P. Application of Corpus Methodology and Techniques to the Study of Ideology in Translation. Barcelona, Universidad Autónoma, 2000.

SUBIRÓS, Pep. *La Rosa del dessert*. Barcelona: Destino, 1993.

TANQUEIRO, Helena. "Traduir una obra autotraduïda". In: *Quaderns Divulgatius*, 8. V Seminari sobre la Traducció a Catalunya. Barcelona: Associació d'Escriptors en Llengua Catalana, 1977.

TANQUEIRO, Helena. "El Autotraductor - un traductor privilegiado". In: *Quaderns. Revista de Traducció*, nº 3, 1999. 19-27.

TANQUEIRO, Helena. "Self-translation as an extreme case of the author-work-translator-dialectic". In Beeby, A., Ensinger, D., Presas, M. (Eds.). *Investigating Translation*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2000. 55-64.

TOURY, Gideon. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam, John Benjamins Publishing Company, 1995.

ASPECTOS TEÓRICOS Y PRÁCTICOS DE LA INTERPRETACIÓN DE CONGRESOS DE MEDICINA

Lucía Ruiz Rosendo

Los congresos de medicina se destacan como uno de los eventos multilingües que se celebran con más frecuencia en el panorama español, y sus organizadores suelen recurrir a los servicios de interpretación. Dados estos dos factores, los congresos de medicina brindan grandes posibilidades laborales a los intérpretes de conferencias, especialmente aquellos cuya combinación lingüística es inglés-español, pues actualmente el inglés se define, sin duda alguna, como la lengua por excelencia de la medicina.

No obstante, la interpretación médica constituye un área de investigación en la que se han realizado muy pocos estudios en comparación con otros ámbitos en lo que se practica la interpretación. Por otra parte, la escasa bibliografía existente se centra casi exclusivamente en el tema de la preparación del intérprete y en las características del lenguaje médico, si bien hay una minoría de estudios sobre otros aspectos (nivel de especialización, fuentes documentales, evaluación de la calidad). De este modo, se observa la falta de una obra amplia y multidimensional que examine conjuntamente la amplia gama de aspectos que conforman la interpretación de congresos de medicina.

Dentro de la línea de investigación de la interpretación especializada, consideramos que el primer paso era “ordenar” el cúmulo de información existente con el objetivo de aunar las facetas más destacadas de la interpretación de congresos especializados, en general, y de los congresos de medicina, en particular. En definitiva, partimos de la base de que el análisis del estado de la cuestión, es decir, de las posturas, comentarios, teorías y postulados de los distintos autores que han escrito sobre interpretación especializada y médica, constituye el punto de partida básico para cualquier trabajo de investigación futuro.

Por otra parte, con el fin de verificar si estos aspectos teóricos se corresponden con la práctica profesional, decidimos realizar un estudio exploratorio retrospectivo mediante la elaboración de cuestionarios dirigidos a

intérpretes de conferencias ubicados en España y especializados en el campo de la medicina. Nuestra hipótesis de partida es que existen determinadas teorías establecidas a priori que no se han demostrado empíricamente, y que algunas de ellas se corresponden parcialmente con la situación real de la profesión.

El cuestionario se compone de cuatro bloques de preguntas: 1) datos personales y profesionales para obtener el perfil prototípico del intérprete profesional especializado en el campo de la medicina; 2) datos contextuales; 3) datos sobre la preparación, y 4) datos sobre el flujo de la información en el contexto de la comunicación especializada. Cada uno de estos bloques pretende examinar un aspecto concreto de la interpretación especializada médica. Con el propósito de optimizar su eficacia y rigurosidad, el cuestionario fue sometido a un proceso de revisión y validación por psicólogos especializados en estadística inferencial. Hasta el momento contamos con 20 cuestionarios, un número que puede parecer en principio escaso, pero que es muy representativo teniendo en cuenta que los encuestados son intérpretes profesionales, en su mayoría miembros activos de AICE, especializados en congresos de medicina.

En este artículo, presentamos los resultados obtenidos hasta el momento por considerar que estos datos ilustran de alguna manera la situación real y nos permiten realizar un análisis contrastivo teórico-práctico con el último propósito de corroborar nuestra hipótesis de partida.

En definitiva, el propósito del presente artículo es resumir brevemente los aspectos lingüísticos, contextuales, profesionales y comunicativos de los congresos especializados en general, y de medicina, en particular, y realizar un análisis contrastivo entre los postulados teóricos que hemos hallado a lo largo de la bibliografía consultada y la situación real descrita por las respuestas a los cuestionarios.

Aspectos lingüísticos

Los factores lingüísticos constituyen la base de la interpretación de los congresos de medicina. Para tener una comprensión adecuada y completa de estos factores, resulta fundamental ubicar a la interpretación médica en el marco general de la interpretación de congresos especializados, ya que comparte con los demás tipos de interpretación especializada la complejidad y especificidad del intercambio informativo y del lenguaje utilizado. De hecho, la información que se transmite e intercambia en este tipo de reuniones se

caracteriza por reflejar las experiencias de un determinado sector de la población que comparte un grado muy elevado de conocimiento especializado, el cual se diferencia del general en que ha sido creado por especialistas para estructurar un determinado ámbito de conocimiento. El vehículo de transmisión de este conocimiento especializado serían los lenguajes especializados, que se caracterizan por poseer unas peculiaridades específicas que lo diferencian del lenguaje general, aún sin apartarlo totalmente de éste, como pueden ser la temática, el tipo de interlocutor, la situación comunicativa, la intención del hablante, el medio en que se produce el intercambio comunicativo o el tipo de intercambio (Cabré 1993).

El lenguaje médico se engloba dentro de los lenguajes especializados al ser el vehículo de transmisión del conocimiento especializado médico. Existen múltiples estudios que analizan por separado uno o varios aspectos del lenguaje médico, pero casi todos se centran exclusivamente en el nivel léxico-semántico, obviando en cierto modo las características pertenecientes a los niveles morfosintáctico, fonético-fonológico y estilístico. Por otra parte, se percibe, con la salvedad del magnífico trabajo de Gutiérrez Rodilla (1998), la falta de una obra sistemática, multidimensional y comprensiva que aúne todas las características del lenguaje médico. Asimismo cabe destacar que la mayoría son estudios que presentan clasificaciones y criterios propios del autor y, por lo tanto, no hay una terminología uniforme ni unos parámetros de descripción sistematizados de los rasgos del lenguaje médico.

En un principio, el lenguaje médico debería caracterizarse, como todo lenguaje científico, por su carácter universal, concisión, objetividad, exactitud, monosemia del léxico, propiedad y corrección, claridad y precisión, ausencia de expresividad y emoción, significado y connotación claramente definidos con el objetivo de evitar cualquier tipo de confusión y permitir la comunicación universal. Por otra parte, debería utilizar frases sencillas y cortas, evitando expresar excesivas ideas en una misma frase, utilizando términos corrientes y conocidos, y tendiendo a huir de los recursos lingüísticos y figuras literarias.

No obstante, el lenguaje médico está, en ocasiones, lejos de caracterizarse por su precisión y rigor, ya que es víctima en ciertos casos de diversos fenómenos lingüísticos que lo contaminan y provocan una pérdida de precisión y claridad en el mensaje, lo que constituye uno de los obstáculos más serios a los que debe enfrentarse continuamente el intérprete de congresos de medicina.

Este alejamiento del rigor lingüístico es una consecuencia inevitable de la influencia del inglés en el español médico actual, y se manifiesta fundamentalmente en el nivel léxico-semántico. Así, en el lenguaje médico encontramos casos de polisemia (*síndrome de Cushing* y *signo de Babinski*), sinonimia (*nefropatía* y *renopatía*) y homonimia (*metrología*, que significa “ciencia de la medida” y “saberes acerca del útero”); extranjerismos (*rash*), préstamos y calcos (*despistaje*); neologismos (*estadiaje*); abreviaturas, acrónimos y siglas (VLDL); epónimos (*enfermedad de Banti*); metáforas y sinécdoques (*cuello de búfalo*); onomatopeyas (*borborismo*); elipsis (*no antecedentes*) y falsos amigos (*anthrax* = *carbunco*, y no *ántrax*). En el nivel morfosintáctico, también se manifiesta la irrupción del inglés, y encontramos casos de abuso de la voz pasiva y del gerundio, confusión en el género gramatical, errores de puntuación, solecismos, verbos inflacionarios, abundancia de locuciones prepositivas y de construcciones negativas, expresiones mal construidas, problemas desinenciales, conversión de verbos intransitivos en transitivos, etc. Por último, cabe destacar los errores de acentuación en el nivel fonético-fonológico.

Por otra parte, la medicina no permanece ajena a los procedimientos de creación y formación de términos, en parte debido a su inmersión en un dinamismo y progreso constantes. Los procedimientos básicos de formación terminológica en medicina son la derivación (*adip* < *adipocito*) composición (*micro-bio*), combinación (*puer-i-cultura*), los compuestos sintagmáticos y estructuras sintagmáticas (*microscopía de barrido*), la compresión (LDL), el préstamo y el calco (*randomización*).

Partimos de la base de que al intérprete le resulta de gran utilidad tener un conocimiento previo de las características del lenguaje médico y de los procedimientos de creación de términos, el cual puede permitirle, llegado el momento, ahorrar tiempo y esfuerzos en la preparación del congreso y elegir con más acierto y precisión las estrategias y tácticas en cabina. Esta hipótesis es compartida por los intérpretes profesionales encuestados, quienes apoyan la importancia de conocer el lenguaje médico, no sólo la terminología, sino también la fraseología y el estilo, considerados imprescindibles (67%) y muy importantes (33%). Por otra parte, también confirman la conveniencia de conocer de antemano los procedimientos de formación y creación de términos (60 %).

Aspectos contextuales

Conocer los tipos de eventos médicos que recurren con más frecuencia a los servicios de interpretación y las características y problemas inherentes de cada uno de ellos también le puede resultar de cierta utilidad al intérprete que se vaya a especializar en congresos de medicina. Sin embargo, hemos observado que la literatura existente es poco abundante, con la excepción de la clasificación presentada por Gile (1989) y Pöchhacker (1995) de las reuniones especializadas en general, y de la categorización aplicada a los acontecimientos médicos de Martín y Jiménez (1998) y de Martín (2002). Siguiendo esta última clasificación, entre los eventos médicos multilingües se destacan los macrocongresos, los seminarios o cursos, las presentaciones de productos, las conferencias especiales y las conferencias de prensa. Examinaremos muy brevemente algunos de sus rasgos y de los problemas y ventajas que suele encontrar el intérprete al trabajar en cada uno de ellos.

Los *macrocongresos médicos* constituyen el tipo de reunión más frecuente en el mundo de la medicina y normalmente presentan una estructura bastante compleja: el congreso se abre con una sesión plenaria, y a continuación se celebran varias sesiones simultáneas. El contenido informativo se caracteriza por su densidad, intensidad y tecnicidad, tanto que los mismos delegados no son a veces capaces de procesarla.

La tarea del intérprete es bastante ardua, debido al alto nivel de especialización. Cabe destacar que, aunque el intérprete estuviera especializado en medicina, no le sería mucho más fácil acometer un encargo de este tipo, puesto que la gama de temas, todos igual de especializados pero diferentes entre sí, puede llegar a ser amplísima. La documentación previa no suele escasear, pero su gran extensión unida a las limitaciones de tiempo y el alto grado de tecnicidad de los temas dificulta la preparación. Otro de los problemas a los que tiene que enfrentarse el intérprete es que si su público es reducido, los participantes se olvidan de los posibles problemas lingüísticos y se expresan obviando la presencia de sus colegas extranjeros.

Los *seminarios o cursos* suelen organizarse bajo los auspicios de los departamentos hospitalarios y la Facultad de Medicina con el fin de facilitar la especialización o introducir nuevas técnicas. Se trata de eventos con un contenido informativo altamente especializado, aunque se dan una serie de

circunstancias que facilitan el proceso de preparación del intérprete: número reducido de participantes (estructura menos compleja), homogeneidad en los objetivos de los destinatarios, gran interés y motivación por parte de los mismos y dependencia de la interpretación.

El contenido suele ser denso y técnico, pero se suele centrar en un área de especialización, por lo que se evita la diversidad y fragmentación temática propia de los macrocongresos. El material, dado su objetivo didáctico, suele estar bien estructurado para facilitar su asimilación por parte de los receptores, lo cual ayuda también al intérprete. En definitiva, la mayor concreción del tema permite acotar los conocimientos terminológicos y conceptuales, lo cual es una ventaja para el intérprete: la documentación suele incluir manuales o artículos escritos por los oradores y normalmente se facilita al intérprete el acceso a los mismos.

Las *presentaciones de productos* son acontecimientos bastante frecuentes en el ámbito biomédico y se suelen celebrar bajo los auspicios de un laboratorio. Suelen ser breves y el propósito es lanzar nuevos productos al mercado. Aunque la función de este tipo de evento supone en teoría que el organizador colabore con el intérprete, no suele haber normalmente un contacto directo entre ellos. En caso de proporcionar a los intérpretes la documentación, ésta suele ser altamente especializada, por lo que el intérprete se ve obligado a realizar un buen trabajo de preparación. Por otra parte, el grado de conocimiento especializado de la persona que presenta el producto es similar a la de los receptores y mucho más elevado que el del intérprete. Esto contrasta con los seminarios y algunos macrocongresos en los que los oradores suelen poseer un conocimiento más especializado que los receptores. Además, su brevedad significa a veces que, precisamente cuando el intérprete empieza a sentirse más cómodo, se termina la presentación. Por todos estos factores, este tipo de evento puede ser uno de los más difíciles de interpretar en el ámbito biomédico.

Las *conferencias especiales* se celebran en algunos casos como parte de una reunión nacional de una asociación de médicos especialistas que invita a un experto extranjero para que se dirija a los miembros de la asociación; en este caso, el intérprete sólo tiene que interpretar esta conferencia y no toda la reunión. En otras ocasiones, la conferencia constituye una actividad única, con lo que las complejidades estructurales se reducen considerablemente.

Este tipo de evento se caracteriza por ser breve, con un contenido informativo denso y especializado, un flujo unidireccional y un desequilibrio total en cuanto a las lenguas utilizadas. El intérprete suele disponer de documentación para la preparación, y el tema es más preciso que en los macrocongresos y más fácil de acotar. No obstante, existe una desproporción entre el tiempo invertido en la preparación y el dedicado a la interpretación. En este tipo de evento, se sitúan las retransmisiones de intervenciones quirúrgicas.

Por último, las conferencias de prensa suelen tener lugar en el marco de alguno de los eventos mencionados anteriormente. De todos modos, la situación está cambiando, ya que cada vez hay más congresos médicos que se celebran en inglés, y al intérprete se le contrata exclusivamente para asistir en la conferencia de prensa. La información es menos especializada que aquella tratada en cualquier tipo de reunión anterior.

Según los resultados obtenidos en los cuestionarios, los eventos multilingües que más se organizan en el campo de la medicina son, por orden de frecuencia, los seminarios y cursos, los macrocongresos, las presentaciones de productos y las conferencias especiales, normalmente de personalidades invitadas. En los congresos, la modalidad de interpretación más frecuente es, por unanimidad, la simultánea, seguida por la consecutiva y por la bilateral en menor medida.

Centrándonos en el macrocongreso de medicina, existe una serie de factores externos que condicionan el trabajo y la preparación del intérprete, es decir, el intérprete, cuando trabaja en un congreso, se enfrenta a un acontecimiento comunicativo complejo constituido por numerosos textos individuales, en el que las propiedades del todo presentan una mayor envergadura que la suma de sus partes. Por lo tanto, se sugiere que el intérprete, a fin de optimizar su trabajo, esté al tanto de todos estos factores, en otras palabras, que considere el congreso como un *hipertexto* (Pöchhacker 1992).

Algunos de los elementos contextuales que juegan un papel más relevante en la comprensión global por parte del intérprete son las *características de los participantes*, la *temática*, el *formato de exposición de la información* y los *objetivos* que persigue el congreso. Conocer de antemano las características de estos elementos supone una ventaja para el intérprete. Dada su importancia, hemos incluido en el cuestionario dos preguntas relativas a dos de estos elementos: el tipo de participantes y la temática.

En cuanto al primer elemento, el 83% de los encuestados opina que los *participantes* más asiduos a los congresos de medicina son los médicos del sector público y privado, seguidos de los profesores, investigadores y estudiantes. En cuanto al segundo elemento, es decir, la *temática*, no hay un consenso claro entre los encuestados. El 22% dice que no hay ningún tema que se repita y el 78% sí cree que lo haya. La rama de la medicina más mencionada es la traumatología (38%), seguida por la cardiología, el SIDA y la oncología. Otros temas frecuentes son la genética, odontología, cirugía digestiva e hipertensión, seguidos por la medicina preventiva, bioquímica y biofísica, dermatología, veterinaria, cirugía ortopédica, radiología, medicina interna, pediatría, salud materno-infantil y la presentación de nuevos medicamentos. Esto nos indica que el intérprete profesional debe estar preparado para saber enfrentarse con éxito a una amplia gama de temas.

Dentro de los factores contextuales, cabe destacar la gran importancia de los apoyos visuales, los cuales se podrían subdividir en estáticos (transparencias, diapositivas, objetos en vivo) y dinámicos (películas, escenificaciones y demostraciones en vivo), o dependiendo del tipo de relación que guardan con el contenido verbal que se emite simultáneamente. Así, cabe distinguir entre apoyos visuales de fondo (diapositivas o transparencias que no guardan relación alguna con el discurso), apoyos visuales de contenido sintético (cuando el orador se basa en esquemas o palabras clave para elaborar un discurso en el que añade mucha información a la aportada por la diapositiva o transparencia), apoyos visuales de contenido analítico (cuando contienen información complementaria a la ponencia y el orador tan solo extrae algún dato relevante) y apoyos visuales de contenido similar (cuando el orador lee, a veces con pequeñas variaciones, el texto contenido en el apoyo visual). La información que contienen es muy variada: sobre la estructura del discurso, terminológica, equivalentes (en el caso de los ponentes que pronuncian su discurso en español pero lo acompañan de diapositivas en inglés), cifras, siglas o nombres propios (Villazón 1997).

A este respecto, existe un consenso unánime entre los encuestados sobre la frecuencia de utilización de los apoyos visuales en los congresos de medicina, y todos citan al Power Point como el elemento visual actual por excelencia. Otros apoyos visuales mencionados son los vídeos (83%), las diapositivas (66%) y las transparencias (45%), e incluso la transmisión directa desde el

quirófano. Dada la frecuencia de la utilización de apoyos visuales, una buena visibilidad de la pantalla de proyección y de los ponentes es considerada imprescindible en la mayoría de los casos.

Aspectos profesionales

Una de las paradojas más debatidas en el mundo de la interpretación especializada es el hecho de que los especialistas necesiten de personas no especialistas para poder comunicarse entre sí sobre temas especializados. La pregunta que se plantean tanto intérpretes como especialistas de distintos campos es si un intérprete no especialista en un ámbito determinado es capaz de acometer con éxito un trabajo de interpretación en ese ámbito. Hay autores que sostienen que sólo un especialista puede interpretar discursos de su especialidad, aunque ésta no es la visión más frecuente en los círculos de traducción e interpretación profesionales, en los que se suele compartir la idea de que, si se cumplen ciertas condiciones, los no especialistas pueden interpretar material especializado de forma satisfactoria.

A este respecto, existen básicamente cinco vertientes: 1) la que aboga por el papel generalista del intérprete; 2) la que defiende la especialización del intérprete; 3) la “vertiente mixta”, que opina que el intérprete debe especializarse en un campo sin dejar de trabajar en todos los demás; 4) la que considera que los especialistas en un determinado ámbito se encuentran en una mejor posición para realizar ellos mismos los encargos de traducción y de interpretación, y 5) la que aboga por la colaboración de los intérpretes con los especialistas de un determinado campo del saber. La vertiente generalista es, sin duda, la que más adeptos ha tenido a lo largo de la historia de la interpretación. No obstante, cada vez hay más intérpretes y usuarios que abogan por la especialización, si bien insisten en que limitarse a un solo campo no es realista ni práctico a efectos profesionales y económicos.

En esta línea, casi el 90% de los encuestados afirma que para llevar a cabo un trabajo de calidad el nivel de especialización que debe tener un intérprete de medicina debe ser muy alto, aunque la mayoría declara que un médico casi nunca está mejor preparado que un intérprete. Para adquirir este nivel de especialización, el 55% ha realizado cursos o seminarios de formación en medicina, frente a un 45% que reconoce no haber hecho ninguno. Este mismo porcentaje es el que considera que no son indispensables, frente a un 33% que

dice que son indispensables dependiendo de factores como la frecuencia con que se interprete en congresos de medicina o del nivel de especialización que se desee adquirir.

No obstante, a pesar de la falta de acuerdo sobre el nivel de especialización del intérprete, donde sí existe un consenso generalizado es en la importancia de la preparación adecuada de cualquier tipo de congreso especializado, ya que se trata del proceso a través del cual el intérprete adquiere los elementos conceptuales y terminológicos que lo capacitan para desempeñar su trabajo. Con tal fin, las fuentes documentales de las que dispone el intérprete son las enciclopedias, diccionarios especializados bilingües y monolingües, glosarios, manuales, obras de divulgación, revistas y libros especializados, léxicos elaborados por el propio intérprete, consulta a expertos e Internet, que constituye la fuente por excelencia de la época actual, especialmente en los campos científicos y técnicos más modernos.

Siguiendo con el cuestionario, el material más consultado en cabina y considerado más útil y eficaz son los glosarios (83%), seguidos de los diccionarios (60%) y de las fichas con términos clave (30%). Otros subrayaron la utilidad de las listas de términos por ponencias, los artículos en el idioma de llegada sacados de Internet, y los apuntes y esquemas propios. Como fuente de documentación, Internet es considerado muy importante (44,4) e imprescindible (28%).

En cuanto al proceso de preparación, en la bibliografía se advierte la carencia de un método sistematizado común de las fases de preparación y la falta de criterios reconocidos a la hora de seleccionar las fuentes documentales, de lo que se infiere que cada intérprete elige el procedimiento de preparación y las fuentes de documentación de acuerdo a sus necesidades, conocimientos sobre el tema y circunstancias laborales. No obstante, la mayoría de los autores es partidaria de la preparación *por fases*. La primera fase es la que se realiza en casa o en bibliotecas durante los días o semanas antes del congreso. Las ventajas de esta preparación son obvias: el intérprete puede disponer de su tiempo como guste y desplazarse a su antojo, así como detectar los términos susceptibles de plantear problemas y buscar soluciones con la ayuda de especialistas o de documentos paralelos.

La segunda fase sería la preparación de última hora, que se llevaría a cabo en el lugar de celebración del congreso antes de su comienzo. El problema

principal lo constituyen las limitaciones de tiempo, ya que los intérpretes sólo disponen de algunos minutos o decenas de minutos (en pocos casos de horas cuando se organizan sesiones de *briefing* o durante un viaje con los delegados) para preguntar a especialistas o colegas sobre términos que pueden plantear problemas. Durante esta segunda fase, se pueden recoger datos terminológicos más fiables y pertinentes que aquellos recogidos durante la preparación en casa, ya que las fuentes son los propios participantes del congreso que comunican al intérprete el vocabulario que ellos mismos utilizan.

La última fase sería la preparación durante el congreso, que se produciría una vez que éste ya ha comenzado. Tiene aún más restricciones de tiempo y de acción que la fase anterior. Sin embargo, en cabina, el intérprete escucha a menudo pronunciar palabras que buscaba en la lengua meta, lo que le permite resolver algunas dudas puntuales.

En la práctica real, el 100% de los encuestados se decanta por la preparación en casa. El 55,5% también dice prepararse en cabina, y el 44,4% una vez en el congreso, justo antes de que empiece. Otro 44,4% también asiste a sesiones de *briefing*, y algunos también mencionan las bibliotecas especializadas como lugar de preparación.

En este punto, cabría hacerse la pregunta de si es suficiente con una buena preparación terminológica para realizar con éxito un trabajo de interpretación, sin realizar una preparación conceptual profunda o si, por el contrario, basta con una buena preparación conceptual para realizar satisfactoriamente una interpretación, sin realizar una preparación terminológica profunda. Las tres tendencias principales observadas a lo largo de la bibliografía son: un grupo que defiende la preparación conceptual, alegando que sin comprender un determinado tema no se puede realizar un buen trabajo de interpretación; otro grupo de autores para los que la preparación es básicamente sinónimo de documentación terminológica; un tercer grupo que aboga por realizar un trabajo de preparación tanto conceptual como terminológica.

A este respecto, resulta interesante observar la opinión de los intérpretes encuestados: el 50% dice prepararse tanto a nivel terminológico como conceptual. El 44,4% afirmó optar por la preparación terminológica y sólo uno opta por la conceptual. Por otra parte, cuando existen limitaciones de tiempo, el 78% se decanta por la preparación terminológica, frente al 16% que lo hace por

la conceptual. Incluso una persona sigue afirmando que se decantaría por las dos o, en caso de no tener tiempo, no aceptaría el congreso.

En esta misma línea, el 50% afirma que, dependiendo del tema, es posible realizar una buena interpretación llevando a cabo una preparación exclusivamente terminológica, frente al 27% que declara que no es posible, el 16% que dice que a veces sí se puede hacer, e incluso una persona respondió decididamente que sí se puede interpretar bien con una preparación terminológica. A la pregunta de si con una preparación exclusivamente conceptual se puede realizar una buena interpretación, el 66,6% responde que no es posible, el 16% dice que es posible dependiendo del tema, y dos personas respondieron que a veces es posible. Hubo una persona que respondió que sí se puede ofrecer una interpretación de calidad con una preparación exclusivamente conceptual.

La evaluación de la calidad

Todos los aspectos mencionados hasta el momento (lingüísticos, contextuales y profesionales) influyen en la calidad de la interpretación y en la percepción de los participantes. Sobre el tema de la calidad, existe una cierta polémica sobre quién o quiénes deberían ser los evaluadores de la calidad (usuarios, colegas pasivos o el propio intérprete), pero no así sobre los parámetros que influyen en la misma, ya que la mayoría de los autores mencionan prácticamente los mismos, cambiando únicamente la prioridad.

En cuanto a los estudios experimentales u observacionales sobre la evaluación de la calidad, cabe destacar que los datos extraídos de cada estudio son poco significativos de la situación, dado que la mayoría de ellos se basan en un corpus no muy amplio de congresos y en una muestra limitada. No obstante, hay estudios que son innovadores por los parámetros que introducen. Así, encontramos el estudio de Bühler (1986), que fue la primera en analizar una serie de parámetros de calidad desde la perspectiva de los intérpretes; el estudio de Kurz (1993), que presenta un análisis contrastivo de la evaluación de la calidad por parte de tres grupos distintos de usuarios (asistentes a un congreso de medicina, a un congreso sobre control de calidad y a una reunión del Consejo de Europa), y que compara asimismo las evaluaciones de estos tres grupos con los criterios de calidad de los intérpretes del estudio de Bühler; el análisis de Ng (1992), que menciona la distinción por géneros en cuanto a la

prioridad de determinados criterios de calidad; el de Kopczynski (1994), que examina la evaluación de la calidad desde la perspectiva de tres grupos distintos de usuarios; y el de Collados (1998), que analiza en más detalle el parámetro de la entonación y que pone de manifiesto experimentalmente la distinción entre la calidad real y la calidad percibida de la interpretación.

Sin embargo, a pesar de la proliferación de los estudios sobre calidad de la interpretación, se observa que los estudios que se basan en la calidad de la interpretación en congresos de medicina son poco abundantes (Gile 1990; Kurz 1989, 1993; Meak 1990; Galli 1990).

Si analizamos estos estudios, llegamos a la conclusión de que los parámetros más importantes para la mayoría de los autores son, por orden de importancia, la consistencia de sentido con el mensaje original, la cohesión lógica de la interpretación, el uso de la terminología correcta, la transmisión completa de la información, la corrección gramatical, y la fluidez y los rasgos prosódicos, en menor medida.

Los encuestados están de acuerdo con esta valoración: los dos parámetros más valorados son la consistencia de sentido con el mensaje original (44%) y la cohesión del mensaje recibido (44%), seguidos por la utilización de la terminología adecuada y la transmisión completa del contenido. En menor medida, son menos importantes el uso gramatical correcto y el estilo adecuado. Algunos también mencionan la fluidez y la voz agradable. Según los encuestados, los participantes no suelen concederle demasiada importancia al acento nativo y a la entonación, lo cual concuerda con lo hallado a lo largo de la bibliografía.

Conclusión

Con este artículo hemos intentado resumir brevemente algunos de los aspectos que forman parte de los congresos especializados, en general, y de los congresos de medicina, en particular, con el propósito de ofrecer una primera visión general del marco teórico en el que se circunscribe la interpretación de los congresos de medicina. Por otra parte, el análisis contrastivo de los aspectos teóricos con las respuestas a los cuestionarios nos ha permitido de algún modo contrastar la teoría con lo que sucede en la práctica profesional con el objetivo de corroborar la hipótesis de partida: que existen determinadas teorías establecidas a priori que no se han demostrado empíricamente, y que algunas de ellas se corresponden parcialmente con la situación real de la profesión.

En el plano lingüístico, llegamos a la conclusión de que los intérpretes profesionales encuestados conceden una gran importancia al conocimiento del lenguaje médico y de los procedimientos de creación y de formación de términos, lo cual no se corresponde con lo que sucede a nivel teórico, ya que en la bibliografía consultada, aunque sí existen muchos estudios, no hay prácticamente ninguna obra multidimensional y comprehensiva que analice conjuntamente todas las características del lenguaje médico y de los procedimientos de creación terminológica.

En el nivel contextual, vemos que existe una correspondencia entre los eventos médicos citados en la teoría y los que mencionan los intérpretes encuestados. Por otra parte, estos últimos respaldan la importancia que se le concede en el plano teórico a los apoyos visuales, y mencionan prácticamente los mismos que los autores que han escrito sobre el tema. No obstante, en la bibliografía observamos que existe un cierto vacío en cuanto a la descripción de algunos elementos contextuales que influyen en la comprensión del mensaje y que son considerados muy importantes por los intérpretes, como el tipo de participantes que asisten con más frecuencia a los congresos de medicina y la temática, y la respuesta debemos hallarla en las respuestas a los cuestionarios.

En lo relativo al nivel de especialización del intérprete, vemos que los encuestados creen que hace falta tener un nivel muy alto de especialización para interpretar en congresos en medicina, lo cual se corresponde tan solo en parte con lo encontrado en la bibliografía, donde la corriente más importante es aquella que aboga por el papel del intérprete generalista.

No obstante, tanto en la bibliografía como en las respuestas de los intérpretes, vemos que la preparación y documentación son imprescindibles para el intérprete de congresos de medicina que debe suplir la diferencia de conocimientos existente entre él y el especialista en medicina. Las fases de preparación que encontramos en la bibliografía se corresponden con las que siguen los intérpretes encuestados cuando deben hacer frente a un congreso.

Por último, en cuanto a la evaluación de la calidad, observamos la coherencia entre la teoría y la práctica, debido en parte a que los comentarios sobre calidad se basan en estudios empíricos o experimentales, es decir, en la práctica real.

De todo lo dicho se desprende que la teoría se corresponde con la práctica *en ciertas ocasiones*, pero en otras no. Por lo tanto, hemos corroborado en cierto

modo nuestra hipótesis inicial: que existen determinadas teorías establecidas a priori que no se han demostrado empíricamente, y que *algunas de ellas* se corresponden *parcialmente* con la situación real de la profesión.

Concluiremos diciendo que nuestra línea de investigación es más amplia, y que con este artículo sólo hemos pretendido realizar un estudio orientativo para tantear a priori el mundo laboral de los congresos especializados en nuestro ámbito geográfico, y más especialmente el de los congresos de medicina.

BIBLIOGRAFIA

BÜHLER, H. "Linguistic (semantic) and extralinguistic (pragmatic) criteria for the evaluation of conference interpretation and interpreters". *Multilingua* 5 (4), 1986. 231-235.

COLLADOS, A. La evaluación de la calidad en interpretación simultánea: la importancia de la comunicación no verbal. Peligros, Granada: Comares, 1998.

GALLI, C. "Simultaneous interpretation in medical conferences: a case-study". *Gran, L., Taylor, C., 1990.* 61-81.

GILE, D. "Les flux d'information dans les réunions interlinguistiques et l'interprétation de conférence: premières observations". *Meta* XXXIV 4, 1989.

—, "L'évaluation de la qualité de l'interprétation par les délégués: une étude de cas". *The Interpreters' Newsletter* 3, 1990. 66-71.

GUTIÉRREZ RODILLA, B.M. La ciencia empieza en la palabra. Barcelona: Península, 1998.

KOPCZYNSKI, A. "Quality in conference interpreting: some pragmatic problems". *Translation Studies: an interdisciplinary.* Snell-Hornby, M., Pöchhacker, F., Kaindl, K. Amsterdam/Filadelfia: John Benjamins, 1994. 189-198.

KURZ, I. "Conference interpreting: user expectations". *ATA-Proceedings of the 30th Annual Conference.* Medford, New Jersey: Learned Information Inc., 1989. 143-148.

—, "Conference interpretation: expectations of different user groups". *The Interpreters' Newsletter* 5, 1993. 13-21.

MARTIN, A. "La interpretación en el ámbito científico-técnico". *La traducción científico-técnica y la terminología en la sociedad de la información.* Alcina, A, Gamero, S. (eds.). Castellón: Publicaciones de la Universidad Jaume I, 2002. 107-122.

MARTIN, A., Jiménez, O. "The influence of external factors in the interpretation of biomedical discourse". *Traducción e interpretación en el ámbito biosanitario.* Félix Fernández, L., Ortega Arjonilla, E. (eds.). Granada: Comares, 1998. 353-363.

MEAK, L. "Interprétation simultanée et congrès medical: attentes et commentaires". *The Interpreters' Newsletter* 3, 1990. 8-13.

NG BEE CHIN. "End-users' subjective reaction to the performance of student interpreters". *The Interpreters' Newsletter, Special Issue* 1, 1992. 42-51.

PÖCHHACKER, F. "The role of theory in simultaneous interpreting". *Teaching translation and interpreting I. Training, talent and experience.* Dollerup, C., Loddegaard, A. (eds.). Amsterdam/Filadelfia: John Benjamins, 1992.

Apuntes del curso "Interpretation theory and research". Almuñécar: Universidad de Verano, 1995.

VILLAZÓN, B. Contenidos visuales en interpretación simultánea. Proyecto Fin de Carrera. Departamento de Traducción e Interpretación. Universidad de Granada, 1997.

A TRADUÇÃO PARA TEATRO
Maria Helena Guimarães

Introdução

O texto dramático distingue-se das demais manifestações literárias pelo facto de se destinar não só a ser *lido* mas também a ser *visto*, isto é, ele pressupõe, logo à partida, um espectador. Em qualquer peça de teatro, não só temos presente um *leitor/ouvinte implícito*, como também um *espectador implícito*, daí a profusão de didascálias, que não são mais que indicações do autor relativamente a aspectos tão díspares como a identificação de personagens, tom de voz, cinética e gestualidade, bem como a todo o universo circundante em que as personagens se movem e agem, tais como ruídos exteriores, estados de espírito, tempo e espaço. Estas didascálias não visam apenas fornecer ao eventual encenador da peça e aos actores indicações proscénicas, elas têm também, por vezes, uma função equivalente à desempenhada pelos comentários metanarrativos na diegese, dirigindo-se explicitamente ao leitor, com fins explicativos, preditivos e persuasivos, entre outros.

Não é de mais, contudo, insistir no facto de que qualquer texto dramático é concebido com a finalidade *d'agir sur un public à travers une incarnation scénique* (Ducrot/Schaeffer, 1995: 618), pelo que qualquer texto desta natureza deve ser encarado nas suas diversas vertentes: linguístico-literária, dramaturgica e plástica. Assim, antes de traduzirmos um texto dramático temos não só de *ler* e *analisar* todo o diálogo pormenorizadamente, como também todas as notas do autor, as quais devem ser encaradas *comme des prescriptions linguistiques appelées à être transposées scéniquement* (*ibid.*: 619).

Pela sua especificidade própria, o texto dramático, para além dos problemas comuns a qualquer outro tipo de tradução literária, coloca alguns problemas acrescidos que exigem do tradutor uma atenção redobrada, já que do seu trabalho irá depender, em muito, o trabalho do encenador.

O objectivo deste artigo é, assim, tentar abordar alguns dos problemas específicos deste tipo de tradução, tentando, sempre que possível, indicar, com exemplos retirados da tradução das peças de teatro *Visitantes*, de Botho Strauß,

e *A Moeda Falsa*, de Máximo Gorki, algumas soluções com vista ao desenvolvimento de estratégias que contribuam para a resolução das dificuldades com que o tradutor se debate ao tentar levar a cabo a tarefa difícil de tornar culturalmente compreensível e aceitável um texto sem, contudo, recear, sempre que necessário, *from domestic norms to signal the foreignness of the foreign text* (Venuti, 1998: 87), de forma a criar no público leitor/espectador abertura para as diferenças quer linguísticas quer culturais. Numa era que se diz de globalização, é importante que o tradutor tenha consciência clara do seu papel de mediador cultural, na medida em que, pelo seu trabalho, ele permite estabelecer *pontes* de contacto entre culturas diferentes, condição *sine qua non* para a evolução de qualquer cultura, em todas as suas vertentes, não esquecendo nunca que *the value of any translated text depends on effects and functions that can't be entirely predicted or controlled* (*ibid.*: 189). Por outro lado, a produção de alteridades, de outros reais e imaginários, é, também, por mais paradoxal que pareça, o processo mais eficaz de contribuir para a autoprodução e fixação identitárias.

1. Tradução, dramaturgia e dramatologia

Quando lemos algumas traduções de peças de teatro, somos confrontados com um certo número de pequenas *aberrações*, que denotam falta, por parte do tradutor, de conhecimentos básicos a nível da produção dramaturgica e a nível da dramatologia. Como já aqui foi dito o texto dramático destina-se a ser *ouvido, representado e visto*.

É, assim, muito importante que o tradutor seja não só um *leitor/ouvinte*¹ atento do texto a traduzir, como também um *ouvinte* atento da sua língua em todos os actos de comunicação oral da vida real, desenvolvendo, pela sua análise, competência comunicativa e discursiva suficientes para que *os diálogos* sejam reproduzidos na língua de chegada (LC) de uma forma natural, de acordo com o contexto em que têm lugar, gerindo o uso da palavra, de forma a evidenciar, sempre que necessário, os sociolectos e idiolectos próprios dos vários enunciadores/personagens colocados pelo autor em *interacção*. Uma das tarefas mais difíceis do tradutor é traduzir/reproduzir, por exemplo, enunciados *coerentemente incoerentes* ou *incoerentemente coerentes*, através dos quais certos autores modernos tentam confrontar-nos, de forma *congruente*, com a *loucura* e o *absurdo*

da “normalidade” vigente, que nos encaminha, segundo eles, para o Apocalipse².

Se bem que a *oralidade* seja anterior à escrita, se bem que o ser humano comece por *ouvir* e *falar* para, só depois, aprender a escrever, a verdade é que *a não-distância dos pontos do tempo entre si [...], a instantaneidade do tempo real, [...] a proliferação de todas as opiniões num só contínuo mediático* (Baudrillard, 1995: 159) têm vindo a conduzir o indivíduo, em nossa opinião, à indiferença em relação a si mesmo e aos outros, incapacitando-o de uma faculdade fundamental, a faculdade de *ouvir*, sem a qual é impossível traduzir, correctamente, qualquer texto dramático, seja ele moderno ou clássico. Não nos podemos esquecer, em particular na tradução de peças de teatro, que *in the realm of translation [...] the words εν αρχη ην ο λογος [in the beginning was the word] apply*³.

O tradutor tem que reescrever a peça. Ora escrever uma peça de teatro é, já por si, tarefa bem difícil, pois o autor tem ele, também, que dominar todas as competências atrás referidas. Ou se não vejamos, por exemplo, o que Gorki escreve a Tchekov em 1900, referindo-se à sua primeira tentativa de escrever um drama: *digo-lhe que ainda hei-de escrever um drama completamente. Sem falta! Repare, trata-se de uma disciplina muito curiosa, que ensina o valor das palavras. Pretende dizer-se: “com um sorriso, ele olhou para o armário” e não se consegue.*⁴

É, pois, essencial, que o tradutor de textos literários dramáticos esteja, minimamente, familiarizado com a análise dramaturgica do diálogo, estudando-o não numa perspectiva literária, nem numa perspectiva puramente linguística, mas enquanto *medium* dramaturgico, isto é, sem nunca perder de vista que o texto tem por finalidade ser *dito e representado*.

Por fim, é de salientar a necessidade de o tradutor ter algumas noções de dramaturgia, desenvolvendo a capacidade de *visionar* a obra dramática enquanto *representação e particulièrement [les] relations entre l’univers dénoté et l’univers dramatique (scéniquement réalisé ou textuellement présenté)* (Ducrot/Schaeffer, 1995: 620), relações que, no texto dramático, são estabelecidas directamente pela intervenção do autor, através da divisão em cenas e actos, pelas didascálias, pelas relações temporais e espaciais, que ele próprio define, etc, que determinam, em grande parte, o ritmo da peça. Uma forma de conseguir uma certa competência neste domínio passa pelo tradutor ser, antes de mais, um frequentador crítico e assíduo de espectáculos de teatro, mas também por assistir, sempre que possível, a ensaios de teatro.

2. “Relação” tradutor - autor

Não cremos ser possível traduzir qualquer texto, e subsequentemente qualquer texto dramático, sem conhecer, minimamente, o autor, o seu estilo, os temas por ele mais tratados nas suas obras, o contexto sócio-histórico e cultural em que a sua obra se insere, numa palavra, o tradutor, na fase de pré-preparação para a *reescrita* do texto, tem de vestir a *pele* do autor, sem, todavia, perder a sua *autonomia e identidade*.

2.1. Exemplo I: *A Moeda Falsa de Máximo Gorki*

Assim, por exemplo, como traduzir Gorki, sem conhecer algumas das suas obras, como o romance *Mãe* (Мать), como fazê-lo, desconhecendo o seu percurso de vida, os seus primeiros contos, como consegui-lo, ignorando a história, a cultura e a literatura do país que o viu nascer?⁵ É claro que é sempre possível fazê-lo. Mas não será que dessa forma estamos a descurar, aquilo que Venuti designa por *the ethics of translation* (1998: 81-87)? Não será que, como diz Berman isso leva a uma *systematic negation of the strangeness of the foreign work* (*apud* Venuti, 1998: 81)? Será que Vladimir Nabokov tem razão, quando afirma que *one of the main troubles of would-be translators is their ignorance*?⁶

Mas nada melhor que um exemplo. Quando, pela primeira vez, se lê a peça *A Moeda Falsa*, apercebemo-nos que ela apresenta, em termos dramáticos, alguma inconsistência. Mas não será que essa aparente inconsistência não é mais do que o reflexo, por um lado, do facto de Gorki, não ser propriamente um autor dramático (não é por acaso que a versão inicial é de 1912 e que a versão final só foi publicada em livro, em 1927), e, por outro, do facto de, entre as duas redacções, se terem dado grandes convulsões no seu país (em 1917, dá-se a Revolução Russa), o que levou à modificação do sentido ideológico da peça e a mudanças relativamente ao tema e ao carácter das personagens em acção, o que aparece reflectido quer nas correcções introduzidas pelo autor no manuscrito, *quer no grande número de notas de texto [...] inseridas no lugar de passagens eliminadas pelo autor*⁷. Sem estas informações não seria possível recriar o ambiente de confusão de ideias e sentimentos, de tensão social, de quase perturbação e febre mental em que as personagens *agem*, onde, todavia, se vislumbra um pouco do nihilismo cómico, porque trágico, daquilo que muitos designam

como *alma russa*. Enquanto escritor e dramaturgo, Gorki ocupa-se do meio social, em que a principal problemática é gerir a miséria, é a sobrevivência num mundo em mutação, o que torna o texto, de certa forma, actual, se pensarmos nas mutações recentes quer na Rússia, quer no mundo em geral. Ninguém sabe para onde vai, não se vislumbram saídas, apenas soluções momentâneas, em que os valores humanos pouco importam, para a miséria, para fugir, por mais um dia, à loucura. Talvez isso explique as contradições que encontramos na construção das várias personagens, nenhuma delas verdadeiramente consistente, porque dominadas por um único instinto, o da sobrevivência num mundo em profunda mutação. Assim, sem conhecermos, plenamente o contexto sócio-cultural e histórico em que a obra foi escrita, cremos ser impossível *recriar* esta peça na LC. Por exemplo, como traduzir correctamente o texto, ignorando que, na época, a grande maioria das pessoas vivia em velhas casas, em que os quartos eram todos subalugados, onde era difícil qualquer tipo de privacidade (tudo se via, tudo se sabia) e onde, por isso, a linguagem é muitas vezes dupla. Ora, então, vejamos. As personagens são seres com uma personalidade quase sempre dúbia, escondendo-se por trás das palavras. É necessário que tal efeito não se perca no processo tradutivo:

Наташа: [...] Вы вообще зааочный человек, [...].

Кто вы такой?

Natasha: O senhor é, em geral, uma pessoa misteriosa, [...]. Quem é o senhor?

Стогов: Замечательно; кроме меня самого – это все хотят знать.

Stogor: Admirável! Excepto eu próprio, [...] toda a gente quer saber quem eu sou.

O conhecimento do contexto sócio-económico e político da época ajuda-nos a resolver algumas dificuldades tradutivas tornando o texto de partida acessível e compreensível ao leitor/espectador:

Глинкин: Здравствуйте. А где ваш отец?

Glinkin: Como está? Onde está o seu pai?

Наташа: Пошёл сдавать какому-то господину квартиру во флигеле. [...]

Natasha: Foi com um senhor ver o quarto das traseiras para o alugar[...]

Глинкин: Странно. Разве во флигеле можно жить? [...]

Glinkin: Que estranho! Mas será que é possível viver no quarto das traseiras? [...]

A tradução literal da palavra por nós sublinhada é ‘apartamento’, contudo, tendo lido todo o texto e conhecendo a realidade histórica, optámos pela palavra ‘quarto’, já que é disso mesmo que se trata.

Por outro lado, o tratamento entre nobres empobrecidos e a arraia-miúda oscila entre o respeito jocoso

Бобова: Дворянину – почтение! [...] Bobova: Os meus respetos a Vossa Senhoria!

e a sobrançeria, passando de um tratamento de reverência ao uso da 2ª pessoa do singular, que deve por nós ser respeitada, já que ela reflecte a situação caótica da altura:

Бобова: Забил, что часики-то у меня В закладе.

Bobova: Esqueceste-te que o teu relógiozinho está penhorado em minha casa.

Por outro lado, e por razões que se prendem com a coerência semântica do texto, nem sempre podemos, por exemplo, substituir provérbios ou ditos populares por expressões de idêntico valor na LC, por se tratar de isotopias de importância decisiva para a interpretação do texto. Por exemplo, na peça que temos vindo a analisar, há uma passagem em que surge um provérbio russo que tem de ser traduzido literalmente, já que, de outra forma, todo o diálogo perde em coerência. Não vamos aqui citar o texto original, já que a tradução é suficientemente elucidativa:

Ефимов: Continuando a conversa, eu diria que cada ova quer ser peixe...

Luzguin: Cada ova quer ser peixe? É verdade! Ефимов: E não apenas um peixe, mas um tubarão.

Glínkin, outra personagem da peça, riposta, por seu turno: “Что – чепуха – и всем известно”, o que traduzido literalmente ficaria: “isso é um disparate bem conhecido de todos”. Cremos que, em termos de oralidade tal frase perderia toda a sua força e efeito, pelo que, socorrendo-nos das virtualidades operatórias da isotopia, optámos por esclarecer o *leitior/ouvinte* que se trata de um provérbio, mantendo a homogeneidade do diálogo e contribuindo para uma maior coerência intra-textual. Assim, a nossa escolha foi “Esse provérbio é um perfeito disparate!”.

As referências literárias contidas no texto também nos podem ajudar a melhor *reescrevê-lo* na LC. No caso vertente, são várias as menções a Tolstói, particularmente à figura de Agáfia (personagem do romance Anna Karenina), ao compositor Glinka, etc.

2.2. Exemplo II: *Visitantes* de Botho Strauß

Não iremos aqui falar de aspectos já referidos no ponto anterior e que são válidos no tocante à aproximação que o tradutor deve fazer a qualquer obra dramática com o intuito de proceder à sua reescrita. Focaremos aqui apenas alguns aspectos que, porque peculiares do texto dramático moderno, não foram até agora mencionados.

Mas antes de falarmos das particularidades do teatro contemporâneo, comecemos por conhecer um pouco da obra e do percurso de Botho Strauß, aliás, o primeiro passo de qualquer trabalho de tradução literária. Ora, no caso deste autor, estamos perante um dramaturgo por excelência, se bem que se tenha dedicado, em particular a partir de meados dos anos setenta, à escrita de prosa curta e romances. Ao lermos a obra *Visitantes*, verificamos de imediato ser um autor de grande virtuosismo linguístico, o que lhe permite reproduzir o mundo por ele criticado de uma forma reverberante. Trata-se do ensaio de uma peça de teatro cujo tema está relacionado com a investigação genética. Mas isso é apenas o pano de fundo. Aquilo que Strauß trata, de facto, nesta obra, é dos bastidores do teatro, das lutas mesquinhas entre actores, à mistura com uma visão crítica de um certo tipo de espectadores, com incursões na realidade dos actores/personagens enquanto seres sociais, onde todos nós somos simultaneamente espectadores/actores, em suma, trata-se de uma autoreflexão do teatro, de uma peça dentro de uma peça, onde o teatro fala de si e *per se*. Mas falar de teatro, aqui, é falar do próprio ser humano, das suas fraquezas, contradições, concepções antagónicas de um teatro/mundo cada vez mais desconexo.

Conhecendo um pouco da mundividência do autor, cuja ancoragem é mais fenomenológica que dialéctica, pode afirmar-se que ele aborda nesta, como em muitas outras das suas obras, a temática da alienação da nossa sociedade, de uma forma crítica, onde mais do que ironia, encontramos o cómico, pois não é apontada nenhuma saída, é um facto que é possível

constatar, mas que nenhuma dialéctica pode mudar, pelo que a peça termina exactamente como começa.

Max: Ich komme über diese Stelle nicht.hnweg. Max: Não consigo ultrapassar este ponto

Volker: Es ist der Anfang des Dramas! Volker: Mas é o começo do drama!

Max: Eben. Ich komme nicht rein. Ich krieg die Tür nicht auf. Da liegt aber auch irgendwo ein Stolperstein begraben. Max: Precisamente. Não chego lá. Não consigo. Há algo aqui que me escapa, que me faz... tropeçar.

Karl Joseph: Dann stolpern Sie rein ins Drama. Stolpern Sie einfach drauflos. [...] Karl Joseph: Então tropece para dentro do drama, homem. Pura e simplesmente tropece de uma vez por todas.

Por vezes a tradução torna-se difícil, pois este autor recorre, com frequência, à nominalização de expressões, com o fim de inculcar maior força ao texto, sublinhando o absurdo das situações:

Max: Ich weiß nicht, was raten Sie mir? Soll ich vielleicht frecher auftreten? Sie kennen das, vom Spielfeld... Dies Brust-an-Brust. Dies Mit-abgestreckten Armen-die Füße-in-den-Rasen-Stampfen, Nabel an Nabel mit dem Schiedsrichter, [...] dies Auf-der-obersten-Grenze-des Erlaubten-Drohen, dieser Tanz des Zorns auf dem Gipfel der Beherrschung - Max: Não sei, que me aconselha? Será que devo, talvez, entrar de uma forma mais insolente? Você conhece isso dos relvados...- Aquela luta peito-a-peito, aquele com-os- braços-esticados-a-bater-com-os-pés-no-relvado, umbigo-contra-umbigo com o árbitro, [...] aquele até-ao-limite-máximo- permitido-da-ameaça, aquela dança da ira no cúmulo do autodomínio -

Mais do que em qualquer outro tipo de tradução literária, o tradutor tem que estar atento à fluidez e entoação do diálogo na LC, para que o texto pareça estar escrito de forma natural (cf. Newmark, 1995: 128), procedendo, sempre que necessário, a simplificações da linguagem que facilitem a sua representação, compensando-as noutros pontos do diálogo com acrescentos de vária ordem, concorrendo para que o texto mantenha a mesma força dramática tanto ao nível da palavra *dita* como ao nível da encenação/representação.

3. "Relação" tradutor – encenador

Quer durante o processo da tradução do texto, quer durante o processo da sua transposição para a cena, isto é, da sua tradução inter-semiótica, em que é necessário fazer *an interpretation of verbal signs by means of some other language*⁸, neste caso para a linguagem cénica, é muito importante o tradutor trabalhar em estreita colaboração com o encenador, pois quanto maior for a interligação entre a tradução interlingual, a encenação e a sua vertente plástica (cenário, luzes, etc.) mais a peça *respira* teatro e maior o efeito da mesma sobre a sensibilidade do espectador.

Cada encenador, ao levar uma peça à cena, parte de uma determinada concepção cénica, introduzindo, por vezes, por razões que até podem ser meramente práticas, alterações relativamente ao local da acção, propondo, simultaneamente determinadas soluções plásticas em termos de iluminação, adereços, etc. que implicam, em alguns casos, reformulações e adaptações do original que devem ser do conhecimento prévio do tradutor.

Outro aspecto importante da colaboração entre tradutor e encenador liga-se com a tradução e interpretação das diferentes didascálias introduzidas no texto pelo autor. E aproveito aqui para citar o encenador Rui Madeira que num texto seu afirma *desgraçado do encenador, que ufano da sua genialidade não saiba, ou descure ler e interpretar, as pequenas notas didascálicas sobre a atitude dos actores...*⁹

No caso das peças citadas, *A Moeda Falsa* é, de longe, a que apresenta maior número de notas, notas de natureza mais prática do que psicologista. A título de exemplo cito aqui a tradução de uma dessas notas, que demonstram, como afirma Rui Madeira, que se os actores *souberem interpretar correctamente as didascálias, têm meio personagem criado*¹⁰:

De manhã. Durante a noite quase houve um incêndio. A sala está desarrumada, os móveis fora do sítio. Por todo o lado, trouxas de roupa branca e de vestuário.

O caixilho da janela está partido e os vidros estilhaçados. No parapeito da janela um vaso com flores. [...] No centro da sala, sobre a grande mesa oval, um samovar apagado e louça por recolher. [...] Iákovliev, homem de cerca de 60 anos, zarolho, com cara de eunuco, em colete e chinelos [...] Paulina arruma o vestuário e a roupa branca; tem menos de 30 anos de idade, [...] parece austera, mesmo severa, olha de soslaio [...]

Escolhemos este exemplo, pois as indicações cénicas são também elas muito minuciosas, o que tanto facilita o trabalho do encenador, como, em certa medida, coarctada a sua liberdade.

Na comédia *Visitantes*, as notas do autor são em muito menor número, contendo algumas indicações cênicas, bem como assinalando a entrada ou saída das personagens. A título de exemplo, citamos aqui duas dessas didascálias:

Sobre o palco, encontra-se, de forma desordenada e desconexa, um amontoado de peças de decoração, a serem utilizadas na peça. Na parte dianteira, uma pequena mesa com um candeeiro. Volker está sentado à mesa com o guião à sua frente. Karl Joseph e Max ensaiam a sua primeira cena. Ao fundo, o guarda da noite entra no palco e conversa com a sua mulher através do ‘walkie-talkie’.

A importância da colaboração entre tradutor e encenador é, sem dúvida, crucial para que os objectivos e sentido da peça não sejam ultrajados, nem o autor traído, enquanto dramaturgo.

Em resumo, não podemos falar em *receitas*, em *soluções únicas* para chegar a uma boa tradução de um texto dramático, nem os Estudos em Tradução poderão, nunca, vir a ser um ramo das ciências exactas. Existem, todavia, alguns *ingredientes*, que, quando bem utilizados, podem, contribuir para o bom êxito dessa árdua tarefa, a saber: muito trabalho, muita leitura, muita pesquisa e, claro, uma grande honestidade.

¹ Competência posta em relevo pela Dra. Regina Guimarães, dramaturga e tradutora, nas suas intervenções no workshop sobre *Tradução para Teatro*, realizado no ISCAP, no dia 19 de Fevereiro de 2004.

² Como exemplo, citamos a peça de Alexei Chipenko, *Da vida de Komikaze*, traduzida por Regina Guimarães, levada à cena e publicada pelo CTB em Março de 2004.

³ V. Walter Benjamin, “The Task of the Translator”, in Rainer Schulte and John Biguenet (eds.), *Theories of Translation. An Anthology of Essays from Dryden to Derrida*, Chicago/London, The University of Chicago Press, 1992, p. 79.

⁴ In *A Moeda Falsa*, Parte II, “Projecto Correspondências”, Braga, CTB, 2001, p. 70.

⁵ Cf. Vladimir Nabokov, “Onegin in English”, in Rainer Schulte and John Biguenet (eds.), *Theories of Translation. An Anthology of Essays from Dryden to Derrida*, Chicago/London, The University of Chicago Press, 1992, p. 137.

⁶ V. nota *supra*.

⁷ Cf. “O trabalho de Gorki sobre a peça “A MOEDA FALSA”, in *A Moeda Falsa*, Parte II, “Projecto Correspondências”, Braga, CTB, 2001, p. 29-35.

⁸ Cf. Roman Jakobson, “On Linguistic Aspects of Translation”, in Rainer Schulte and John Biguenet (eds.), *Theories of Translation. An Anthology of Essays from Dryden to Derrida*, Chicago/London, The University of Chicago Press, 1992, p. 144-151.

⁹ Cf. Rui Madeira, “De A Gaivota à Moeda Falsa, baloiçando-me nas árvores”, in *A Moeda Falsa*, Parte II, “Projecto Correspondências”, Braga, CTB, 2001, p. 45-49.

¹⁰ *Ibid.*

BIBLIOGRAFIA

BAUDRILLARD, J. (1995), *A Ilusão do Fim ou a Greve dos Acontecimentos*, Lisboa, Terramar Editores.

STRAUß, B. (1990), *Besucher*, München, Deutscher Taschenbuch Verlag.

—, (2001), *Visitantes*, tradução para o Grupo de Teatro 'Só'.

CTB (eds.) (2001), Máximo Gorki – *A Moeda Falsa*, Parte II, “Projecto Correspondências”, Braga, CTB.

DUCROT, O./SCHAEFFER, J.-M. (1995), *Nouveau Dictionnaire Encyclopédique des Sciences du Langage*, Paris, Éditions du Seuil.

GORKI, M. (sd), Фальшивая Монета, in *Obras Completas*, Moscovo, p. 236-291.

—, (2001), *A Moeda Falsa*, Braga, CTB.

NEWMARK, P. (1991), *About Translation*, Clevelon/Philadelphia/Adelaide, Multilingual Matters Ltd.

—, (1995), *Approaches to Translation*, New York/London/Toronto, Phoenix ELT.

SCHULTE/R./BIGUENET, J. (eds.) (1992), *Theories of Translation. An Anthology of Essays from Dryden to Derrida*, Chicago/London, The University of Chicago Press.

VENUTI, L. (1998), *The Scandals of Translation – Towards an Ethics of Difference*, London/New York, Routledge.

ELABORAÇÃO DE UM GLOSSÁRIO DE TERMOS ECONÓMICOS – UM DESAFIO PARA O ORIENTADOR E PARA O TRADUTOR

Maria Ivone Osório Cardoso e Cunha

A expansão dos sectores económico, financeiro e bolsista, imposta pelo desenvolvimento abrupto do mercado de capitais, leva ao aparecimento de novos conceitos e terminologia que é necessário dominar. Os especialistas, apesar de dominarem os conceitos económicos, não estão habilitados, pela sua formação académica, para *a tradução para fins específicos*. A maior parte das vezes, os tradutores vêem-se obrigados a recorrer a outros glossários que só existem em LI, ou em Língua Portuguesa falada no Brasil, cujas traduções se afastam da realidade portuguesa. Portanto, torna-se necessária a implementação de glossários de domínios específicos, na medida em que tais ferramentas de trabalho irão ser mais valias no âmbito da tradução, até porque são praticamente inexistentes em LP.

O presente artigo irá focar alguns aspectos da tradução técnica que assentam nas dificuldades tradutivas encontradas quer na elaboração de um glossário de termos económicos por alunas do curso de Tradução Especializada¹, quer na orientação do mesmo feita por uma docente de Língua Inglesa².

Tais dificuldades ocorrem, por vezes, pela não articulação de áreas distintas como a Língua Inglesa (LI) e a Economia, nomeadamente:

1. Na escolha do vocábulo / expressão que melhor explique o(s) termo(s) tendo em conta a não adulteração da realidade da língua de partida.
2. Na escolha do vocábulo / expressão que melhor traduza o(s) termos(s) tendo em conta o contexto em que se insere na língua de chegada.
3. Na não utilização de técnicas como a tradução oblíqua e os falsos amigos para a tradução de vocábulos / expressões do presente glossário.
4. Na dificuldade que o tradutor e o especialista têm, por vezes, em fazer o tipo de distinções acima referidas.

5. Pelo facto do tradutor e do especialista não trabalharem em equipa com um investigador da área de Língua para Fins Específicos/Ocupacionais (LFE/LFO).

A presença de “*un lexique structuré, linguistique et un lexique terminologique et nomenclatureur*” (Coseriu, 1966) que intervêm na ligação entre os dois domínios supra referidos parecem, à primeira vista, ser inconciliáveis. São mesmo os verdadeiros causadores de obstáculos em termos de tradução uma vez que, pelo desenvolvimento acelerado da ciência e da tecnologia, o aparecimento de novos conceitos e áreas conceptuais leva à criação de novas normas e/ou à adaptação ou empréstimo de vocabulário específico de áreas diferentes, o que pode causar algum constrangimento ao tradutor (Cabré, 1999).

Também alguns investigadores portugueses se debruçaram sobre esta problemática na elaboração de glossários, nomeadamente Faria *et al.* (2001) e Lameiras (2002). Os primeiros referem que (2001: 26):“(...) *a língua de especialidade, materna ou estrangeira, é a língua utilizada pelos especialistas de um domínio para comunicarem entre si, acerca desse domínio ou área do saber.*” Para os terminólogos (*op.cit.*), a língua de especialidade “*é o subsistema linguístico que compreende o conjunto dos meios linguísticos próprios de um domínio particular do saber (disciplina, ciência, técnica, profissão, etc.) visando a não ambiguidade na comunicação*” (cf. Lino, 1991: 209). E é pelo facto de a língua de especialidade dar ênfase por um lado, ao processo de formação dos termos utilizados na denominação de conceitos de uma determinada área e por outro, às relações que estes estabelecem entre si e os conceitos que denominam, que causa algumas dificuldades. Pelo que a formação de tradutores e intérpretes em domínios específicos deveria ser contemplada num futuro próximo, para que não se constatassem tais problemas.

De facto, essa falta de formação em áreas específicas foi referenciada inúmeras vezes quer pelas alunas, ao longo da elaboração do presente glossário, quer pela orientadora, na medida em que a sua formação académica não contemplou LFE/LFO. Mas tais dificuldades também são partilhadas pelos economistas que nem sempre conhecem o vocabulário semi-técnico (cf. Nation, 2001), o que leva, de igual modo, os especialistas a sentirem dificuldades ao nível da tradução. Apesar de dominarem os conceitos da especialidade (económicos, financeiros, entre outros), parece que, por vezes, são desconhecedores dos cromatismos vocabulares e terminológicos que certas

traduções parecem envolver. Isto porque a sua formação académica provavelmente não foi vocacionada nem para o domínio da terminologia, nem tão pouco para a *tradução para fins específicos*, apesar de os ter preparado para a *tradução técnica* que mais adiante diferenciarei. Daí que, pelos motivos acima invocados, a elaboração de glossários seja algo complexo. Assim sendo, tradutores e especialistas necessitam de recorrer a outros glossários que apenas existem em LI, já que as traduções existentes são, na maior parte das vezes, em Português falado no Brasil, (cf. Dicionário Novo Michaelis, 1983)³. Portanto, torna-se necessária a implementação de glossários de domínios específicos (LFE, em particular LFO) disponíveis em Língua Portuguesa, na medida em que tais ferramentas de trabalho irão ser mais valias no âmbito da tradução⁴, até porque irão permitir a comunicação entre os seus directos utilizadores.

Para a elaboração deste tipo de glossário torna-se primordial definir, como ponto de partida:

- qual o sub-domínio a tratar dentro da área da Economia;
- que letras do abecedário irão ser abrangidas na investigação, visto que, numa primeira abordagem, não se pode elaborar um glossário de A a Z;
- que tipo de termos serão analisados.

No caso particular do glossário que consta do anexo, a aluna responsável pela sua elaboração circunscreveu a recolha aos termos usados nas estratégias comerciais.

Em relação às letras escolhidas, sob a minha indicação, a opção foi seleccionar apenas a letra A dada a profusão de termos encontrados.

Por último, a selecção dos termos foi feita independentemente da sua categoria gramatical (podiam ser nomes, verbos ou outras), por exemplo: “*absorption*”, “*aging*” e “*accumulated depreciation*”, entre outros.

Deste modo, estavam estabelecidos os pressupostos do ponto de partida. A partir daqui, era essencial começar a analisar os glossários existentes, verificando os termos no texto de partida e a sua respectiva tradução no texto de chegada. Além do mais, seria necessário incluir uma revisão da literatura sobre o tema para ver se os problemas detectados ao nível da tradução teriam ou não algum eco por parte de investigadores (Lewis, 1993, Newmark 1995, Cabré, 1999, Nation, 2001, entre outros), e outros autores que se tivessem

debruçado sobre glossários de termos económicos semelhantes (cf. Farrell, 1990, Nation, 1990, Coxhead, 1998, entre outros).

Como orientadora, afigurou-se-me que seria útil que a aluna pesquisasse alguns autores que tivessem investigado os problemas tradutivos em geral, para, em seguida, reflectir sobre o processo de tradução de glossários específicos, dado que a literatura específica sobre este domínio é parca (cf. Farrell, 1990).

Em primeiro lugar, foi necessário proceder a uma escolha dos termos a traduzir, tendo em conta a sua relevância e teor de utilização. Em seguida, tentou ver-se se o conceito correspondia ao termo (processo onomasiológico) (Cabré, 1999: 8), ou se poderia haver um alargamento do conceito. Depois, verificou-se se a tradução (já existente noutros glossários) estava completa e correspondia ao conceito (processo semasiológico) (*op.cit.*), ou, se pelo contrário, se tornava imperioso acrescentar mais alguma noção ou se a expressão era utilizada na sua versão original, sem qualquer tradução. No glossário elaborado pela aluna houve, de facto, as situações referidas, como seja as expressões “*accounts receivable turnover*” (explicação e expansão do conceito), “*absolute priority*” (tradução literal) e “*anti-dumping*” (versão original), respectivamente. Estas situações ocorrem porque na tradução técnica todo o processo é bem mais complexo, uma vez que este tipo de tradução se esquia aos conceitos e à terminologia criada para descrever os processos mais ou menos mecânicos tal como Newmark (1995) reconhecia. Num número reduzido dos casos, a tradução ocorre pela simples substituição de signos de uma língua por signos de outra. Essa substituição é, apenas, um efeito final que não explica o processo tradutivo na sua totalidade, pois a tradução é um processo mental baseado na intuição de conteúdos situados em contextos. A chamada substituição de signos é causa, não efeito. Isto porque a polissemia no léxico comum é a homonímia na terminologia (Cabré, 1999: 40). Na *tradução para fins específicos* parece não ser suficiente ter apenas um emissor, já que nela deverão intervir o tradutor, o especialista e o professor de LFO e, neste caso específico, o receptor que irá receber o código previamente trabalhado pelos emissores.

Como a situação a que anteriormente aludimos é rara ou, na prática, inexistente, isso dá origem a problemas de ordem vária, sobretudo e com mais frequência na área económica, dado que não é um domínio estanque, recebendo e fornecendo contributos de e para outras áreas científicas (por

exemplo da/para a Contabilidade, do/para o domínio financeiro, da/para a área da Bolsa) (cf. Dicionários de *Accounting*, *Banking* e *Economics*, da Longman), o que torna difícil a separação dos termos e a sua consequente tradução, uma vez que a barreira entre estas áreas é bastante ténue, pouco definida e até recorrente.

A situação há pouco referida conduz à primeira dificuldade tradutiva. A segunda prende-se com a *construção* de um glossário bilingue (Inglês – Português) numa área específica (Economia), acrescida do facto de determinados termos, sobretudo na área económica e financeira, reflectirem conceitos que nem sempre são coincidentes nas duas línguas, o que dá origem a uma certa insegurança em relação ao equivalente encontrado e proposto (por exemplo, “*accounts receivable balance pattern*” e “*accrued liability*”).

Assim, traduzir um texto técnico apresenta não só o desafio (tanto para o tradutor como para o orientador) de conhecer e dominar o idioma de partida, mas também de ter um conhecimento profundo da área a trabalhar.

Esta questão é ainda mais complexa quando estamos a traduzir um glossário. Não existe apenas um texto a traduzir. O suporte textual vai-se buscar a inúmeros textos onde o termo, no caso, a palavra/expressão semi-técnica (cf. Farrell, 1990) e o léxico especializado não técnico (Ferrara e Fine, 1988) coexistem e aparecem de um modo recorrente, o que irá tornar a standardização de termos difícil, embora seja o objectivo principal deste tipo de tradução que se destina a uma utilização futura de diversos públicos-alvo (Cabré, 1999). Daí que se torne primordial elaborar qualquer tipo de glossário tendo por base a análise de *corpora* linguísticos.

No entanto, Newmark (1995:87) constatou que a “*technical translation is primarily distinguished from other forms of translation by terminology... (which) usually makes up about 5-10% of a text*”⁵. Se considerarmos a percentagem de vocabulário técnico que emerge num texto de onde vamos retirar os termos mais frequentes para elaborarmos o glossário, decerto acharemos que o número não é, de todo, significativo, o que parece, à primeira vista, ser paradoxal já que não será difícil para o especialista dominar este tipo de tradução. Todavia, não é só a quantidade de termos técnicos que é importante, até porque para grande parte deles, na ausência de um equivalente técnico na língua de chegada, nem sempre se torna difícil encontrar senão o termo correspondente (“*accrual*”), pelo menos o que é mais adequado ao contexto (“*acréscimo*”). O que se torna deveras

complexo é separar a sobreposição de domínios em que o mesmo termo, por vezes, ocorre (“*topic related words*”, Nation, *op.cit.*). Cabré (1999: 59) também os refere: “...*a set of subcodes that partially overlap with the sub codes of general and technical language*”, o que pode levar a outro tipo de traduções, como, por exemplo, “*provisão*”, em linguagem económica.

Nem todos os investigadores chegaram aos mesmos resultados que Newmark (*op.cit.*). Farrell (1990: 189) investigou o vocabulário “(*... semi-technical and technical (...)* and in his corpus 44% of the lemmas were semi-technical, and 27.7% technical.” Daí que Nation (2001: 203) seja de opinião que esse tipo de vocabulário deva ser ensinado ao aluno: “(*... language teachers need to prepare learners to deal with them (technical words)*.” Mas é, de facto, no vocabulário semi-técnico, “(*... because it does not contain technical words, but rather formal vocabulary*” (Nation, 2001: 17) (cf. Cabré, *op.cit.*), que residem as maiores dificuldades, já que ele agrega os mesmos vocábulos para áreas diversas, “(*... by systematically restricting the range of topics or language uses (...)*” como, por exemplo, no caso de “*accrual*”, “*accounts receivable balance pattern*” e “*accrued basis*”, entre outros. No entanto, além da informação intralinguística, há outra, extralinguística, que relaciona a palavra com outras redes de relações e conceitos que complicam a separação de acordo com a área – economia, finanças ou outra –, o que vai contrariar esses propósitos de standardização que já referi.

Portanto, o passo seguinte será a escolha do termo que não adultere a realidade na língua de partida e a subsequente escolha do termo que tenha em conta o contexto da língua de chegada, não esquecendo a ligação com a língua de especialidade (utilizada entre os especialistas para comunicarem entre si sobre determinados conceitos desse domínio). Até porque, segundo Nation (2001:18) “*technical words contain a variety of types which range from those that do not usually occur in other subject areas (amortisation) to those that are formally like high frequency words but which have specialised meanings (demand, supply, most used in economics)*.”

É aqui que o tradutor tem de assumir o papel de intermediário entre a ferramenta de trabalho e o especialista, tendo em vista que uma tradução é um processo “(*... aimed to facilitate communication between speakers of different languages*” (Cabré, 1999:47). “*Technical translators must have some familiarity with the subject matter they are translating*” (*op.cit.*) porque o leitor é, ou pode ser, um especialista. Mais

adiante, a investigadora conclui (*op.cit.* 67) “(...) *special languages have a single purpose, in the sense that they are used in a special social setting and for communication*”.

Contudo, o que parece acontecer com frequência é que uma simples equivalência do termo de uma língua para outra pode não ser suficiente por ser demasiado limitativa, sendo necessário proceder à sua explicação para que o sentido, o domínio visado e a respectiva tradução fiquem mais claros e completos. Isto porque, segundo Cabré, (1999:48) há que “(...) *provide information on how to use the term, and, ideally, provide information about the concept in order to ensure translators use the precise form to refer to a specific content.*” Muitas vezes, os próprios tradutores actuam como terminologistas no sentido de encontrar “*equivalents for those terms that are not listed in the available vocabularies nor in specialised data banks*”. No caso do presente glossário, esta situação foi ultrapassada pelo facto de se terem criado termos que não existiam em LP como é o caso de “*anti trust laws*” e “*asset swap*”.

Foi o que aconselhei a aluna a fazer, uma vez que o glossário era um projecto de fim de curso e se destinava, numa primeira fase, a um tipo de leitores (o júri) que teria dificuldade em avaliar, por si só, os termos sem uma explicação anexa. Além disso, aquando da futura publicação do referido glossário, o que iria ser efectuado num segundo momento, havia que ter em linha de conta que ele seria utilizado não só por especialistas, mas também por estudantes ou funcionários de empresas que, por vezes, não dominam determinados conceitos e contextos na totalidade. Portanto, só através da descodificação contextual seria possível encontrar a tradução correspondente a esse domínio, ou seja, o que eu apelido de *tradução para fins específicos*, onde deveria entrar, em parceria com o tradutor, o especialista, o professor de língua, como referi no ponto 4.

Uma outra vertente a explorar na elaboração do glossário seria a de decidir que sub-domínio se deveria analisar, dado que a área económica envolve vários sectores: o bancário, o financeiro, o da bolsa, entre outros. Havia, portanto, que ponderar se seria ou não oportuno abrangê-los a todos. Para isso, tornava-se necessário comparar glossários semelhantes no sentido de verificar se a nossa escolha seria idêntica, ou se enveredaríamos por outros caminhos.

Em relação aos glossários consultados, tanto eu, enquanto orientadora, como a aluna, verificámos que os seus autores escolhiam uma abordagem oposta à que queríamos levar a cabo. Ao analisarem os domínios anteriormente

referidos, não faziam referência a outra área em que o termo podia ocorrer, porque, por vezes, as palavras são coincidentes e até se sobrepõem. De facto, não faziam um estudo tão exaustivo e completo como seria exigível para a elaboração de um glossário de termos económicos.

Se o objectivo do presente trabalho era fazer uma análise mais aprofundada desses termos, tínhamos de estabelecer um conjunto de normas de selecção para delimitar o campo de estudo.

A primeira derivou do próprio alfabeto em si. Para se fazer um glossário pormenorizado, nunca se poderia ir de A a Z porque se correria o risco de privilegiar a quantidade e não a qualidade. Portanto, apenas se estudou a letra A. No total, foram encontrados 183 termos. Em seguida, aconselhei a aluna a não se limitar apenas à tradução do termo, como em alguns dos glossários consultados⁶, mas proceder, de igual modo, à sua explicação, para que o sentido e a tradução escolhidos ficassem mais claros e completos, como acima referi. Esse foi, de facto, o desafio mais importante com que, tanto a aluna como eu, nos confrontámos, dado que a Economia está presente em muitas áreas, tornando difícil separar os diferentes sub-domínios, o que leva às dificuldades tradutivas enumeradas nos pontos 1, 2 e 3.

Para começar, a maior parte dos glossários tratavam os termos de uma forma demasiado técnica e teórica, sem se preocuparem em traduzir e explicá-los na língua de chegada⁷. Quando o faziam, o teor era demasiado técnico, teórico, limitativo e pouco criativo, tornando o conceito demasiado abstracto, como é o caso de “*accomodation*” e “*accountability*”, entre outros. Tal constatação era o resultado da colaboração inexistente entre tradutores, especialistas de línguas e economistas.

Assim, induzi a pesquisa noutras fontes como as revistas *Dinheiros e Direitos*, *Exame*, *Executive Digest*, *Vida Económica* e *Visão*, e jornais como o suplemento de negócios do *Diário de Notícias*. Neles, o recurso à paráfrase e ao empréstimo era um procedimento comum, sem se preocuparem com o seu equivalente em português, o que empobrecia a tradução.

Em seguida, considerámos fundamental recorrer ao dicionário, fonte convencional de pesquisa, indispensável e seguro.

Por último, a consulta na Internet pareceu ser, de longe, a fonte mais rica e passou a ser a mais utilizada, dado que proporcionou um manancial de informação actualizada, rápida e abrangente.

Como orientadora, socorri-me, inúmeras vezes, da inestimável colaboração dos especialistas (em especial, de um colega da área de Economia, Dr. Freitas Santos), não só para a clarificação de alguns termos, como também para a escolha da tradução mais apropriada, para assim evitarmos as situações de *défi*ce vocabular encontradas nas palavras dos glossários a que tivemos acesso.

Outra das preocupações residiu na escolha dos vocábulos escolhidos e traduzidos (cf. homonímia). A aluna decidiu eliminar termos familiares já mais explorados e explicados, como “*annual*”. A razão de tal escolha teve por base não tornar o glossário apenas uma listagem de termos, mas um trabalho de investigação actual, completo, com uma explicação clara e coerente dos mesmos.

Contudo, decidimos incluir outros termos de fácil tradução e até mesmo de tradução literal porque, quando considerados e utilizados em contexto económico, assumem significados diferentes como “*abandonment*”, “*annuitize*” e “*arbitrage*”, entre outros.

Depois destas considerações preliminares que pesaram na orientação e elaboração do glossário, irei analisar as dificuldades de tradução que fomos encontrando.

A primeira delas prende-se com o facto das línguas não serem uma listagem de palavras que correspondem a realidades iguais e encerrarem, como refere Coseriu (1966), um léxico linguístico e nomenclador. Isto porque cada idioma tem as suas próprias experiências, realidades e percepções sociais, tornando-se necessário encontrá-las e traduzi-las de acordo com os dois tipos de léxico a que o linguista francês se referiu. Além disso, como explica Zimmerman (1987:58), na área económica “(...) *texts are rarely on domestic animals and family, but rather on more complicated (...) matters with overlapping concepts*”.

Daí que haja necessidade de evitar o “*global meaning*”, segundo Eikmeyer e Reiser (1981:147), num documento com estas características, salientando a importância do contexto para a correcta e completa explicação dos termos.

Em relação aos recursos utilizados, caso não fosse necessário proceder à explicação anexa, optou-se pelo recurso ao decalque – o empréstimo do

sintagma à língua de partida, traduzindo de forma literal os elementos que o compõem – uma das soluções para suprir problemas tradutivos.

Foi o que aconteceu com expressões como “*account*” “*sales*”, “*accumulate*” e “*accrued interests*”, entre outros.

Outro recurso utilizado foi a *tradução oblíqua* que consiste na procura de equivalentes por uma via menos directa. Ou seja, sempre que a aluna encontrava um equivalente instituído na língua de chegada, o que se veio a verificar em grande parte dos casos, recorreu à adaptação que, para Vinay e Darbelnet (1972), constituía o limite na tradução, utilizando-se em situações de ausência de equivalente perfeito para o termo original. Talvez o presente tipo de tradução tenha sido, de longe, o mais usado, o que demonstra a enorme dificuldade de que se reveste a *tradução para fins específicos*, uma vez que muito mais do que termos técnicos, ela abrange, de uma maneira substancial, o vocabulário semi-técnico. Assim, para as expressões:

- “*abandonment*” a aluna não se limitou a traduzir o conceito (abandono/abate), uma vez que, no contexto económico, assume outro significado (baixa de um bem do activo fixo, ou dos direitos da sua produção)⁸.
- “*arbitrage*”: este termo é, por norma, associado ao desporto. No entanto, no domínio económico refere-se a uma acção simultânea de comprar qualquer bem económico (acções, bens, moeda, etc.) num mercado para, em seguida, o vender noutra, a um preço mais elevado.
- “*autarky*” que, à primeira vista, poderia parecer análogo a autarquia, tem origem grega e significa auto-suficiência. A tradução do termo é autarcia (controlo económico por parte do governo de um país, com vista a reduzir a dependência do comércio externo).

Penso que a aluna terá seguido o pensamento de Vinay e Darbelnet (*op. cit.*) quando optou pelo presente tipo de tradução: “(...) *le bon traducteur ne traduit pas seulement les mots, mais la pensée qui est derrière et pour cela, il se réfère constamment au contexte et à la situation*”.

As dificuldades tradutivas encontradas relacionam-se com o facto de a língua de partida (LI) ser muito mais directa e precisa, visto que é, por excelência, a língua dos negócios, da economia (cf. Moreno,1997), enquanto que a língua de chegada (LP) não tem qualquer tipo de supremacia ao nível económico. Daí que muitas das expressões que na LI não têm mais de duas palavras resultam, em LP, em três ou quatro, pela necessidade do uso de palavras de ligação:

- “*absorbed overheads*” traduzido por “*despesas gerais absorvidas*”, “*accounts receivable balance pattern*” que foi traduzido por “*modelo de balanço de créditos sobre terceiros*”.

Porém, em duas situações, ocorreu o inverso:

- “*account balance*” foi traduzido por “*saldo*” e “*adverse balance*”, cuja tradução foi “*défiçe*”.

Aquando da elaboração do glossário, apercebemo-nos que uma grande parte das expressões presentes, quer em textos da especialidade, quer noutros glossários eram termos, por norma, não associados à área económica pertencendo, ao vocabulário sub-técnico. Ou seja, palavras/expressões do léxico geral que, quando inseridos em certos domínios, assumem significados diferentes, por exemplo:

- “*acid test*” que se traduz por “*teste de liquidez*” e não por teste ácido, como à primeira vista poderia parecer⁹.

Por último, gostaria também de fazer referência a alguns *falsos amigos* que poderiam ter levado a más escolhas tradutivas, se não fosse a pesquisa feita em vários *sites* brasileiros e espanhóis. Assim, “*acid test*”, “*anuitiçe*” e “*arbitrageur*” não se deverão traduzir por “*teste ácido*”, “*árbitro*” e “*anuidade*”, mas por “*teste de liquidez*”, “*montante anuitário*” e “*arbitragista*”.

Como professora de IFO, orientadora e investigadora destas temáticas, estou convencida que este tipo de vocabulário deve merecer a nossa especial atenção, dado que é o maior provocador de dificuldades e constrangimentos a nível tradutivo.

A globalização dos mercados e dos fenómenos empresariais tem conduzido ao crescimento de uma maior complexidade ao nível empresarial, que se traduz num conseqüente avolumar da responsabilidade e na necessidade de ter conhecimentos mais vastos e diversificados nas áreas económicas, financeiras e da informática, entre outras. Dado que o conhecimento científico e tecnológico é feito em LI, parece ser vital uma colaboração estreita entre o tradutor, o especialista e o professor de IFO, no sentido de colmatar tais lacunas.

Pelas razões enumeradas ao longo do presente artigo, importa reflectir sobre as dificuldades que existem na *tradução para fins específicos*, nomeadamente na elaboração de glossários na área económica, sendo urgente formar tradutores e intérpretes com alguns conhecimentos destas áreas específicas, sob pena de, por desconhecimento dos domínios da Economia, se poderem fazer traduções deficientes como as que se foram encontrando nos diversos glossários consultados, ao longo do presente trabalho, o que decerto irá inibir a produção deste tipo de ferramentas que são praticamente inexistentes no nosso país.

¹ A utilização do glossário foi feita com a autorização de Carla Andreia Silva, a aluna responsável pelo mesmo.

² A docente é professora de Inglês dos Cursos de Contabilidade e Administração, Comércio Internacional e Marketing.

³ Meu parêntesis.

⁴ A expressão *inicializar uma negociação*, em língua portuguesa falada no Brasil, significa em português: *iniciar*) o que, como se pode constatar, afasta da realidade portuguesa.

⁵ <http://www.glossarist.com/glossaries/business>

<http://www.nfa.futures.org/basic/glossary.asp?term=actuals>

⁶ cf. *Diário de Notícias*, suplemento Negócios de 3 de Maio de 2003, respectivamente nas págs. 1,7,8, 14,15,18,19,20,22,24,27,28,30e31.

⁷ cf. Nota 6.

⁸ Para os termos acima analisados, cf. <http://www.bizekac.uk/virtual/economy/library/glossary>.

⁹ Sobre os termos acima referidos, cf. <http://www.glossarist.com/glossaries/business>,
<http://www.nfa.futures.org/basic/glossary.asp?term=actuals>
<http://investorwords.com/cgi-bin/getword.cgi?term=actuals>

BIBLIOGRAFIA

- ASHWORTH, J. (2003). "The doomed partnership." in *Accounting and Business*, n° 3 March, pp 22-23.
- BAKER, M. (1997). *In other Words*. New York, Routledge.
- BERMAN, M. (1984). *Playing with Words*. Oxford, Pergamon Press.
- BLACK, J. (1997). *Dictionary of Economics*. Oxford, OUP.
- CABRÉ, T. (1999) *Terminology: theory, methods and applications*. Amsterdam, John Benjamins Publishing Company.
- CHETWYRD, C. (2003). "What Keeps the CEO Awake at Night." in *Accounting and Business*, n° 3 March, pp 45-47.
- COSERIU, R. (1966). *Quelques Considérations sur la Sémantique Lexicale et la Terminologie*. Paris, Le Hague Mouton.
- Diário de Notícias*, n°s 48988 e 48989, "Suplemento Negócios", Maio 2003.
- EIKEMEYER, H.; H. Reiser (1981) (eds). *Words, Worlds and Contexts, New Approaches in Word Semantics*. Berlin, Walter de Gruiter.
- Exame*, n° 210, Fevereiro 2002, p.14.
- FARIA, A. *et ali*. (2001) "A contabilidade e o ensino da Língua Inglesa." in *TOC*, n° 28, Setembro, pp 26 – 42.
- FARRELL, P. (1990) "Vocabulary in ESP: a lexical analysis of English of electronics and a study of semi-technical vocabulary." *CLCS Occasional Paper*, 25, Dublin, Trinity College.
- <http://www.glossarist.com/glossaries/business>
<http://www.nfa.futures.org/basic/glossary.asp?term=actuals>
<http://investorwords.com/cgi-bin/getword.cgi?term=actuals>
<http://www.bizekac.uk/virtual/economy/library/glossary>
- HUSSEY, R. (1999). *Dictionary of Accounting*. Oxford, OUP.
- LAMEIRAS, T. (2002) "Inglês no ensino de Contabilidade e Gestão." in *TOC*, n° 27, Junho, pp 50 – 54.
- LEHMAN, J. (2002). "Some Desiderata for the Measurement about Price Discovery across Markets." in *Journal of Financial Markets*, vol. V, n° 3, July, pp 259-276.
- LEWIS, C. (1993). *Lexical Approach*. Hove, LTP Publications.
- MALMKJAER, E.; J. Willams (1998) *Context in Language Learning and Understanding*. Cambridge, CUP.
- MORENO, J. (1997). "Neologismos Ingleses en el Lenguaje Empresarial." in Piqué e Besó (eds). *La Lengua Inglesa in contextos academicos*. Valencia, Nau Llibres, pp 453-457.
- MOUNIN, G. (1962). *Linguistique et Traduction*. Bruxelles, Dessait et Mardaje.
- NATION, I. (2001). *Learning Vocabulary in Another Language*. Cambridge, CUP.

NEWMARK, P. (1995). *A Textbook of Translation*. New York, International Book Distributors Ltd.

Novo Michaelis, Dicionário Económico de Português-Inglês (1983). São Paulo, Edições de Livros do Brasil.

NUNES, M. (1999). *Termos Económicos*. Lisboa, Casa da Moeda.

Pequena e Média Empresa, Lisboa, CFE n° 35, Setembro, 2002.

SALVATORE, D. (1986). *International Economics*. Essex, John Wiley and Sons Inc.

SANTOS, F. (1995). *Dicionário de Inglês-Português de Economia*. São Paulo, Edições Europa América.

SWALES, J. (1990). *Genre Analysis: English in Academic and Research Settings*. Cambridge, CUP.

The Economist, March 22nd, n° 28, 2003, pp14-31.

Time, (2003) n° 24, 2003.

VINAY, J.; J. Darbelnet (1972). *Stylistique Comparée du Français et de l'Anglais*. Paris, Didier.

INTERSUBJECTIVITY AND A PRACTICAL INTERSUBJECTIVE ETHICS OF TRANSLATION

Tang Jun

I. Introduction

In the translational context, power relations can be viewed as a series of variants of the relation between the *self* and the *other*: the original vs. the translated version, the author vs. the translator, the initiator vs. the translator, the original vs. its readers and the translated version vs. its readers, etc. If the self is regarded as the subject (realistically or metaphorically) and the other as the object, the problem concerning the relation between the self and the other will be transformed into the problem of the relation between the subject and the object. What has to be called into question is: since the subject enjoys the sovereignty over the object, if a party is determined as the self, in other words, as the subject, it will definitely become synonymous with the *powerful* party. The task for a scholar is then to make a distinction between the subject and the object. Hence all the arguments turn out to be about which side or who is the subject. As a result, great division of ideas has come into being because of differences between decisions on picking out the proper subject from various points of view.

If we examine the situation from another perspective, drawing on the philosophical concept of *intersubjectivity* and taking the self and the other as different *subjects* (realistically or metaphorically), the problem about the relation between the self and the other will be transformed into the problem of the relations between different subjects. Such a transformation is surely more productive for explorations of translation practice. As the power status of a subject in reality is a variant that rises and falls together with the given condition, the aforementioned line of thought is helpful in analyzing problems within their respective contexts and in avoiding taking sides with an absolute, simplistic or static point of view. Balancing the attention to the objective and subjective factors in translation activities, one may come up with a

reconciliation of the polarity between the subject and the object within the context of translation studies from an intersubjective perspective.

II. Intersubjectivity in Translation

A closer look at the translation process with distinction of the following stages may be of help if the theoretical value of the concept of intersubjectivity in a translational context is to be considered.

1. Pre-stage of the Translation Process:

At this stage, two sub-processes are involved: first comes the precondition process. At this point, the author plays the role of the subject of creative writing. Right behind it follows the preparation process—the reading of the original by general readers as native speakers of the source language or readers with source-language background in addition to the initiation of the translation activity for particular personal or institutional purpose. In the case of an average reader, the reader may be regarded as the relatively passive subject of the reading of the original. In the case of a reader setting his or her mind to a given intention, the initiator of the translation activity or the potential translator is the subject as the selector of the material to be translated while a reader with practical intention is the active subject of the reading of the original.

2. Mid-stage:

At this stage, two sub-processes are involved: first comes the quasi- or pseudo-translation process, during which, the translator does his or her analytical reading of the original with the purpose of translating. At this point, the translator acts as the subject as a purposeful reader.

This is immediately followed by the operational process, that is, the process of translation proper. Under this condition, the translator plays the role of the subject as the selector and agent of certain strategies and techniques and the subject as the creator of the translated version.

3. Post-stage:

This stage may be labeled as the reaction process, which is the reading of the translated version by the target-language readers. At this point, the reader acts as either a passive or an active reading subject.

Since different stages of the translation activity have different subjects, it will be more advisable if the intersubjective relations between subjects characterized by the *intersubjectivity* are given priority when scholars consider

those arguments on literariness and substance, literal and free translation, form and content, proximity to form and to spirit, fidelity and infidelity to the original, the creative efforts of the translator, the style of the translator and the style of the author, and the reaction of the readers. Theoretically or ideally, some scholars tend to assume that the subjects involved at different stages of the translation activity coexist on equal terms. In this sense, the induced interrelations are of communicative dialogue, instead of those interrelations that are expected to exist between a subject and an object, such as between the one to recognize and the one being recognized, the one to practice and the practiced, the active and the passive. But actually, the power distribution among different subjects is asymmetrical, the fact of which determines a *practical* intersubjective dimension. This notion of intersubjectivity will be fruitful if translation scholars are ready to abandon the trouble-making dichotomy between the self and the other as the subject and the object.

III. A Practical Intersubjective Ethics of Translation

The intersubjective relations in a translational context outline the boundary of the intersubjective dimension of translation processes and studies. If a translation scholar notices the intersubjective dimension of the translation process, s/he may take to an ethical theory of intersubjectivity. With the concept of intersubjectivity in mind, people will definitely take the idea of dialogue and communication on equal terms between subjects suggested by the theory of dialogism to heart. But it must be noticed that it is too ideal a theoretical picture for us to draw with the color of reality because its premise has to be the combination of equality of status and a balance of power between rival subjects who constitute the two parties of a relation. More often than not, the efforts on desired dialogue and communication on equal terms between subjects achieve little more than well-meaning wishes because of the actual unequal status of and difference in power distribution among the subjects because of the influences of particular socio-historical factors. Technically speaking, the achievement of dialogue and communication between subjects involved in a translating process on equal terms may be labeled as *an ideal intersubjective ethics of translation*.

Since a theory of intersubjectivity begins with concerns of the relation between the self and the other as different subjects, a *practical* ethical theory of

intersubjectivity centers on the praxis of translation, i.e. a translator must try to balance himself or herself among various forces and pressures in terms of his or her relations with other subjects. In this aspect, the current values, socio-cultural or socio-historical factors and the prevailing ideology of the target culture are determinants governing the translator's calculations or choices. Such an ethics of translation allows for certain room for a translator's consideration of personal interests yet insists upon his or her duties to all the parties involved in a translation process. Though it is impossible to please all, a translator must be reasonable or justifiable in making the choices and be responsible for the decisions.

Taking the intersubjectivity in translation activities into consideration, game theory widely applied in study fields of economy and sociology can be proved exceptionally helpful in analyzing and interpreting translational phenomena. An interpretation of the intersubjective relations connected with translation activities in a perspective of game theory may be categorized as *a practical intersubjective ethics of translation* because it can equip us with better explanations of the translator's calculations or considerations in his or her professional practice.

Game theory is insightful for translation studies because it concerns the interactions between rational agents (Sela and Vleugels 1997), who must deal with decision problems just as the translator, the source author, the target reader and other subjects involved in a translation process do. *Interactive* and *rational* are two fundamental concepts of game theory. According to literature on game theory (Shi 2000: 6; Winter 1999), "interactive" is employed to describe the intersubjective relations between the players as decision-making and action-taking subjects while "rational," the players' implementation of actions guaranteeing their optimal interests. Because of the interactive quality of a game, any "rational" decision must be made on the basis of one player's deduction of the actions of any other player.

Game theory will be helpful in viewing translation activities from a new vantage-point: (1) A translation activity is constituted of a variety of chronological processes with interactions between subjects, the fact of which coincides with the precondition of a game in game theory. (2) The decisions of the subjects engaged in translation activities are interdependent—the strategy of any subject is preceded by the consideration and deduction of possible moves

of any other subject, and the final result of the action of any subject is determined by the joint efforts of all the decisions of the subjects. I will offer a detailed account later in this section. The interdependent situation can be taken as analogous with the interactive situation of a game. (3) The study field of translation studies is one that cannot free itself from the concerns of interests (as the “most powerful of motivations” of “human ingenuity”—“the glorious trinity of jobs, remuneration and fame” propounded by André Lefevere [1985: 218]). Evidently the analytical method of game theory can safely be applied to the interpretation of the intersubjective relations in translation activities. In fact, translation activities fall under the category of non-cooperative games (Zhang 1999: 5) for there is no binding agreement between the parties concerned. Further, the favor is granted to the individual rationality or the optimum option for the person in question instead of the collective rationality.

A perspective of game theory will be useful in providing a different view of translation activities. Firstly, the subjects connected with translation activities are, in terms of game theory, *interactive*. It makes no sense to talk about the reader of the original if there is no author; a reading, which serves as the catalyst for the initiation of an act of translating, will be out of the question if no reader of the original makes any attempt at it; no translator will get involved without an initiator or the initiation of the translating act; no act of translating, no creation and reading of the translated text, no receiving audience and the acceptance of the translated version will ever occur or exist if the involvement of a translator is impossible. Adding to this, it can be noticed that the subjects connected with an act of translating take their moves in sequence. Therefore, the subject who acts later can observe the move taken by the one who acts earlier. In this respect, translation activities belong to the so-called dynamic games (Shi 2000: 9; W. Zhang 1999: 12). Of course, the relation between the source author and the translator is *interdependent* rather than interactive whether they are of simultaneous existence or not—if either of them is missing, the act of translation is out of the question though feedback is not necessary. Such a relation may be viewed as an *interaction* in the *symbolic*, *psychological* or *asymmetrical* but *not realistic* sense. It affects the translator to a greater extent than it does to the author. The effect is in inverse proportion to the status of the source culture, and in proportion to the fame of the translator as a professional.

Secondly, the decisions made by the subjects connected with a translation activity are, in terms of game theory, *rational*. In short, the goal for the options of a subject is to get the most desirable results. Specifically, the author, the translator or the initiator hankers after the establishment of personal image as a social critic or a creative writer, a maximum of readership, or the expected social benefits or economic returns as it depends; the reader of the original and the audience of the target text want to stick to their positions as the final judges for the text concerned to avoid unnecessary expenditure of money, time and energy in case they grant their recognition to or answer the wishes of the author, the translator or the initiator too rashly.

Thirdly, since any participant of a translation activity cannot have access to full and precise knowledge of the characteristics of other participants and their possible strategies, a translation activity can be categorized as a game of incomplete information (Shi 2000: 8; Zhang 1999: 12-13). In a word, translation activities belong to the most complicated type of games: dynamic games of incomplete information (Zhang 1999: 32).

Though a translation activity is a dynamic game of incomplete information, it will be inadvisable for us to try to interpret the strategies adopted and decisions made in translation practice according to the arithmetic model provided by the perfect Bayesian Nash equilibrium (Zhang 1999: 32-33) employed by game theory. There are two reasons. Firstly, the strategies adopted by any participant of a translation activity can hardly go that far as to reach the “optimal” goal designated by game theory. In a translation process, though a participant who acts later makes adjustments to his or her preliminary decisions on the basis of his or her observation of the options or actions of the ones who act earlier, his or her efforts on locating the optimal strategy will be no more than an ideal if a thought is given to the complexity and uncertainty of the socio-cultural phenomena and individual behavior. Secondly, a participant who acts later in a translation activity cannot forecast the probability as to what type of player another participant who acts earlier belongs to by any chance on the basis of his or her observation of the options or actions of the participant in question. Even if such a probability is predictable, the actual strategies adopted by other participants are difficult to detect on a complete scale and on shifting grounds of the instability and diversity of cultural behavior in reality. What makes the picture more intricate is that even if knowledge of possible strategies

adopted by a participant is accessible, available approaches to the strategies are inexhaustible and to what extent a strategy has been carried out is incalculable in quantity.

These qualities of a translation activity make it stand out as a dynamic game of multiple phases with more than one participant and unpredictable results. The intricate side of the problem urges us to resort to an interpretation of the types and behavioral inclinations of the participants in a translation activity drawing on a de-mathematical analytical method of game theory.

With regard to the close or loose collaboration between the author's intention of composition or way of thinking and the mainstream ideology of the socio-historical environment in which s/he exists, the author can be of three types: the morally didactic type (in close collaboration with the mainstream ideology), the self-expressive type (in collaboration with the mainstream ideology or otherwise as the case with a conventional or creative writer in the artistic or aesthetic respect), the socially critical type (at least partially uncooperative). Three corresponding strategies for the different type of authors: consistency in catering to the taste favored by the mainstream ideology, maintaining intellectual independence, or keeping balance between the two strategies. Three methods for realization of the strategies: a traditional or a creative way of writing, a balance between the two methods.

In consideration of the motivation of the translating act, the initiator of the translating act can be of two types: one type that looks to social benefits and the other, economic returns. A couple of possible strategies to be chosen: stress on the depth of thought or the practical value of the translational product. The single method for realization of the strategies: seeking a translator who can meet the requirements.

Keeping the purpose of the translator's involvement in the translating act and the corresponding position of the target culture in view, the translator can be of three types – the type that works for academic, professional or practical purpose, for introduction of new ways of thinking during the transforming period of the receiving culture in a relatively unfavorable position, or for consolidation of the existing value system during the stable period of the receiving culture in a relatively privileged position. Corresponding strategies for various translators: reader-oriented approaches to translation, an operating orientation of full-scale foreignization or of something between foreignization

and domestication (the actual doing depends on the national mentality of the people of the nation and the given political and historical situation), an operating orientation of full-scale domestication or of something between domestication and foreignization (the actual doing also depends on the national mentality of the people of the nation and the given political and historical situation). Available ways to fulfill the goal: optional skills for translating and useful linguistic devices.

Readers of the original and the translated version can be classified in a similar way. Taking their reading intention (aiming to do a casual or purposeful reading) and receiving attitudes into consideration, readers can be of four types: the type showing readiness to accept, tolerable readiness to accept, little readiness to accept, readiness to reject. Corresponding strategies to be adopted by the four types of readers: total acceptance of the ideologies and linguistic features of the cultural product; a considerable degree of acceptance; a considerable degree of rejection; total rejection. The strategies mentioned are influenced by the joint efforts of the social, cultural, historical, and ideological forces of the socio-historical environment to which the readers belong. Above is a de-mathematical analysis for classification of the subjects and available strategies of the process of translation in the perspective of game theory.

With remarkable insight, Thomas points out that a game is a “theoretical model” in description of “conflicts of interests” (1984: 15). In the translational context, the subjects’ reactions to *conflicts of interests* as the major components for a practical ethical theory of translation may be interpreted as follows:

1. As to the relation between the author and the reader of the source text or the one between the translator and the reader of the target text, the author and the translator both endeavor to strike a balance between the realization of the preliminary intention and the achievement of the expected effect so as to preserve the distinctive qualities of a cultural product’s content and form as well as attend to the acceptability of the cultural product while the reader acts as the judge of the value of a cultural product and the beneficiary of the valuable or useful elements contained in the particular product simultaneously. It must be noted that the author and the reader of the source text may be of simultaneous (i.e. the period of the creation of the original by the author is contemporary with the period of reading by the reader) or non-simultaneous existence (i.e. the period of the creation of the original by the author precedes

the period of reading by the reader). It also holds true for the case of the translator and the reader of the target text.

If the author and the reader of the source text are of simultaneous existence, they must make adjustments to bring about reconciliation. It is the case because more often than not, neither the cultural production of the author as the creator of a cultural product or the consumption of the cultural product by the reader is a one-off act. Yet it all depends as to the adaptations and adjustments made on their parts respectively. If the author and the reader of the source text are of non-simultaneous existence, the adaptations and adjustments are made solely on the part of the reader.

The following points must be emphasized: If the reading of a source text occurs during the stable period of the receiving culture in a relatively privileged position, whether the judgments of an author or a text are left closed or open, an average reader will spare no efforts in adjusting his or her individual reading strategy in keeping with the prevailing value system of the society; if in addition, the author and the reader of the source text belong to the same historical period, the author will definitely change his or her later strategy of writing to comply with his or her inference or observation of the reading strategy or reactions of the reader if s/he is a conformist, or stick to the former strategy if s/he is of the critical or creative type.

If the reading of a source text occurs at the middle or later stage of a transforming period of the receiving culture in a relatively unfavorable position, with little pressure from the fetters of the dominant value system of the society on individual reading strategies, the reader often embraces an open-minded rather than a conservative way of thinking, the result of which is the diversity of reading strategies and reactions of the reader; if in addition, the author and the reader belong to the same historical period, the author meets little pressure on changing his or her earlier strategy of writing and has more freedom of creative writing.

But at the early stage of a transforming period of the target culture in a relatively unfavorable position, there is a considerable discrepancy between the self-location decided by the culture itself and its actual status, that is to say, the culture itself has not come to realize its degraded status as a weak force, and its national mentality still indulges in an imagination of the former strength of the nation. Under this condition, the behavioral inclinations of the author and the

reader are similar to that of the stable period of the target culture in a relatively privileged position. The behavioral inclinations of the translator and the reader of the target text can be inferred analogously.

2. Keeping the relation between the author and the translator in view, if the author and the translator are of simultaneous existence, it is the author's natural desire for greater publicity of his or her cultural product by the publication of the translation without deformation or distortion of the original on the translator's part; whether the translator and the author are of simultaneous or non-simultaneous existence, the translator does not often translate as the author wishes or may wish because his or her translating act, in most cases, is strongly purposeful and his or her selections of strategies maintain close ties with the purpose of the translation practice. To put it in another way: If the author and the translator belong to the same historical period and the author gives the translator or the individual or institution as the initiator his or her permission to translate, the author simply takes the translated version as a reproduction of the original and hopes to see his or her creation truthfully presented in another form while the translator views the original as a preliminary product to be recreated or reconstructed and seeks a transformation of the original on the basis of calculations or considerations made against both the source culture background and the target culture one. On the whole, it is safe to say that, under circumstances of simultaneous existence, adjustments are often made and such efforts are usually rendered on the part of the translator. Of course, the real cases vary according to conditions.

If the translating act occurs during the stable period of a privileged target culture, which means that the translation practice aims to turn a cultural product of a subordinate source culture into a correspondent one of a privileged target culture, the selections of translational strategies made by the translator (regardless of his or her native language background) in a privileged position as the representative of the privileged target culture are highly restricted by the value system, ethics and moral principles of the target culture because of the strength of that culture and the unfavorable status held by the author of the other culture. Of course, the personal attitude of the translator must not be ignored. If the translator remains critical to the prevalent ideology of the dominating culture, s/he will try to resist the pressures from the

conventions or values of the privileged target culture, be they linguistic, cultural, ethical, social, or ideological.

If the translating act occurs at the middle or later stages of a transforming period of a subordinate target culture, which means that the translational operation aims to turn a cultural product of a dominating source culture into a correspondent one of a subordinate target culture, the selections of translational strategies made by the translator in an inferior position as the representative of the subordinate source culture are highly restricted by the value system, ethics and moral principles of the source culture or by the intention or status of the author because of the strength of the source culture and the superior status held by the author of that culture. Also, if the translator sticks to a critical way of thinking, s/he will not yield to the pressures from the dominating source culture completely while remaining alert in finding a chance for the subordinate target culture and language to play their due parts.

If the translating act occurs at the earlier stage of a transforming period of a subordinate target culture, keeping the considerable discrepancy between the self-location decided by the culture itself and its actual status in mind, it is the same story as the case with the stable period of a privileged target culture. Besides, the relation between the original and the translation can be reviewed in a similar way as the materialized variant of the relation between the author and the translator.

3. As for the relation between the initiator of the translating act and the translator, the initiator bents on the accomplishment of the expectations. Whether the translator can live up to the expectations depends on the initiator's knowledge of the background and capability of the translator and the translator's operating competence and working state in reality. The initiator chooses a suitable translator for the performance of translating while the translator adapts to the requirements of the initiator.

Since the production and reading of a cultural product are processes, it is natural to detect deviations, inconsistencies, changes and adjustments in making decisions on translation strategies. It must be pointed out that the above-mentioned theorization does not exclude exceptions because of the individuality and diversity of human behavior.

IV. Conclusion

A translation activity is a decision-making process, the result of which is not the product produced by a single decision based on a simple reason but complicated calculations of an array of social, historical, cultural or linguistic considerations. In this sense, “In game theory as applied to verbal communication there are only partial winners and never a perfect game” (Nida 1998:178) is a reasonable remark.

With an emphasis on the interactions between the phenomena and the subjects, game theory can provide better help if its analytical methods are stripped of their mathematic elements, which are unnecessarily burdensome and daunting under the present condition. In this sense, the practical intersubjective ethics of translation can provide a better explanation of whatever happens in translation activities.

BIBLIOGRAFIA

- BERMAN, Antoine. Venuti, Lawrence. tr. “Translation and the Trials of the Foreign.” *The Translation Studies Reader*. Ed. Venuti, L. London & New York: Routledge, 2000. 284-297.
- CHESTERMAN, Andrew. “Ethics of Translation.” *Translation as Intercultural Communication*. Snell-Hornby, M. et Al. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1997. 147-160.
- LEFEVERE, André. “Why Waste Our Time on Rewrites? The Trouble with Interpretation and the Role of Rewriting in an Alternative Paradigm.” *The Manipulation of Literature*. Hermans, Theo. New York: St. Martin’s Press, 1985. 215-243.
- NIDA, Eugene A. *Language, Culture, and Translating*. Huhehaote: Inner Mongolia University Press, 1998.
- SELA, Aner and Jan Vleugels “Game Theory.” 1 Dec. 1997. 20 Aug. 2002 <<http://www.sfb504.uni-mannheim.de/glossary/game.htm> >.
- SHI, Xiquan. *Game Theory*. Shanghai: Press of Shanghai University of Finance and Economics, 2000.
- THOMAS, L. C. *Games, Theory and Applications*. Chichester: Ellis Horwood Limited, 1984.
- WINTER, Joachim. “Rational Behavior.” 17 Jun. 1999. 20 Aug. 2002 <<http://www.sfb504.uni-mannheim.de/glossary/rational.htm> >.
- ZHANG, Weiyang. *Game Theory and Information Economics*. Shanghai: Shanghai Sanlian Press & Shanghai People’s Press, 1999.



formar

formacao_de_tradutores@iscap.ipp.pt – PERSPECTIVAS SOBRE O
USO INTEGRADO DAS FERRAMENTAS ELECTRÓNICAS

Alexandra Albuquerque e Manuel Moreira da Silva

In the 1970s, translators basically translated. In our own age, translators are called upon to do much more: documentation, terminology, rewriting, and the gamut of activities associated with the localization industry. (Pym, 2002: 6)

A observação da realidade referida por Anthony Pym tornou-se o *leitmotiv* para uma série de mudanças necessárias e inadiáveis no espaço e no processo de formação de tradutores. De facto, o espaço académico de formação correspondeu, durante décadas, a uma sala de aula despida de qualquer equipamento específico para a tradução, com excepção de alguns dicionários e glossários (muitas vezes os únicos meios de trabalho aceites). No entanto, como se pode ler em Pym (*ibidem*), desde os anos 70 que o conceito de competência em tradução tem vindo a sofrer uma evolução acentuada, a par da própria actividade do tradutor especializado, destacando-se como factores principais dessa evolução o desenvolvimento tecnológico e a rápida transformação do mercado de trabalho, os quais sofreram uma enorme aceleração em consequência dos recentes processos de internacionalização e globalização.

Sendo o universo da tradução “uma matéria onde dominam duas grandes moléculas” (Fonseca e Silva, 2002: 11): o mercado (cliente) e o prestador de serviços (tradutor), o segundo tem que, forçosamente, conhecer as necessidades do primeiro, acompanhar a sua evolução e, numa altura em que a tradução profissional cada vez mais se assemelha a uma linha-de-montagem, onde o tradutor mais não é do que um elemento na engrenagem do projecto (Albuquerque e Guimarães, 2003), adquirir novas competências técnicas e adoptar atitudes que lhe permitam singrar num mercado difícil, em constante mutação e com especificidades muito próprias. Neste novo mercado, mais do que transferir significados, o tradutor tem que ser capaz de negociar contratos,

gerir o seu tempo e solucionar outros problemas que não só os do foro tradutivo, pelo que deve desenvolver um espírito crítico, atento, investigador, organizado e disciplinado.

Como confirmam vários estudos, a formação de tradutores especializados terá, cada vez mais, de incidir no aprofundar das competências que um bom tradutor deve dominar, visto que, como se lê em Espinoza (2003: 3), as principais lacunas dos tradutores recém-formados assentam num desconhecimento do mercado, sobretudo das suas especificidades, das necessidades recentes e das ferramentas auxiliares de tradução, bem como das diferentes técnicas de pesquisa temática e terminológica. Para além destas lacunas apontadas por Espinoza, acrescentaríamos ainda a falta de preparação para o trabalho em equipa – não só no âmbito de um projecto profissional de tradução, mas também, num nível mais circunscrito, de interrelação com outros tradutores independentes –, a flexibilidade – para mudar de área de especialização, de *software* ou de horários –, a disponibilidade para compreender o cliente e/ou o consumidor final e, não menos importante, a formação informática contínua, onde se destaca a compreensão de diferentes linguagens informáticas como as *.html*, *.htm*, *.xml* e *.xls*, entre outras, e o domínio de ferramentas como o *Desktop Publishing*, o *Photoshop* e o *QuarkXpress*.

Com base nestas perspectivas enquadramos, de forma breve, a disciplina de TAC no projecto de formação de tradutores no ISCAP, ao nível do 1º e 2º ciclo da licenciatura e analisaremos, de forma mais exaustiva, a avaliação feita pelos alunos do 2º ano do Curso de Línguas e Secretariado àquela disciplina. Paralelamente, reflectiremos sobre o processo de evolução do conceito de tradução destes alunos, no período compreendido entre o início das aulas e o final do primeiro semestre.

1. *Sobre a formação de tradutores no ISCAP*

A licenciatura em Tradução do curso de Línguas e Secretariado do ISCAP sofreu, a partir do ano lectivo 2000-2001, uma reestruturação profunda. Esta teve o seu ponto de partida no trabalho desenvolvido no ramo da Tradução e integrou dois factores importantes: a reflexão sobre as novas necessidades de formação e a análise das deficiências de formação específica dos alunos, desenvolvida sobretudo ao nível das disciplinas de Seminário, leccionadas no 2º

semestre do último ano da licenciatura, onde algumas das lacunas referidas por Espinoza e por nós (vide pág. 2) se tornavam mais evidentes.

A reestruturação resultou também da percepção, por parte da instituição de ensino, de que a profissão do tradutor está a sofrer uma modificação profunda a todos os níveis, provocada quer pela introdução das tecnologias da comunicação e informação, quer pela virtualização da vida empresarial. Tal como afirma Frank Austerlitz (2001,1),

The snowballing acceleration of available information, the increase in intercultural encounters, and the continuing virtualization of private and business life have resulted in drastic and lasting changes in the way translators work.

Estas alterações resultaram, assim, em termos da concepção dos *curricula*, num processo conducente a uma mudança de paradigmas nas técnicas, estratégias e metodologias de ensino. No decorrer desta reorientação surgiu a disciplina de TAC, com a missão de introduzir e explicitar teorias, conceitos e práticas inovadoras de tradução. De facto, pretende-se dotar os alunos de Bacharelato com um conjunto de conhecimentos significativos que potenciem as suas competências em situações de comunicação, de mediação intercultural e de gestão de recursos e de tarefas na área da tradução, ao mesmo tempo que se espera desenvolver uma relação de confluência/influência na melhoria da prestação dos alunos no período de frequência da licenciatura (o que não podemos, neste momento, aferir, uma vez que os alunos que frequentaram a disciplina não ingressaram, até ao momento, na licenciatura).

1.1 Sobre a formação dos formadores

A aposta na introdução de novos processos de ensino-aprendizagem de alunos/tradutores, ao incentivar e desenvolver competências, nomeadamente através do auxílio da máquina, alargando o espectro da formação dos futuros tradutores, colocou, e coloca constantemente, o problema da formação e actualização dos professores/formadores, eles próprios com uma necessidade contínua de renovação de conhecimentos. A mudança de paradigma na formação de tradutores conduziu a uma urgência na evolução da formação dos formadores; i.e., os docentes das instituições com ensino de tradução viram-se obrigados a desenvolver novas competências, sobretudo na área da informática,

da tradução automática e assistida e da linguística computacional, para poderem leccionar os novos conteúdos em ambientes multimédia, com recurso às novas ferramentas de tradução e de gestão de projectos.

Daqui resultou o adquirir e agregar de áreas e conteúdos que estavam normalmente reservadas às empresas, tais como o ensino de noções de gestão de projectos ou da localização, o que só se tornou possível através da introdução de estudos de caso de grande verosimilhança.

Tal necessidade obrigou os docentes a um contacto mais próximo com as empresas de tradução que se disponibilizem a fornecer informação sobre esta área e cria a necessidade de um contacto mais permanente com o mercado, de um acompanhamento constante da sua evolução, das suas necessidades e das suas tendências.

Finalmente, a alteração deu-se também ao nível das actividades de investigação, que se direccionam, agora, no sentido da construção de *corpora* paralelos e comparáveis de língua específica, da construção de bases de dados terminológicas e de outras actividades que potenciem uma interligação com as ferramentas disponíveis e com as necessidades de formação dos alunos.

2. Tradução Assistida por Computador: descrição de uma disciplina

Esta disciplina surge, como mencionamos antes, como um dos alicerces em que se sustentará a prática tradutiva dos alunos que pretendam seguir a licenciatura em Tradução e dos que, não a seguindo, possam, alguma vez, vir a trabalhar em tradução. A disciplina de Tradução Assistida por Computador, pela primeira vez no plano curricular este ano lectivo (2003/2004), é leccionada em dois semestres e tem um cariz teórico-prático. O espaço de aula situa-se num dos Laboratórios Multimédia existentes e permite o recurso frequente à Internet e a ferramentas de tradução como o Systran 4.0 (menos frequente), o Trados 5.5., ferramentas de gestão de projectos e kits de localização.

O referido espaço cria as condições para o recurso natural a uma metodologia essencialmente prática, em que a aprendizagem segue uma perspectiva integrada e construtivista, assente na prática individual como garante de qualidade e de igualdade de oportunidades. No que respeita à componente teórica, esta parte de uma introdução ao pensamento contemporâneo e às questões que dominam o processo translitológico, através

do análise de perspectivas e conceitos pertinentes, alguns dos quais polifacetados e em constante evolução, como é o caso dos conceitos de localização e de internacionalização. Paralelamente, procura dar realce às questões colocadas pelo manuseamento das ferramentas de tradução, sobretudo aquelas que se colocam na esfera das relações dicotómicas *homem vs máquina*, *tradução vs processamento de dados* e *tradutor vs mercado*.

Acrescem a esta metodologia outras estratégias, como a promoção da participação em grupos/fóruns de discussão – de forma a desenvolver um interesse genuíno no desenvolvimento da tradução como actividade/profissão, ou a participação em conferências/palestras, ou finalmente, a análise de técnicas de selecção e gestão da informação em termos empresariais.

A este propósito, e a título de exemplo, podemos referir um dos objectivos da disciplina de TAC, que consistia no incremento do uso de ferramentas multimédia e electrónicas, fomentado a partir de dois trabalhos práticos: no primeiro os alunos deveriam analisar a utilização de ferramentas electrónicas, ao nível das vantagens e desvantagens, e construir uma Biblioteca Electrónica personalizada num domínio técnico específico; no segundo os alunos recolheriam informação em linha referente a esse mesmo domínio, para posteriormente procederem à construção de uma base de dados terminológica.

3 TAC - a perspectiva dos formandos

De forma a (i) avaliar de que forma a disciplina de TAC tinha contribuído para a percepção do que é o mundo da tradução contemporâneo - de que forma o tradutor deve trabalhar e de que recursos e ferramentas se pode e deve valer -, (ii) avaliar as metodologias adoptadas e (iii) reunir impressões sobre o trabalho realizado no 1º semestre, nomeadamente, no domínio das ferramentas electrónicas, foi distribuído aos alunos, no início do 2º semestre, um inquérito¹. Este era constituído por apenas 3 grupos e 7 questões de escolha múltipla, podendo os alunos seleccionar mais do que uma alínea em cada uma delas. O inquérito foi preenchido por 79% dos alunos que regularmente frequentam as aulas.

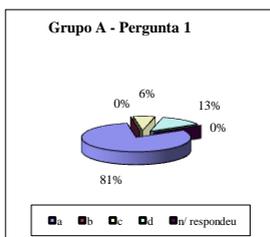
Os resultados que a seguir apresentamos, bem como a sua análise, são fruto de uma primeira reflexão, que pretendemos aprofundar através de outras

¹ Cf. Anexo 1.

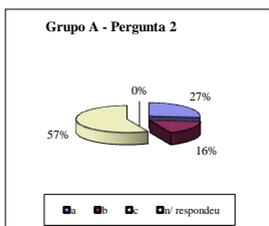
pesquisas ao longo dos próximos semestres. Apesar disso, reflectem postos de vista de grande interesse e permitiram reforçar algumas perspectivas e percursos adoptados, que careciam, num primeiro momento, de fundamento.

Gráfico 1 – Resultados do inquérito

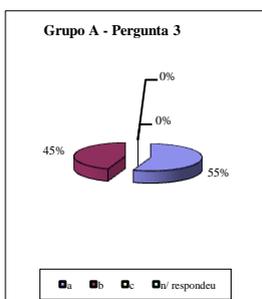
GRUPO A – Acerca da disciplina



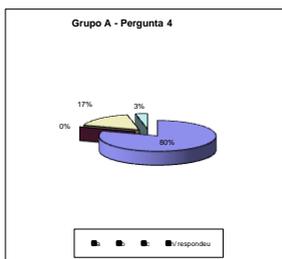
Dado ser o 1º ano em que se lecciona esta disciplina, e fazendo parte do currículo do 1º ciclo do curso de Línguas e Secretariado, foi bastante satisfatório que a larga maioria dos alunos inquiridos (81%) indicasse já nesta fase, como principal motivo de opção pela disciplina, o desejo de se tornar tradutor



Quando questionados sobre o conceito de tradução, apenas cerca de 30% respondem que já possuíam, no momento anterior ao da frequência da disciplina de TAC, uma ideia definida sobre tradução. Cerca de 60% parecem ter abandonado ideias sobre tradução pré-concebidas ou adquiridas em níveis inferiores de ensino.

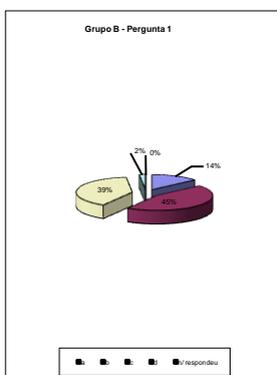


A disciplina de TAC concorreu, como se pode verificar, para o desenvolvimento de novas perspectivas e para o alargamento dos horizontes nestes alunos em relação à actividade translológica, sobretudo no que se refere às ferramentas, competências e recursos para tradução. Também aqui, a grande maioria (na realidade foram 83%, pois muitos alunos seleccionaram a alínea a) e a b)) reconhece que a disciplina de TAC transmitiu uma visão inovadora sobre as envolventes da tradução no mundo contemporâneo.

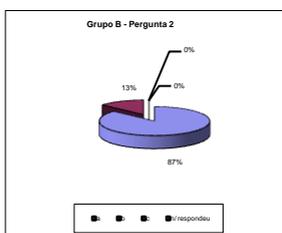


Após um claro reconhecimento de que, findo o semestre, o contacto com as ferramentas electrónicas, recursos em linha e *software* para tradução (no âmbito da tradução automática e assistida) alargou horizontes e alterou ideias aparentemente estereotipadas, 80% dos inquiridos afirmam, tal como se poderia prever, ter reforçado a motivação em seguir a carreira de tradutor.

GRUPO B – Acerca da Metodologia

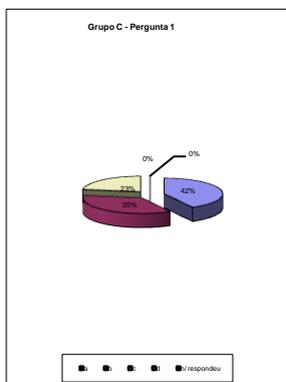


Em relação aos veículos e facilitadores da aprendizagem, os mais eficazes parecem ter sido o apoio docente (44%) e os dois trabalhos práticos realizados ao longo do semestre (40%). Tal como se pretendeu desde o início, quer durante as sessões presenciais, quer através do trabalho prático individualizado, assistiu-se a uma aprendizagem pelo fazer. No entanto, e talvez pelo grupo de trabalho ser composto por alunos do 2º ano do 1º ciclo do curso, o apoio do professor ainda aparece como o maior veículo de aprendizagem. Convém, todavia, esclarecer que, salvo as primeiras 3/4 sessões presenciais no início do semestre, o trabalho desenvolvido durante as aulas apostou no reforço contínuo da componente prática, desempenhando os docentes, essencialmente, um papel de orientação, de consulta e de supervisão.



No que respeita às Tecnologias de Informação e Comunicação utilizadas nas aulas (*PC's, Ethernet, Webcam, modo de demonstração, Internet, e-mail*), parece haver consenso sobre a sua importância como facilitadores e motivadores da aprendizagem numa disciplina em que o recurso à máquina (PC) é absolutamente imprescindível.

GRUPO C – Acerca dos conteúdos



Quanto aos recursos e ferramentas para tradução apresentados e utilizados ao longo do semestre, existe uma clivagem bastante marcada nas opiniões, não ao nível da utilidade e mais-valia daqueles, mas relativamente à atitude de cada aluno perante a utilização intensiva de ferramentas electrónicas e de *software* para tradução. Assim, enquanto que cerca de 23% classifica estes recursos apenas como necessários e vantajosos, não denotando qualquer perspectiva pessoal quanto à sua utilização, os restantes 80%, sendo unânimes quanto à necessidade absoluta daqueles recursos na tradução, dividem-se quando referem a sua atitude pessoal/ emocional em relação ao uso das ferramentas disponíveis: 42% consideram a sua utilização muito estimulante; 35% consideram-na cansativa.

Conclusões

A experiência de formação atrás descrita e analisada constitui uma primeira abordagem a um processo que, é nosso ponto de vista, resultará numa transformação da prática translatólogica em termos, não só do processo de ensino-aprendizagem, como também do espaço de aprendizagem. Representa uma reflexão breve, mas partilhada, uma vez que assenta numa perspectiva bi-unívoca docentes/alunos, a que se adicionam parte das experiências retiradas da formação que vem sendo oferecida pelo ISCAP noutras disciplinas de tradução de diferentes níveis e anos.

Apesar dos resultados serem, em si, bastante conclusivos, gostaríamos de deixar algumas notas finais sobre a avaliação dos alunos à disciplina de TAC I e à aprendizagem realizada. De facto, foi bastante gratificante perceber que, apesar do manancial de informação fornecido e do trabalho prático e de investigação levado a cabo – quer nas aulas de laboratório, quer em aulas livres –, alunos deste nível de ensino, ainda pouco habituados a trabalho de pesquisa, leituras de teóricos e de terminologia(s) algo opaca(s), tenham, por um lado, desenvolvido uma opinião positiva do trabalho realizado, reconhecendo que foram, essencialmente, a prática e o esforço individual orientado e

acompanhado que possibilitaram a aquisição de conteúdos e impulsionaram a aprendizagem e, por outro lado, tenham reforçado a motivação em seguir a via da tradução e a carreira de tradutor.

Apesar de não podermos, ainda, apresentar provas deste ponto de vista, pelos motivos que apontámos no ponto 2, parece-nos que a preparação e motivação dos alunos que vierem, de facto, a ingressar na licenciatura em Tradução contribuirá para uma melhoria substancial da sua prestação ao longo do curso em termos de competências técnicas, de capacidade de pesquisa, de gestão de recursos e de ferramentas para a tradução e de organização do trabalho em geral.

Os resultados permitiram, num primeiro momento, imediatamente ulterior à sua análise, desenvolver, com maior acuidade, um conjunto de práticas, estratégias e metodologias no espaço de aula e no processo de ensino-aprendizagem. Permitiram, finalmente, o estabelecimento de reflexões e o apontar de alguns caminhos para o futuro, assentes numa ideia base: a da necessidade do uso integrado dos diferentes recursos tecnológicos na obtenção de um acréscimo de eficiência e de qualidade no ensino praticado.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Alexandra e M^a de Lurdes Guimarães (2003). “A tradução num mundo globalizado: da arte à linha-de-montagem”. *Polissema - Revista de Letras do ISCAP*, nº 3. Porto.

AUSTERMÜHL, Frank (2001). *Electronic tools for translators*. Manchester. St. Jerome Publishing.

ESPINOZA, Luís (2003). *A formação do tradutor e as necessidades do mercado de tradução em Portugal*. 12 Nov. 2003 <<http://www.terminologias.com>>.

FONSECA, Margarida (2002). “O tradutor e o meio empresarial”. *Polissema – Revista de Letras do ISCAP*, nº 2. Porto.

MOREIRA DA SILVA, Manuel (2003). “Sistemas multimédia aplicados ao ensino da tradução – Estudo de um caso”. *Polissema – Revista de Letras do ISCAP*, nº 3. Porto.

MOSSOP, Brian (2001). *Revising and Editing for Translators*. Manchester. St. Jerome Publishing.

PYM, Anthony (1998). *On the market as a factor in the training of translators*. 13 Abril 2004 <<http://www.fut.es/~apym/>>.

(2002). *Redefining translation competence in an electronic age – In defence of a minimalist approach*. 13 Abril 2004 <<http://www.fut.es/~apym/>>.

(2003). *Translational ethics and electronic technologies*. 13 Abril 2004 <<http://www.fut.es/~apym/>>.

SOMERS, Harold (ed.) (2003). *Computers and translation – A translator's guide*. Philadelphia. John Benjamins.

Anexo 1

Inquérito aos Alunos

Este inquérito é anónimo e não conta para avaliação. Pretende, apenas, avaliar a recepção desta disciplina. Por favor, assinala com uma cruz a(s) alínea(s) que considera mais correcta(s).

A) Acerca da disciplina de Tradução Assistida por Computador (TAC)

1. Porque optou por esta disciplina?
 - a) porque pretendo ser tradutor ___
 - b) por curiosidade ___
 - c) porque não gosto de contabilidade ___
 - d) outro motivo: _____

2. Antes de frequentar esta disciplina:
 - a) já tinha uma ideia definida do que era a tradução ___
 - b) não tinha uma ideia definida do que era tradução ___
 - c) tinha uma ideia errada do que era a tradução ___

3. Esta disciplina:
 - a) deu-me uma visão totalmente nova do que implica a tradução hoje em dia ___
 - b) deu-me a conhecer algumas ferramentas, competências e recursos para tradução ___
 - c) não me deu a conhecer nada de novo ___

4. A disciplina de TAC:
 - a) aumentou o meu interesse pela carreira de tradutor ___
 - b) diminuiu o meu interesse pela carreira de tradutor ___
 - c) não alterou a minha motivação em relação à tradução ___

B) Acerca da metodologia utilizada na disciplina de TAC:

1. Nesta disciplina apreendi melhor os conteúdos propostos (nomeadamente no que se refere a recursos e competências para/do tradutor):
 - a) através da sebenta ___
 - b) através do apoio docente nas aulas ___
 - c) ao realizar os trabalhos práticos ___
 - d) através de outra investigação realizada autonomamente ___

2. Nesta disciplina considero a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação:

- a) muito importante ____
- b) importante ____
- c) pouco importante ____

C) Acerca dos conteúdos apresentados (nomeadamente ferramentas electrónicas, recursos em linha e *software* para tradução):

1. Considero a utilização destes recursos:

- a) imprescindível e muito estimulante ____
- b) imprescindível, mas cansativa ____
- c) necessária e vantajosa ____
- d) dispensável e pouco vantajosa ____

LITERARY TRANSLATION AND QUALITY ASSESSMENT ANALYSIS – ITS SIGNIFICANCE IN TRANSLATOR TRAINING

Beatriz M^a Rodríguez Rodríguez

1. Introduction

This paper aims to highlight the role of translation quality assessment in translation training so as to develop students' translation competence and skills to face translation problems. An analysis to assess literary translation quality is proposed before proceeding to discuss its pedagogical implementation.

2. Literary Translation Quality Assessment Analysis

Translation assessment is a broad notion to be applied to diverse areas of translation, principally published translation, professional translation and translation training. This paper focuses on literary translation and its relation to translation training in an attempt to bind educational and professional life.

To begin with, the question of translation quality assessment must be clarified. Translation quality assessment or translation evaluation (Maier 2000: 137) has commonly been constricted to an enumeration of translation errors, or even to subjective generic judgements concerning the target text. Evidently, an assessment model to be applied to literary translated texts must be settled in order to reach a systematic and reliable evaluative approach. Up to this point I support Susanne Lauscher's opinion as she assures that it is vital "to bridge the gap between scholarly approaches to translation quality assessment and practical quality assessment" (2000: 164).

Definitions of translation quality appear to be source-bound and too broad to be applied until Edmond Cary and R. W. Jumpert's *Quality in Translation* is published in 1963. To date, many translations have been described by means of the generic vague adjectives *good* and *bad*, although these adjectives have not been seriously qualified; they appear to be too ambiguously handled within generic and blurred assertions. That aside, comments on translation quality frequently contain an enumeration of translation mistakes which, although worth considering, does not include any further appreciation.

Evidently, a frame of reference concerning points of the text is pursued in order to comprise all factors affecting each translated text. As this suggests, there seems not to exist a unique concept of quality, for criteria and aims of assessment lead to diverse conclusions about the quality of a target text. It is clear that the notion of translation quality itself involves “fuzzy and shifting boundaries” (Bowker 2001: 347), which implies the impossibility of handling a universal framework of translation assessment. Evaluation involves a relative concept which must be defined taking the features of each text into consideration.

Broadly speaking, to assess the quality of a translated literary text, I consider it essential to perform a detailed contrastive analysis of the target and source texts at all levels, as well as to apply certain assessment criteria to the data collected in each step of the analysis. As was seen that previous proposals involve a highly problematic implementation of the same, partly due to heterogeneous reasons (principally due to a too prescriptive or linguistic approach), it is argued that an assessment analysis has to be flexible and broad enough to be adapted to the characteristics of each text in an attempt to combine the objectivity implicit in any criticism with the features of a specific target text. This assertion brings about the handling of an eclectic descriptive and critical assessment analysis as aspects taken from several proposals are considered. To a certain extent, some of the most often discussed notions of translation theory are embedded in this contrastive evaluative analysis, as well as notions from other similar fields, which highlights the interdisciplinary nature of translation assessment in close relation to the nature of translation studies.

To my knowledge, descriptive translation studies entail a background which is observed to be specifically appropriate at the first steps of an evaluative analysis (Toury 1995: 17-19) provided that a critical perspective is to be followed in further steps. As Viggo Pedersen argues, translation assessment must be based on a contrastive analysis of the target and source texts, for: “criticism is based in careful analysis of the texts concerned provided that it does not forget the importance of the TL context” (1997: 111). Consequently, a top-down analysis is to be applied, for literary texts are to be analysed within their cultural and social context.

As this suggests, macrotextual factors of the target and source texts must be deeply examined and compared, principally in literary translation (Snell-

Hornby 1995). After that, the contrastive analysis is supposed to explore the translator's discourse strategy. In this step units of analysis or segments must be established. Segments are functional units defined as: "units in a comparative analysis would always emerge as coupled pairs of target- and source-text segments, 'replacing' and 'replaced' items, respectively" (Toury 1995: 89). Segments are to be classified into several groups named *categories of shifts* (Leuven-Zwart 1990), so as to account for the translation devices or strategies which they involve such as expansions, reductions, modulations and transpositions (Delisle *et al.* 1999).

Finally, assessment criteria (Brunette 2000: 174) should be implemented as a central framework and reference throughout the analysis in an attempt to reach an assessment as objective as possible (Hatim and Mason 1997: 5; Brunette 2000: 180). Nevertheless, it does not seem viable to reach a framework which can be universally applied to the analysis and assessment of all diversities of texts (Sager 1989: 197; Hönig 1998; Larose 1998: 164; Bowker 2001: 347). Evidently, different criteria for revision or criticism are to be applied to different types of texts (Reiss 2000: 16), even within literary texts (Classe 2000: 1411). In fact, translation quality itself depends on a range of factors (Lauscher 2000: 150; Martínez and Hurtado 2001: 273). These same factors are supposed to constitute a central reference in the assessing.

In my opinion, the *helical procedure* which Gideon Toury applies to translation analysis is to be implemented to all steps of assessment analysis; as this suggests, analysis must be delimited as research advances. Quoting Toury:

In every phase, from the very start, explanatory hypothesis will be reformulated, which will then reflect backwards and affect subsequent discovery procedures. The normal progression of a study is thus helical, then rather than lineal: there will always remain something to go back and discover, with the concomitant need for more (or more elaborated) explanations. (1995: 36)

Similarly, Lauscher proposes the notion of flexibility applying it specifically to translation evaluation. In her view, translation quality assessment requires: "to be based on a yardstick which is flexible enough to integrate translation strategies designed in actual translation processes" (2000: 161). To my knowledge, this assertion is essential to bridge the gap between theory and practice.

To sum up, I claim that the analysis proposed on these pages can be considered in the assessment of translated literary texts provided that slight divergences are accepted accounting for the characteristics of each text. Consequently, I propose an assessment analysis of literary translated texts which must be flexible and broad enough to be always delimited in each study as research advances; each step is to be verified before proceeding to the analysis of the next one. As this suggests, the evident need for objectivity in translation assessment is to be combined with the characteristics which identify each translation process.

3. Assessment Analysis in Translation Training

After having outlined the literary translation quality assessment analysis proposed to be applied to published translations, its didactic implementation is to be discussed.

The pedagogical interest of a qualitative translation assessment has recently been highlighted (Martínez and Hurtado 2001: 279, Lee-Jahnke 2001). In my opinion, translation students are supposed to acquire appropriate translation competence by means of analysing and assessing literary translated texts.

Before proceeding any further, translation competence must be defined. This notion comprises a good translator's competence, levels of competence, and the progression in the acquisition of competence. I support PACTE's definition (2000) of translation competence. This research group assures that competence is the underlying system of knowledge aptitudes and skills required to translate. In their view, translation competence comprises several sub-types: communicative competence in the target and the source languages, extralinguistic competence, transfer competence, instrumental and professional competence, psychological competence, and strategic competence. Borders among these sub-types are almost blurred in some cases. To my knowledge, literary translation quality assessment analysis enables students to acquire and develop competence in these skills.

Obviously, a theoretical outline of literary translation quality assessment analysis should be first required for students to approach the analysis. Immediately after, students have to be conscious of the factors affecting the

translation process by means of practical exercises concerning the assessment. Needless to say, this contrastive assessment analysis must be applied both to direct and indirect translation to reach a wider perspective.

To begin with, it is essential to select appropriate literary texts to be analysed (Kelly 2000). Most narrative techniques, genres and periods must be covered. Whenever it is possible, it is highly worth assessing several target texts of the same source text; in so doing, different translators' proposals and decisions could be compared and assessed. Factors which influenced these decisions and the strategies followed could be contrasted.

The time factor is also worth highlighting in the selection of texts. Apart from current literary texts, target texts published long ago should be included, for it is highly challenging to judge and assess a translation published centuries ago. In so doing, it can be appreciated how translation practice has changed throughout centuries. It cannot be ignored that, as will be discussed later, the historical factor constitutes a central assessment criterion. Each translation has to be assessed within its social and historical context, for translation practice at that time is supposed to have conditioned the process.

After the selection of texts, assessment itself must be performed. Following a top-down approach, students should proceed to an exhaustive analysis and comparison of extratextual factors of target and source texts, which is especially significant in literary translation. On account of the nature of these factors most of them should be given to the student in order to facilitate the analysis in class. Students have to be conscious of data concerning the author, political, social and historical features of the period, among others. Data must be examined in order to verify to what extent the translation was affected. In any case, students should establish the degree of relevance of each factor in the assessment. Students' extralinguistic competence is to be developed in extratextual and textual analysis. Encyclopaedic and cultural knowledge are essential for students to approach a source text and its further translation; cultural references should be appropriately rendered in the target text. Evidently, students should be aware of the available resources concerning the rendering of this cultural knowledge.

That aside, during the sessions students are required to analyse, for instance, the relevance of the structure of the translation, the possible inclusion of footnotes, the translator's prologue, etc.

As was stated above, sub-types of competence are inter-connected. During the contrastive analysis of the target and source texts several sub-types can be acquired or developed at the same time. Communicative competence in both languages is acquired; students learn how to handle resources concerning the comprehension of the source text and expression or reformulation in the target text. Transfer competence, especially the ability to perform translation procedures can be also improved, as well as skills related to students' psychological competence in translation.

The next step of literary translation quality assessment covers an exhaustive textual analysis. The highlight of the analysis involves the study of shifts or deviations existing between the target and source texts. An in-depth contrastive analysis of the two texts enables students to identify translation shifts. Students must state if these deviations are justified or are due to the translator's own criteria or inventiveness. Segments should be established to examine the shifts which they involve. To facilitate the analysis, shifts should be classified into categories of shifts. In so doing, expansions, reductions, modulations, transpositions, etc., should be examined in an attempt to encounter a possible justification for these deviations. In addition, the translation of sayings, proverbs, and puns, among others, is relevant on account of the notable role played by the source text style in literary translation. Obviously, categories of shifts vary accounting for the characteristics of each text; students must be capable of redefining them in each analysis. That aside, students are required to analyse the deviation within its context so as to assess the translator's decision and the factors which influenced it. Evidently, in this step of the assessment analysis students' strategic competence is developed. Students are encouraged to identify verbal and non verbal procedures; comprehension and reformulation strategies are also to be handled and analysed. In addition, instrumental and professional competence, that is, translation competence directly related to professional practice can be developed. Needless to say, students have to be conscious of all available translation resources and technologies.

Assessment criteria have to be applied to all data collected during the analysis, for criteria imply an essential framework of reference. After having performed the contrastive analysis of the target and source texts discussed on previous pages, students should establish assessment criteria and their relevance

in each specific analysis. Students are required to identify factors which affected the translation process in order to draw conclusions about translation quality.

The form and type of text are supposed to condition further assessment criteria (Reiss 2000: 17). The type of text is determined by the translation communicative function in relation to the original text (Sager 1989: 90). The notable role played by the function or purpose of the target text has been frequently believed to be another assessment parameter (House 1997: 108; Nord 1991: 166; Hönig 1998; Larose 1998). Obviously, this functional aspect is supposed to be one of the most significant standards of quality, for the translator's decisions are deeply affected (Sager 1989: 97; Hatim and Mason 1997: 15). It is undeniable that translation quality depends on the translator's aim. Students should analyse these factors and their possible influence on the translator's decisions in order to draw conclusions about their appropriateness. The translator's purpose can be outlined or anticipated in the prologue. Evidently, those assertions must be verified during the analysis to reach an objective approach. Similarly, students are required to state the significance of the reader to whom the translation is addressed, especially if this factor was considered at the moment of writing the translation. The figure of the initiator is also highlighted (Sager 1989; Larose 1998; Schäffner 1988: 2). Students should analyse these data to settle to what extent the translation process was affected.

The valuable role of the historical factor must be specially highlighted in translation assessment. Actually, translation concepts are culturally and historically specific. Louise Brunette applies this assessment criterion in its broadest sense; in fact, it is designated 'context'. However, in my opinion, Brunette is handling a too broad notion despite the special relevance of the factors which it comprises. I claim that the criterion context should be divided into several criteria to facilitate their handling during the assessment. The term 'situation' suggested by Hatim and Mason (1997: 205) seems more appropriate. It can be assumed that this notion should be restricted to cultural and historical factors. Students have to be conscious of the vital significance of this criterion; each translation has to be assessed accounting for translation practice at the time it is published.

That aside, logic criterion is worth considering in the assessment (Brunette 2000: 175). Coherence and cohesion of the translation involve the structure of

logical information and the strategies to connect parts of the discourse, the connectivity of the relations in the target text. No translation can exist if these conditions are not fulfilled. Translation students should familiarise with mechanisms to achieve coherence and cohesion in translation.

Eventually, another two parameters should be regarded in literary translation quality assessment analysis: acceptability or relevance of the target text within its language (Toury 1995: 56), and the possible relation of translations with previous target texts, for target texts can influence others (Hatim and Mason 1997: 20). As far as acceptability is concerned, it is clear that a translation can affect and modify target literature and culture. A preference for acceptability often applies in appropriate literary translations (Chamosa 1997: 47). Data obtained in the contrastive analysis will enable students to state the translator's preference for the target or the source text norms and culture.

As can be supposed, serious hurdles must be faced during the implementation of these assessment criteria. Not all of them are relevant in an analysis on account of the non prescriptive nature of translation. Translation quality depends on a range of factors. Assessments should not be final or absolute, but particular to people, places and time in each specific analysis; evidently, parameters must be adjustable to these notions (Sager 1989: 100). In addition, in most cases, frontiers among criteria are blurred. As a result, the relevance of each criterion must be delimited as students' assessment analysis advances.

As can be deduced from previous paragraphs, to my knowledge, the most appropriate objective assessment criteria are mentioned in Basil Hatim and Ian Mason's (1997) and Louise Brunette's (2000) proposals. In any case, some of these criteria have been included in other approaches concerning evaluative, contrastive or translation analysis perspectives; actually, a consensus on certain criteria is even shown to be traced in current assessment proposals. It is also clear that the approach to assessment criteria cannot be prescriptive; criteria must be applied with rigour and flexibility to fill the deep gap between theory and practice.

As students are required to decide about the appropriateness of translators' decisions taking assessment criteria into consideration, the notion of translation error should be clarified. The classification of errors varies as it encompasses all translation levels. However, seriousness of translation errors

involves a central issue in any assessment. Nord (1996), for instance, assures that pragmatic errors are the most serious ones, followed by cultural and linguistic errors. By contrast, Kupsch-Losereit (1985) highlights the relevance of errors related to the source text (opposite sense, expansion, reduction, etc.) or to the target text (vocabulary, syntax, cohesion, etc.). To my knowledge, although these reliable assertions should not be ignored, the seriousness of each translation error depends on the extent to which the effectiveness of the target text is affected (Kussmaul 1995). Each error must be assessed within its text. During the assessment analysis students should identify the causes which led to translation errors. Deviations between the target and the source texts must be identified and classified accounting for their seriousness. All points should be taken into consideration. In so doing, students are aware of errors and, consequently, future translation errors should be avoided. During the sessions scales of error (Hurtado 1999) could be handled so as to determine the degree of seriousness and impact of the error within the target text.

Concerning the pedagogical implementation of the assessment analysis discussed on previous pages, the approach is two-fold: first, sessions are scheduled covering the whole assessment analysis in several consecutive sessions, second, a range of exercises concerning specific points are to be carried out. During the sessions students should be aware of flexibility to be applied to literary translation quality assessment analysis to cover all features of each text.

Assessment activities include complete or partial translation exercises concerning analysis, revision and comparison of literary translations. Comparative analysis of different translations of a single source text will enable students to judge and assess how translator's decisions were influenced. Translations covering diverse periods could be especially worthy to analyse how translation practice has changed.

Evidently, students must accomplish assessment exercises concerning sub-types of translation competence: for instance, exercises concerning cultural and documentation sources, exercises covering translation strategies and shifts to assess the resources handled by the translator.

Special attention should be paid to the identification of translation errors in all steps of the assessment analysis. Students must be encouraged to state the

degree of seriousness of each error, or to determine if deviations between the two texts can be justified.

4. Conclusions

As can be concluded, the Literary Translation Quality Assessment Model outlined in this paper is highly useful in translation training. Assessment analysis contributes to acquiring and developing students' translation competence. Activities concerning all sub-types of competence discussed on previous pages, should be performed in class. In addition, assessment analysis can be complete or partial accounting for its final aims.

By means of an exhaustive contrastive analysis of target and source text and applying certain assessment criteria, students' communicative competence, transfer competence and psychological competence can be further developed. Students are to be aware of mechanisms interacting in the comprehension of the source text and reformulation in the target text. Assessment activities bring to light students' ability and shortcomings. Extralinguistic competence is acquired by means of a contrastive analysis of extratextual elements included in both texts. Their significance is beyond doubt in literary translation. This skill is also further developed in the textual analysis itself, for students must assess how cultural references are rendered in the target text. In addition, students are supposed to develop instrumental and professional competence, especially to familiarise with all available resources. Finally, an exhaustive qualitative and quantitative analysis and classification of shifts enables students to develop strategic competence, for they will be capable to use translation devices and strategies.

Borders among sub-types of competence are blurred; evidently, all of them are interconnected in a good translator; this fact must be considered in the selection of exercises as several skills could be worked at the same time. Exploitation of texts is supposed to vary (multiple-choice tests, cloze texts, inferring questions, questionnaires, etc.) in an attempt to facilitate students' motivation.

To sum up, an assessment approach to literary translation enables students to judge translators' decisions and to be aware of all factors interacting in translation. Students are to develop their skills concerning the handling of translation mechanisms and resources, and translation strategies and devices.

Translation errors and their reasons are identified and assessed so as to avoid future errors.

Obviously, during these sessions students can face literary translation problems from a complete perspective, for the facing of both the target and the source texts enables students to handle both the translation process and product. Evidently, the need to acquire practical skills before becoming a professional translator is always to be highlighted.

REFERENCES

BOWKER, Lynne. "Towards a Methodology for a Corpus-Based Approach to Translation Evaluation". *Meta* 46. 2. 2001. 345-364.

BRUNETTE, Louise. "A Comparison of TQA Practices". *The Translator* 6.2. 2000. 169-182.

CHAMOSA, José Luis. "Crítica y evaluación de traducciones: elementos para su discusión".

Aproximación a los estudios de traducción. Eds. Fernández Mistral, Purificación, José Bravo Gonzalo. Valladolid: University of Valladolid, 1997. 29-50.

CLASSE, Olive. *Encyclopedia of Literary Translation into English*. Fitzroy Dearborn Publishers: London, 2000.

DELISLE, Jean, H. Lee-Jahnke and M.C. Cormier. *Terminologie de la traduction. Translation Terminology. Terminología de la traducción. Terminologie der Übersetzung*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1999.

FRANCE, Peter. *Oxford Guide to Literature in English Translation*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

HATIM, Basil and Ian Mason. *The Translator as Communicator*. London: Routledge, 1997.

HEWSON, Lance. "Detecting cultural Shifts: Some notes on Translation Assessment". *Cross Words. Issues and Debates in Literary and Non-literary Translation*. Eds. Mason, Ian and Christiane Pagnouille: Liège: L3-Liège Languages and Literature, 1995. 101-108.

HÖNIG, H. G. "Positions, Power and Practice: Functionalist Approaches and Translation Quality Assessment". *Translation and Quality*. Ed. Christina Schäffner. Clevedon: Multilingual Matters, 1998. 6-34.

HOUSE, Juliane. *Translation Quality Assessment. A Model revised*. Tübingen: Gunter Narr, 1997.

HURTADO ALBIR, Amparo. *Enseñar a traducir. Metodología en la formación de traductores e intérpretes*. Madrid: Edelsa, 1999.

KELLY, Dorothy. "Text selection for developing Translation Competence: Why Texts from the Tourist Section Constitute Suitable Material". Eds. Schäffner, Christina and Beverly Adab. *Developing Translation Competence*. Amsterdam: John Benjamins, 2000. 170-181.

KUPSCH-LOSEREIT, S. "The Problem of Translation Error Evaluation". *Translation in Foreign Language Teaching and Testing*. Eds. C. Tiford and A. E. Hieke. Tübingen Narr, 1985. 169-179.

KUSSMAUL, P. *Training the Translator*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

LAROSE, Robert. "Methodologie de L'évaluation des Traductios". *Meta* 43. 2. 1998. 163- 186.

LAUSCHER, Susane. "Translation Quality Assessment. Where can theory and Practice meet?". *The Translator* 6.2 , 2000. 149-168.

LEE-JAHNKE, Hannelore. "Aspects pédagogiques de l'évaluation en traduction", *Meta* 46, 2. 2001. 258-271.

LEUVEN-ZWART, Kitty. "Translation and Original: Similarities and Dissimilarities II". *Target* 2.1, 1990. 69-75.

MAIER, Carol. "Introduction". *The Translator* 6. 2, 2000. 137-148.

MARTÍNEZ MELIS, Nicole and Amparo Hurtado. "Assessment in Translation Studies: Research Needs". *Meta*. 46.2. 2001. 272- 287.

NORD, Christiane. *Text Analysis in Translation Theory. Methodology and Didactic Applications of a Model for Translation oriented Text Analysis*. Amsterdam: Rodopi, 1991.

—, “El error en la traducción: categorías y evaluación”. *La enseñanza de la traducción*. Ed. Amparo Hurtado Albir. Castelló: Universitat Jaume I, 1996. 91-103.

PACTE. “Acquiring Translation Competence: Hypotheses and Methodological Problems of a Research Project”. *Investigating Translation*. Eds. A. Beeby, D. Ensinger and M. Presas. Amsterdam: John Benjamins, 2000.

PEDERSEN, Viggo Hjornager. “Description and Criticism: Some Approaches to the English Translations of Hans Christian Andersen”. *Text Typology and Translation*. Ed. Anna Trósborg. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1997.

REISS, Katherina. *Translation Criticism the Potentials and Limitations*. Translated by Eroll F. Rhodes. Manchester: St. Jerome, 2000.

SAGER. “Quality and Standards, the Evaluational Translation”. *The Translator’s Handbook*. Ed. Patricia Picken. London: Aslib, 1989.

SCHÄFFNER, Christina, ed. *Translation and Quality*. Clevedon: Multilingual Matters, 1988.

SNELL-HORNBY, Mary. “On Models and Structures and Target Text Cultures: Methods of Assessing Literary Translation”. *La Traducció Literaria*. Ed. Josep Marcos Borillo. Col·leció: “Estudis sobre la traducció” 2. Castelló de la Plana: Publicacions de la Universitat Jaume I, 1995. 43-58.

TOURY, Gideon. *Descriptive Translation Studies and beyond*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1995.

Formar

INTERNET EN LA FORMACIÓN DE TRADUCTORES

Iria González Liaño

Antes de la aparición de Internet, los profesionales de la traducción veían limitado su trabajo a una ardua labor de documentación, principalmente en soporte papel, que no siempre estaba a su alcance. Gracias al momento actual de auténtica revolución tecnológica de la información, el traductor se encuentra ante todo un abanico de posibilidades que le ofrece Internet, desde eficaces herramientas de traducción, que agilizan la tarea de documentación y reescritura, hasta la oportunidad de poder trabajar *on-line* o actualizar sus conocimientos gracias a la multitud de recursos y servicios que nos brinda la *red de redes*.

Todas estas herramientas de traducción disponibles en Internet proporcionan múltiples ventajas evidentes. Muchas son de acceso gratuito, se caracterizan por su gran rapidez y por traspasar barreras geográficas y temporales, lo cual hace realidad el hecho de la *aldea global*, al menos en el mundo desarrollado. Por otro lado tanta rapidez y eficacia exige que desarrollemos tácticas para hacer acopio del gran volumen de información acumulada y que aprendamos técnicas para minimizar el tiempo de búsqueda. No obstante, todo esto exige un gran esfuerzo por nuestra parte. Además los sitios web son efímeros, desaparecen en relativamente poco tiempo o se crean otros nuevos cada minuto y su contenido varía constantemente. Por todo ello es importante ya no sólo conocer las herramientas, sino también saber cómo usarlas, dónde buscar posibles herramientas nuevas, cómo seleccionar la información desechando lo que no nos interesa o bien aprovechar la parte eficaz de estos útiles añadiendo información propia o combinando herramientas.

El objetivo, pues, de este artículo es mostrar todos aquellos enlaces electrónicos que se encuentran en Internet y que facilitan en gran medida la labor del traductor, proporcionándole desde las herramientas de trabajo y de

documentación para acometer su tarea, hasta la posibilidad de actualizar sus conocimientos e intercambiar opiniones con otros profesionales.

Cabe señalar que este artículo no pretende ser un censo de todos los recursos útiles para el traductor, sino que ofrece una compilación comentada de aquellos más eficaces, completos y fiables, con la finalidad de reunirlos en un mismo documento de fácil acceso.

Por otra parte, queremos apuntar que los enlaces aquí ofrecidos corresponden al ámbito de la traducción en la combinación inglés-español-gallego, por ser éstos nuestros campos de especialidad.

Como conclusión, podríamos apuntar que pese a que en la red podemos encontrar ayudas importantes para la labor de traducción, corresponde al traductor humano maximizar la utilización de dichos recursos.

Clasificación Temática de Recursos en Internet

1. Enlaces de Consulta

1.1 Buscadores internacionales:

www.google.com *Google* De los buscadores encontrados es el que ofrece un servicio más claro y cómodo. No hay publicidad y la búsqueda ofrece el contexto en los resultados con la coincidencia resaltada. Además se puede buscar según el formato imagen, DVD...

www.yahoo.com *Yahoo* Incluida en su portal, ofrece correo electrónico, ofertas de trabajo, búsqueda general y temática, registro de dominios web, noticias, entretenimiento y además actividades comerciales.

1.2 Buscadores españoles:

<http://www.ozu.es/index.htm> *Ozú* Ofrece una búsqueda general o por comunidades autónomas y dispone de correo gratuito, programas *shareware*, correo y asesoría legal, entre otros servicios.

<http://www.telepolis.com/cgi-bin/web/home> *Telepolis* A diferencia de la mayoría de buscadores en español, que limitan sus búsquedas a una ficha por Web, *Telepolis* rastrea la Red para encontrar URLs españoles e hispanoamericanos e indexa la totalidad del texto de los Webs que detecta.

1.3 Buscadores gallegos:

www.vieiros.com *Vieiros* El canal más relevante de la comunidad gallega, con noticias de principal interés para los gallegos de Galicia y del mundo. Entre sus canales destaca, Lengua, que ofrece los siguientes enlaces: Biblioteca e Lingüística (enseñanza del gallego, proyectos y legislación sobre la normativización del gallego); diccionarios e ferramentas (glosarios especializados, estudios de terminología y neología, traductores automáticos, curso interactivo *Galíngua* para el aprendizaje del gallego); iniciativas e asociacións (Asociaciones internacionales de estudios gallegos en Paris, Oxford o Birmingham, ATG o Asociación de Traductores Gallegos); organismos lingüísticos (Mesa pola Normalización Lingüística, Centro de Investigación Ramón Piñeiro, Servicio de Normalización Lingüística de la Universidad de Santiago de Compostela); traducción (Centros de Estudios Galegos en el exterior, proyecto *Rianxo* de traductor gallego-castellano-gallego gratuito, iniciativas de defensa de las lenguas minoritarias en la UE, Traductores sen Fronteiras).

1.4 Metabuscadore:

Sirven para realizar búsquedas en varios buscadores a la vez.

<http://www.buscadoresyportales.com/> *Directorio de Buscadores y Portales* Relaciona buscadores latinoamericanos, hispanos y regionales así como otros metabuscadores.

<http://www.buscaya.net/default2.htm> *Buscaya, Buscadores en Español* Ofrece una relación de buscadores de varios tipos acompañados de una descripción y el enlace correspondiente.

1.5 Diccionarios y bases de datos terminológicas:

En Internet podemos encontrar toda clase de diccionarios y glosarios especializados monolingües, bilingües o multilingües. Algunos pueden ser descargados para nuestro propio uso y la mayoría de ellos son de libre acceso y gratuitos. Sin embargo, no todos ofrecen la misma calidad y servicio.

www.europa.eu-int/eurodicautom/login.jsp *EuroDicAutom* Diccionario Automático Europeo. Pertenece al Servicio de Traducción de la Comisión Europea y se actualiza cada mes. Contiene términos, abreviaturas y frases. Es la

mayor base de datos del mundo, con entradas en 12 lenguas europeas. Se puede traducir un término a una lengua o varias a la vez y además de la traducción también da definiciones, informa de los campos de especialización en los que puede aparecer dicho término así como el origen de la traducción (diccionario en que apareció o traductor que creó dicho término).

www.logos.net *Logos Language Services* Empresa de servicios lingüísticos italiana. Dispone de un diccionario multilingüe creado por traductores de varios países. También tiene un conjugador de verbos y la *Wordtheque*, que es una base de datos literaria con 500 millones de palabras presentadas en su contexto. www.wordreference.com/es/index.htm *Diccionario Inglés-Español online WordReference.com* Diccionario inglés-español-inglés. Desde su página web podemos incorporar un botón a nuestra barra de herramientas que nos permitirá traducir al español cualquier palabra inglesa de cualquier otra página web.

<http://www.symbols.com/encyclopedia/02/index.html> *Symbols 98 Encyclopaedia* Se pueden encontrar todo tipo de ideogramas, símbolos y signos de varias culturas y momentos de la historia como inscripciones encontradas en yacimientos. Muy útil para la traducción literaria, de cómics, textos matemáticos, etc.

<http://www.ucc.ie/acronyms/> *The Acronym Database* Base de datos de acrónimos construida por los usuarios y a partir de recursos obtenidos en Internet.

<http://www.onelook.com/> *Onelook* Proporciona definiciones o traducciones. Los resultados aparecen divididos por temas con la referencia al diccionario fuente y por otro lado una definición rápida con ejemplos en su contexto.

<http://www.lai.com/lai/glossaries.html> *The Translator's Home Companion* Incluye enlaces a varios diccionarios de numerosas combinaciones lingüísticas. También enlaza con agencias de traducción de todo el mundo y traductores automáticos en línea.

<http://www.uwasa.fi/comm/termino/collect/index.html> *Terminology Collection*. Conecta con diversos diccionarios en línea en distintas lenguas. Se pueden hacer consultas generales o por campos de especialidad.

1.6 Diccionarios de editoriales:

www.rae.es *Real Academia de la Lengua española*. Dentro tenemos accesos al diccionario de la RAE, autoridad en el mundo de habla hispana, con entradas de variedades lingüísticas hispanoamericanas, un conjugador verbal y al Diccionario de dudas. Ofrece también un servicio de consultas lingüísticas en línea.

<http://www.oed.com/> *Diccionario Oxford*. Hay que suscribirse para utilizar el servicio en línea.

www.m-w-com/netdict.htm. *Diccionario Webster*. Diccionario monolingüe de inglés. que permite oír la pronunciación de las palabras.

1.7 Libros de estilo:

www.efc.lenguas/lenguas.asp. *Vademecum del español urgente* realizado por el Departamento de Español Urgente de la Agencia española EFE. Incluye glosario de errores del uso de español.

1.8 Enciclopedias:

<http://www.britannica.com/> *Britannica* La enciclopedia Británica en la red. Ofrece búsqueda en diccionario o en *tesauri* y oferta de suscripción de 72 horas gratuitamente.

<http://www.enciclonet.com/portada> *Enciclonet* Obra de consulta completa por áreas de conocimiento. Ofrece registro gratuito para consultas.

1.9 Instituciones:

<http://www.cirp.es> *Servidor WWW do CRPIH* En la sección de recursos incluye *Termigal* Dependiente del centro de investigaciones Ramón Piñeiro, de Santiago de Compostela. Contiene material relacionado con el estudio de las Humanidades, becas, bases de datos, etc.

<http://www.bne.es/> *Biblioteca nacional de España* Sitio web de la Biblioteca nacional de España que ofrece búsqueda de material bibliográfico y otros recursos así como la posibilidad de realizar consultas y sugerencias vía correo electrónico.

<http://blpc.bl.uk/> *British Library* Sitio web de la *British Library* que incluye consultas en el catálogo de la biblioteca así como otros recursos y la posibilidad de contactar con la institución por correo electrónico.

2. Enlaces de *Instrumenta*

2.1 Traductores automáticos:

Los traductores automáticos para un uso profesional han proliferado en los últimos diez años, con una extensa gama en el mercado y con variedad de precios y diversidad de productos. Pese a que cada vez están más perfeccionados, incurren en múltiples errores, ya que el programa de traducción desconoce el contexto y las reglas inherentes a cada sistema cultural.

<http://www.systransoft.com> *Systran* Traductor automático en línea. La página de Systran, ofrece una demostración de traductor al tiempo que anuncia su memoria de traducción.

<http://www.traducegratis.com/> *TraduceGratis* traductor virtual en línea que incluye un enlace a *Languages on the Web*. Funciona con Systran y ofrece otros traductores (Babelfish, TraducionGratis, etc.).

www.terra.es/educacion/traductor Servicio de traducción ofrecido por el traductor automáticos Reverso (<http://www.reverso.net>) e incluye la opción de traducir páginas web.

<http://www.freetranslation.com> *Freetranslation* Traductor en línea muy útil para textos breves.

<http://www.outsource-sl.com/fabricantes/lh/pt7.htm> *Power translator*. Programa de traducción para ordenadores personales. Trabaja con cinco lenguas y traduce oración por oración y no palabra por palabra. Aún así la traducción se encuentra con dificultades insalvables por la máquina sin ayuda humana.

www.foreignword.com *ForeignWord*. Es de fácil manejo y además el escritorio de este sitio web se puede poner en español. Desde el menú *Dictsearch* podemos acceder a distintos diccionarios.

www.yourdictionary.com. *YourDictionary* Es una empresa de servicios lingüísticos norteamericana. En su escritorio se encuentran 10 diccionarios de las lenguas más importantes, pero se puede acceder también a otras 260 más minoritarias, como el swahili. Su equipo de traductores “humanos” traducen

personalmente una palabra o frase corta de no más de 3 palabras y envían la traducción por correo electrónico al internauta. Para textos más largos hay que pagar una tarifa, que puede ser más alta o más baja dependiendo de la extensión del texto, idioma, grado de especialización, etc. y también de si el trabajo lo realizan traductores humanos o programas de traducción.

www.onelook.com *Onelook* Se pueden encontrar definiciones o traducciones. Los resultados aparecen divididos por temas con la referencia al diccionario fuente y por otro lado una definición rápida con ejemplos en contexto. Contiene un directorio de enlaces a 104 diccionarios.

www.wordreference.com/es/index.htm *WordRefence* Diccionario inglés-español-inglés. Desde su página web podemos incorporar un botón a nuestra barra de herramientas que nos permitirá traducir al español cualquier palabra inglesa de cualquier página web.

2.2 Memorias de traducción:

Según Valero Garcés (2001) las memorias de traducción consisten en bases de datos que almacenan segmentos de texto equivalentes en lengua origen y lengua meta y que pueden recuperarse con los textos que estamos traduciendo o los que traduzcamos en el futuro mediante una opción que se conoce como *alineación* de textos. Estas herramientas se basan, pues, en la memorización y reaprovechamiento de recursos lingüísticos.

Son el recurso más empleado por traductores y empresas de traducción que exigen a sus colaboradores una terminología homogénea contenida en estas memorias. Además el traductor puede añadir entradas y propuestas a la base de datos enriqueciendo así la herramienta para traducciones posteriores. Cuando el programa detecta en el TO un elemento ya traducido nos propone la solución dada en casos o documentos anteriores y si vemos que nos conviene volver a utilizarla la aceptaremos.

<http://www.trados.com> *Trados, Language technology for your business* Translation Workbench (de TRADOS). Memoria de traducción que funciona emparejando el texto que se está traduciendo con las coincidencias almacenadas en la memoria.

<http://www.atril.com> *Déjà Vu* (de ATRIL). Memoria de traducción.

<http://www.star-ag.ch/eng/home.html> *Transit Satellite* (de Star Group). Funciona con una doble ventana para en TO y TT. Selecciona pares de lenguas y ofrece posibles traducciones según las ya almacenadas en la memoria de traducción.

<http://www.wordfisher.com/> *WordFisher* Memoria de traducción que se anuncia en esta página personal como sustituta de Trados eliminando el inconveniente del alto precio de ésta.

2.3 Correctores ortográficos:

<http://www.xunta.es/xeral/corrector/galgo.htm> *Imaxin Galgo*. Se puede descargar de la página web de la Xunta de Galicia: www.xunta.es, enlace “política lingüística”. No funciona en Windows XP.

<http://www.xunta.es/conselle/ceoug/corrixe/#Cdd> *Corrix* Se instala como aplicación del procesador de textos. Al igual que el anterior, se puede ir actualizando al añadir entradas que damos por válidas.

<http://www.terra.es/personal6/bardonmanuela/herramientas.htm> *La Página de Lengua Castellana y Literatura* Corrector de español en línea. Verifica ortografía, conjuga verbos, busca sinónimos, etc.

www.spellchecker.net/demos/to_do.htm *SpellChecker.net* Corrige textos en inglés sin formato. Verifica ortografía, gramática, busca sinónimos, etc.

www.spellonline.com *SpellOnline* Ofrece corrección ortográfica en inglés, francés, italiano, portugués y español pero en la corrección de español no reconoce algunos errores de acentuación.

3. Enlaces de Actualización de Conocimientos

3.1 Medios de comunicación (periódicos):

e aquí un pequeño muestrario de los principales periódicos y revistas de ámbito internacional, nacional y regional que consideramos útiles en nuestra profesión, aunque no descartamos otros medios eficaces para mantenerse al corriente de la actualidad, dependiendo, en ocasiones, de las distintas tendencias políticas.

-Ámbito Internacional:

<http://www.bbc.co.uk> *British Broadcasting Corporation (BBC)*, organización multimedia británica que proporciona entretenimiento, educación e información a millones de destinatarios en todo el mundo. Posee un buscador temático muy amplio y potente y un servicio de noticias (radio y televisión) en 43 idiomas. Incluye un enlace a las páginas web de todos los programas de televisión producidos por esta compañía. La sección *Education/languages* incluye programas de aprendizaje de lenguas extranjeras.

<http://www.timesonline.co.uk> *The Times*. Además de las secciones habituales ofrece un servicio de archivo de noticias del mundo así como una interesante base de datos jurídica.

<http://www.independent.co.uk> *The Independent*. Contiene un gran abanico de secciones temáticas con amplia información, y brinda la posibilidad de enviar titulares al correo electrónico del internauta.

<http://www.time.com> *Time*. Revista británica de rigurosa actualidad, con extensa información sobre noticias nacionales e internacionales, de campos especializados, como el de la economía y los negocios, de la tecnología, de la medicina, etc.

<http://www.newsweek.com>. *Newsweek*. Información sobre el mundo económico, político, financiero y tecnológico.

-Ámbito nacional:

<http://www.elpais.com> *El País*. Periódico de ámbito nacional con reconocimiento internacional. En la versión digital podemos tener acceso a las noticias más destacadas en cada sección (nacional, internacional, deportes, economía, etc) que se actualizan cada 15 minutos. Para acceder a los artículos correspondientes es necesaria una suscripción anual o semestral. El servicio de hemeroteca permite rastrear una noticia en documento escrito, de audio o de video en cualquiera de los medios del grupo PRISACOM.

<http://www.ases.com/periodicos.htm> Ofrece una recopilación de los periódicos y revistas en red más importantes de España, clasificándolos según su ámbito nacional o regional y según su temática (deportivas, de negocios, generales).

-Ámbito regional (Galicia):

<http://www.lavozdegalicia.es>. *La Voz de Galicia*. Es el periódico de mayor tirada de Galicia. La versión digital incluye, además de las habituales secciones, una galería de fotos de primeras planas, acceso gratuito a todas las portadas en formato PDF, servicio de noticias al teléfono móvil a través de la tecnología WAP y un curioso servicio de envío de titulares al correo electrónico del usuario entre 7 y 9 de la mañana.

<http://www.xornal.com> *Xornal.com*. Primer diario electrónico gallego que desde hace tres años viene informando sobre toda la actualidad gallega, nacional e internacional en diferentes secciones y canales.

3.2 Páginas de actualización de lenguas y culturas:

<http://www.mansioningles.com> *La Mansión del Inglés*. Esta completa página web dispone de un curso multimedia gratuito, con gramática, grabaciones sonoras, lecturas y cuestionarios culturales. Incluye enlaces a otras páginas de interés para aprender inglés así como un buscador de cursos, empleos y terminología en inglés.

<http://www.ilovelanguages.com/> *I love languages*. Con más de 2.000 enlaces, esta exhaustiva guía de idiomas y cursos en lengua extranjera (inglés, francés, alemán, español, italiano), perteneciente a la *Human Languages Page*, exhibe recursos tales como diccionarios en línea, servicio de traductores, escuelas de idiomas, literatura en versión original, etc.

<http://www.languages-on-the-web.com/links/link-english.htm> *Languages on the web*. Otra página web de obligada consulta si se quiere aprender nuevas lenguas o mejorar las actuales. Sus más de 30.000 enlaces en lenguas que van desde el apache hasta el urdu, nos conducen a un directorio con recursos de todo tipo para el aprendizaje de lenguas extranjeras.

<http://www.askoxford.com/> Pertenece al grupo Oxford, por lo que nos permite hacer consultas terminológicas o lingüísticas sobre cualquier palabra, cita o expresión de la lengua inglesa.

<http://www.eeooiinet.com/> Página web de la red de Escuelas Oficiales de Idiomas en España.

<http://www.terra.es/personal3/paqui.vecina/home.htm> Página personal que ofrece multitud de enlaces para el aprendizaje de idiomas extranjeros: cursos, software para traducción, asociaciones, periódicos, diccionarios,

titulaciones, bibliotecas, argot, acceso a otros portales de enseñanza lingüística, etc.

<http://www.infoidiomas.com> Portal con información sobre cursos de idiomas en España y en el extranjero clasificados por comunidades, cursos de idiomas para empresas, centros educativos bilingües, centros de exámenes oficiales (inglés, francés, alemán, italiano) y guías de viaje clasificadas por países.

<http://www.traducegratis.com> Además de traducir textos, esta página ofrece un increíble despliegue de enlaces con multitud de recursos relacionados con el aprendizaje de lenguas y culturas extranjeras.

3.3 Formación y estudios de traducción:

<http://www2.umist.ac.uk/ctis/trss/> *Translation Research Summer School* (UMIST), curso de verano de dos semanas de duración sobre investigación en traducción, organizado por *The Centre for Translation and Intercultural Studies* en colaboración con la *School of Modern Languages* de la *University of Manchester*.

<http://www.eisampere.es/> *Estudio Sampere*. Empresa madrileña que desde 1972 dispone de cursos presenciales y a distancia de idiomas y de traducción general y especializada (jurídica, económica, de telecomunicaciones y audiovisual) así como de interpretación consecutiva y simultánea.

<http://www.blanca-rodriguez.com> Esta página personal remite a las facultades y centros de formación de traductores en España y en el mundo.

<http://www.geocities.com/Athens/Acropolis/7953> Otra página personal con indicaciones sobre los estudios universitarios (licenciaturas, masters y posgrados) de traducción e interpretación.

4. Enlaces de Puesta en Común de Conocimientos sobre Traducción

4.1 Asociaciones de Traducción:

A falta de un colegio profesional de traductores e intérpretes, este colectivo se ha agrupado en asociaciones internacionales, nacionales y regionales para establecer unos parámetros de referencia y cooperación en este ámbito.

<http://www.acett.org/es> *Sección Autónoma de Traductores de libros de la Asociación Colegial de Escritores de España*. Fundada en 1983, defiende los intereses y derechos jurídicos y patrimoniales de los traductores de libros. Su página web

proporciona información sobre los requisitos para asociarse (tener dos libros publicados), sobre los premios nacionales de Traducción o la revista *Vasos Comunicantes*, entre otros temas.

<http://www.atanet.org> *American Translators Association*. La asociación más grande e importante de Norteamérica. Con 35 de experiencia, organiza congresos anuales para debatir sobre temas de interés para la comunidad de traductores. Su página web incluye un buscador de sus miembros asociados.

<http://webs.uvigo.es/webtag>. *Asociación de Traductores Galegos*. Sita en Vigo, esta asociación reúne a profesionales que traducen obras al gallego. Editan una revista sobre Traducción llamada *Viceversa* y han creado la Biblioteca Virtual de Traducciones al gallego, con enlace propio, www.bivir.com

<http://www.najit.org/> *The National Association of Judiciary Interpreters and Translators*. Esta asociación, con sede en Washington, responde a las necesidades de los traductores e intérpretes jurídicos, ofreciéndoles datos sobre esta profesión (formación, convocatorias de exámenes oficiales para obtener la habilitación, foros...)

<http://www.staragon.com/tarazona/casatraductor/default.html> *Casa del traductor*. Institución pública creada en 1988 y dedicada al fomento de la traducción literaria. Con este objetivo, proporciona unas óptimas condiciones de trabajo y la posibilidad de entrar en contacto con otros profesionales de la traducción. Actúa, pues, como centro de documentación e investigación donde a menudo se organizan jornadas sobre estos temas. En su página web hay enlaces a otras casas del traductor en Europa.

<http://walk.to/tsf> *Traductores sen Fronteiras*, excelente iniciativa de los alumnos y profesores de la Licenciatura de Traducción e Interpretación de la Universidad de Vigo para traducir desinteresadamente textos desde cualquier lengua al gallego y/o al castellano y viceversa.

<http://www.fit-ift.org> *Fédération Internationale des Traducteurs. International Federation of Translators*. Informa sobre la Carta del traductor, la recomendación de Nairobi y las publicaciones *Babel* y *Translatio*. Así mismo, ofrece enlaces a otras asociaciones de Traducción, Interpretación y Lingüística.

4.2 Listas de distribución y grupos de noticias:

<http://www.geocities.com/Athens/7110/lantra.htm> LANTRA-L. Lista de distribución sobre Traducción e Interpretación que presta una especial atención a las siguientes materias: Lexicografía, Sociolingüística, Ética profesional, Comunicación intercultural y herramientas informáticas.

<http://www.elistas.net/listas/tradgal> Foro dedicado a la traducción desde y para el gallego: terminología, problemas de traducción, traducción en Galicia, etc. Creado en el 2002, es un foro con un alto índice de participación

<http://medtrad.org/> *Grupo de Medicina y Traducción*, que incluye información para traductores especializados en Medicina: bibliografía, recursos de redacción, diccionarios y glosarios, terminología, etc. Además, editan la revista trimestral *Panace@* y el *Medtradiario*, que recopila las consultas y debates de su foro.

Muchos de los servidores de Internet ofrecen listas de distribución sobre determinados temas de especialización. Sólo en *Yahoo* podemos encontrar 273 grupos relacionados con aspectos de la traducción y la interpretación. He aquí los más relevantes:

<http://groups.yahoo.com/group/translation-jobs/> Sólo para empleos relacionados con la profesión de traductor

<http://groups.yahoo.com/group/financialtranslators/> Traductores autónomos (freelance) especializados en finanzas, economía o comercio, en cualquier combinación lingüística.

<http://groups.yahoo.com/group/glosspost/> Lista para traductores, terminólogos, escritores técnicos, etc, pues se comentan recursos tales como léxicos, diccionarios monolingües, bilingües, multilingües, etc.

<http://groups.yahoo.com/group/translist/> Dedicada al debate sobre problemas de traducción específicos de la combinación inglés-español.

<http://groups.yahoo.com/group/techtranslation/> Foro para traductores técnicos

<http://www.listserv.rediris.es/archives/tecnotrad> TECNOTRAD lista de distribución dedicada a las tecnologías que sirven de apoyo a la traducción. Los temas debatidos son: Recursos tecnológicos para traductores, diccionarios y glosarios, traducción automática, procesado del lenguaje natural/controlado

aplicado a la traducción y la lingüística de corpus (CL Corpus Linguistic) y corpora multilingües.

<http://www.rediris.es/list/info/traduccion.es> Traducción en España. Información sobre Traducción: Historia y teoría de la traducción, enseñanza y aprendizaje, planes de estudio, líneas de investigación, bibliografía de la traducción en España y problemas concretos de la traducción al español.

4.3 Revistas electrónicas de traducción:

<http://www.traduccion.rediris.es> *La linterna del traductor*. Esta página está albergada por la red Iris, red española de I+D, y engloba artículos sobre aspectos relacionados con la traducción.

<http://accurapid.com/journal/tj.htm> *Translation Journal*. Revista mensual estadounidense dedicada al mundo de la traducción profesional. Sus amplios contenidos abarcan desde artículos específicos sobre traducción, crítica de traducciones, anuncios de publicaciones, perfiles de traductores, hasta traductores en el mundo, la sección *In Memoriam*, eventos y congresos, herramientas o cartas al director.

<http://www.ucm.es/info/iulmyt/Hieron.html> *Hieronimus complutensis*. Revista semestral sobre el mundo de la traducción editada por el Instituto Universitario de Lenguas Modernas y Traductores, dependiente de la Universidad Complutense de Madrid.

4.4 Páginas personales sobre traducción:

<http://www.webbsnet.com> *Webb's World Translation Resources*. Página de Lynn Webb, traductora de inglés y de alemán, que ha recopilado información sobre recursos de traducción e interpretación, agencias y asociaciones, memorias de traducción, publicaciones, software y conversores automáticos, referencias monolingües y multilingües, etc.

<http://www.xcastro.com> Completa página personal del traductor audiovisual Xosé Castro, con enlaces a su CV, a recursos para la traducción (software, aplicaciones informáticas, publicaciones electrónicas), herramientas (TERMITE o glosario plurilingüe del Consejo de Europa), asociaciones (SETAM o Seminario de Estudios de Traducción Audiovisual y Multimedia),

foros (TRAG o lista de distribución sobre Traducción Audiovisual), agencias de traducción, instituciones lingüísticas, etc.

<http://webs.uvigo.es/h06/weba573/persoal/lugris/2ndx.html> Página de Alberto Álvarez Lugris, docente de la licenciatura de Traducción e Interpretación de la Universidad de Vigo. Además de incluir información académica, ofrece un interesante enlace a “o recuncho”, desde el que se puede acceder a artículos sobre traducción y lenguas, motores de búsqueda, Word 97 en gallego y *The Ring of Translation Research*, proyecto que reúne directorios de herramientas para traductores.

<http://www.blanca-rodriguez.com> Página de Blanca Rodríguez, licenciada en Traducción e Interpretación por la Universidad de Vigo, con información muy exhaustiva y enlaces comentados clasificados en diversos apartados:

-Diccionarios (diccionarios y glosarios en línea monográficos, bilingües, monolingües, de diferentes combinaciones lingüísticas); enlaces (portales sobre traducción, asociaciones de traductores, creación de páginas web); directorios de Traducción e Interpretación (agencias de traducción, directorios de traductores autónomos); para estudiantes (discursos para interpretar, facultades de Traducción e Interpretación en España con sus correspondientes enlaces, becas y ayudas, trabajos, cartas de presentación y modelos de curriculum).

www.monabaker.com Página de la profesora Mona Baker, que incluye información sobre artículos, conferencias y eventos del ámbito de la traducción.

4.5 Congresos y eventos sobre Traducción:

<http://www.royfc.com/confer.html> Página personal del traductor Roy Cochrum con un completo enlace a los congresos o seminarios sobre Lingüística y Traducción, organizados a tres años vista.

<http://webs.uvigo.es/sli/virtual/congresos.htm> *O traductor virtual* de la Universidad de Vigo, que ofrece amplia información, entre otras cosas, sobre conferencias y congresos de Traducción e Interpretación.

http://www.ua.es/dfing/tra_int/TablonAnuncios.htm#Congresos Información del Departamento de Filología Inglesa de la Universidad de Alicante sobre el área de Traducción e Interpretación, en especial sobre anuncios de congresos y seminarios de Traducción.

<http://www.expolingua.es/> La feria más importante del sector de los idiomas que se celebra anualmente en Madrid, aproximadamente en el mes de marzo, y que reúne las más importantes empresas del sector, que presentan sus ofertas, aunque también participan instituciones y universidades españolas y europeas.

4.6 Portales sobre Traducción y/o Lenguas:

<http://www.picodeoro.com/> *El pico de oro*. Guía del traductor para recursos en red. Reúne enlaces a agencias de traducción, asociaciones, chats, diccionarios, empleos, eventos, herramientas, publicaciones, librerías, escuelas de formación y la *Redvista Pico de oro*, con artículos sobre estos temas.

<http://www.translatorstips.com/> *Translators tips*. Página web que proporciona información y consejos a traductores freelance en su revista electrónica mensual *Tranfree* con más de 30.000 suscripciones.

www.el-castellano.com. Es la página del idioma español que incluye publicaciones, listas de diccionarios, gramática, cursos, foros, literatura, congresos y el interesante “Rincón del traductor” con información, artículos y debates sobre la traducción al español. Contiene accesos a diccionarios especializados y a otras revistas digitales sobre traducción.

www.cvc.cervantes.es/portada.html *Centro Virtual Cervantes*. Página que recoge la actualidad de la lengua española, proponiendo foros sobre temas relacionados con la evolución de la lengua y con la literatura. Lo más interesante es la sección diaria del “Trujamán”, con artículos y debates, así como “El atril del traductor”, aula virtual de traducción para estudiantes y profesionales, que incluye talleres y ejercicios para practicar y reflexionar sobre esta disciplina.

5. Enlaces Laborales

5.1. Traductor Jurado:

La traducción jurada directa (al español) o inversa (al inglés) es cualquier traducción que está firmada y sellada por un traductor habilitado para esta función y que posee carácter oficial ante las autoridades. Este tipo de traducción se realiza a petición de una determinada autoridad (ministerio,

juzgado, institución académica, etc) para cualquier clase de documento. Las traducciones juradas han de ser realizadas por un traductor intérprete jurado nombrado por el Ministerio de Asuntos Exteriores de España, y registrado en la Oficina de Interpretación de Lenguas de Madrid y en la Delegación del Gobierno o Gobierno Civil de la provincia donde ejerza su actividad.

<http://www.mae.es> *Ministerio de Asuntos Exteriores*. Accediendo al enlace “Intérpretes Jurados” se obtiene un listado por provincias de los traductores jurados y su combinación lingüística. También se ofrece información sobre las convocatorias de examen para obtener la habilitación de traductor jurado así como las condiciones para la exención de examen.

<http://www.gitrad.uji.es> *Web del Traductor Jurídico*. Página web bilingüe (español y catalán) creada por el Departamento de Traducción y Comunicación de la Universitat Jaume I de Castellón, que contiene una completa información sobre el ámbito de la traducción jurada: formación universitaria, otros ámbitos de formación (Derecho, lenguaje jurídico, etc), bibliografía, congresos, exámenes oficiales de traducción jurada, directorio de profesores y profesionales, foros de debate, glosarios especializados, etc.

5.2 Directorios de traductores y agencias de traducción en la red:

<http://www.aquarius.net> Inmensa base de datos de traductores y agencias de todo el mundo que canaliza proyectos de traducción a través de un sistema de pujas y de suscripciones jerárquicas.

<http://www.tuspain.com/lang/trans.htm> *Tu Spain*. Contiene un directorio de traductores al español tanto de España como de Latinoamérica.

<http://www.transref.org/> *Transref*. Anuncia trabajos, publicaciones congresos, noticias, etc relacionadas con el mundo de la traducción, y su directorio incluye a más de 6.000 profesionales.

<http://www.translation.net/> Compañía estadounidense que ofrece servicios de traducción, localización y globalización, incluyendo enlaces a software gratuito y a otros recursos informáticos aplicados a la traducción.

<http://www.ncta.org/> *Notbern California Translators Association*. Incluye además de múltiples recursos y eventos relacionados con la traducción, la

revista *Translorial* y enlaces a los centros universitarios o de formación profesional específica sobre Traducción en Estados Unidos.

<http://www.translation-services.com/index.asp> Directorio de traductores clasificados por países, lenguas de trabajo y campos de especialización.

<http://www.planetlingua.com> *Planet Lingua*. Empresa gallega de traducción cuya página web ofrece también la posibilidad de acceder a glosarios especializados, a un traductor automático gratuito, así como a un enlace de congresos y eventos sobre esta profesión.

<http://translatorscafe.com/Cafe/NewsFull.asp> *Translators café*. Página dedicada a la promoción de la comunicación entre traductores y clientes. Así, encontramos directorios de agencias de traducción, chats para profesionales, software específico, diccionarios e incluso una recomendación sobre las tarifas de traducción.

Conclusiones

Con este artículo hemos querido proporcionar una posible clasificación que reúna los principales recursos útiles para el traductor de modo que obtenga una visión global de todo lo que le ofrece internet para desarrollar su labor profesional. Es por tanto, un punto de partida para poder seguir ampliando y actualizando esta información y minimizar el tiempo de búsqueda, tan valioso en nuestra profesión.

No obstante, queremos recordar que esta clasificación responde a un criterio puramente personal y orientativo, pues ante la gran avalancha de información existente sobre este campo, hemos seleccionado aquellos enlaces que pudieran ser de mayor utilidad para el traductor y que gocen de mayor prestigio o autoridad entre los especialistas.

Concluimos, por tanto, señalando que Internet ha supuesto toda una revolución tecnológica en muchos ámbitos del saber, pero sobre todo en el campo de la traducción, modificando hábitos y costumbres que nunca antes hubiéramos imaginado, creando pues un universo multimedia en el que el traductor se mueve traspasando fronteras en cuestión de minutos.

GÓMEZ CLEMENTE, X.Mª. (1996): “Recursos para traductores na rede Internet”, *Viceversa. Revista Galega de Traducción*. nº 2, Vigo, Departamento de Filoloxía Galega da Universidade de Vigo.

GUINOVART, J.G. (1996): “Traducción automática e traducción asistida por ordenador: aspectos terminolóxicos e tipoloxía”, *Viceversa. Revista Galega de Traducción*. nº 2, Vigo, Departamento de Filoloxía Galega da Universidade de Vigo.

VALERO GARCÉS, C., DE LA CRUZ CABANILLAS, I. (eds) (2001), *Traducción y nuevas tecnologías. Herramientas auxiliares del traductor*. Encuentros en torno a la traducción 4. Alcalá, Universidad de Alcalá.

COMPETÊNCIAS LINGUÍSTICAS E COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS – UM NOVO PERFIL PARA OS FORMADOS EM LÍNGUAS

Manuel Célio Conceição

O domínio de línguas tem sido visto como um saber acessório e nem sempre devidamente enfatizado nos desempenhos profissionais. A formação superior na área das línguas tem sido organizada em torno de um conhecimento mais ou menos passivo de estruturas linguísticas e culturais, ensinadas e, supostamente, adquiridas essencialmente a partir de manifestações linguísticas tipificadas. Isto verifica-se nas universidades, nas já tradicionais licenciaturas em Línguas e Literaturas (herdeiras das antigas Filologias) e nos cursos do ensino politécnico. Uns e outros têm sido, geralmente, orientados para a formação de professores que vão exercer as suas funções no ensino básico e secundário.

Na última década apareceram, nos cursos universitários, alguns ramos de tradução e mais recentemente alguns cursos de línguas aplicadas. No ensino politécnico têm vindo a aparecer cursos de tradução (raramente com disciplinas de interpretação) e cursos de línguas e secretariado, por exemplo. Este quadro muito sintético das formações disponíveis em Portugal e a análise dos respectivos currículos revelam a desarticulação existente entre a formação superior e as necessidades do mercado empregador. Saliente-se que, nem sempre, essas necessidades são facilmente identificadas por se dar pouca relevância às competências linguísticas e comunicativas de alguns profissionais e à sua imperiosa presença em algumas actividades profissionais.

Interessa-nos, portanto, reflectir, sobretudo, sobre as alterações necessárias às estruturas existentes de forma a que os futuros formados pelo nosso ensino superior possam entrar em competição com os de outros países e possam ser detentores de competências específicas para o desempenho de tarefas cada vez mais especializadas na área das línguas em contexto laboral. Não nos deteremos, por isso, na formação de professores mas focaremos em particular a formação de peritos linguísticos / técnicos de línguas / prestadores de serviços linguísticos. Note-se que há alguns problemas terminológicos na denominação destes especialistas em línguas, cujas funções não se confundem com os

linguistas. Em francês, surgiram nos últimos anos os termos “communicatitien” e “langagier”. A denominação inglesa “language services provider”¹, por ter um processo de formação morfo-sintáctica mais motivado, parece, no entanto, ser mais transparente. Consideramos sob esta denominação os licenciados ou pós-graduados em línguas que exerçam funções (que podem ser muito diferenciadas) nas instituições nacionais e internacionais e nas empresas de um mercado globalizado e, necessariamente, plurilingue.

Aprender línguas no ensino superior deve ser mais do que adquirir e dominar estruturas gramaticais, lexicais e pragmáticas do respectivo sistema linguístico. Trata--se sobretudo de ser capaz de utilizar estes conhecimentos em situação de comunicação real, que não se deve limitar a situações estereotipadas de diálogos de inspiração mais ou menos estruturalista.

É necessário diversificar as situações e os suportes das interacções comunicativas. Os alunos devem ser expostos e devem treinar diferentes tipos de situações de comunicação dos quais decorrem diferentes tipologias discursivas e inerentes escolhas de unidades lexicais / terminológicas² e de outras estruturas linguísticas apropriadas. Trata-se de utilizar a língua nas profissões e nas trocas culturais, sociais e económicas, produzindo discursos com estruturas e terminologias apropriadas às situações e aos intervenientes na comunicação. Devem ainda ser capazes de identificar a informação pertinente nos textos (incluindo mapas, gráficos, esquemas) e de a sistematizar. Conhecer a língua é, assim, saber utilizá-la para comunicar em cada situação específica.

Aprender uma língua não é apenas manifestar curiosidade pelo código de outros, é saber interagir com esses outros na sua língua e tornar-se membro activo da interacção comunicativa. Aprender uma língua é, portanto, uma estratégia necessária para a integração em comunidades diferentes.

Não nos parece, portanto, discutível a necessidade de dominar na perfeição a língua materna e de conhecer com propriedade línguas estrangeiras. Orientações europeias (decorrendo, por exemplo, da chamada estratégia de Lisboa) defendem que cada cidadão europeu deve conhecer, para além da sua língua materna, mais duas línguas como condição para a concretização da Europa do conhecimento. A referência a línguas estrangeiras não se pode limitar às línguas tradicionalmente ensinadas nas nossas instituições e o alargamento do leque de línguas disponibilizadas nos cursos é uma questão premente. Este leque deve abranger línguas europeias menos faladas e cuja

existência tem sido ignorada no panorama do ensino superior português (por exemplo, as línguas dos países que recentemente integraram a União Europeia), línguas europeias genealogicamente mais distantes do português (índo-europeias ou não) e línguas de fora da Europa (os exemplos mais evidentes são o árabe, o chinês ou o japonês).

Quaisquer que sejam as línguas disponibilizadas nas formações superiores, ainda que os objectivos gerais da sua aprendizagem possam não ser muito diferentes dos até aqui delineados, os conteúdos dos programas e as metodologias / estratégias de ensino e de avaliação de desempenho no seu uso carecem de alguma reformulação. Não negligenciando os conteúdos de funcionamento da língua e os conteúdos de índole histórico-cultural (estudados a partir, por exemplo, de textos literários) devem acentuar-se os conteúdos relacionados com a cultura contemporânea (nas suas diferentes manifestações sociais, artísticas, políticas, etc.) e com temas da actualidade. Para isto, o sistema linguístico deve ser encarado na sua evolução e os diferentes registos de língua devem ser estudados e integrados nas respectivas situações de interacção comunicativa, considerando como suporte de trabalho e de estudo manifestações discursivas diferenciadas que incluam materiais menos convencionais.

As necessidades de formação universitária no contexto actual, determinado por algum utilitarismo e por imposições supranacionais que visam a circulação de profissionais no espaço europeu e mundial, provocam uma imperiosa alteração curricular e a construção de novas abordagens pedagógicas e didácticas do ensino das línguas, nomeadamente do ensino de línguas no âmbito de diferentes domínios do saber e esferas de actividade humana (a inserção das línguas de especialidade³ nos currículos tem que deixar de ser uma utopia). Do ponto de vista da reestruturação curricular, trata-se, portanto, de redefinir as formações com novas orientações pedagógicas e metodológicas que atendem à redefinição dos conteúdos e à relação entre a relevância das suas leccionação e aprendizagem e possíveis reutilizações em contextos profissionais. Estas reestruturações e as práticas delas decorrentes podem e devem ser harmonizadas por documentos orientadores internacionais como o *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas*⁴ ou os diferentes *Portfólios*⁵ que têm vindo a ser validados, quer ao nível nacional quer ao nível internacional. Saliente-se, no entanto, que para que estes documentos possam

ser correctamente aplicados, os mesmos devem ser instrumentos de análise no processo de formação (inicial ou contínua) dos professores. A questão da formação dos professores é, precisamente, outra das questões que deve ser considerada no quadro de todas as alterações necessárias. Quaisquer que sejam a formação, a categoria e a origem dos professores (“native speakers” ou não), é importante que as suas formações iniciais e/ou especializadas sejam adequadas ao que lhes é exigido no contexto em que vão leccionar.

Só com professores formados ou, pelo menos, sensibilizados, na senda das novas perspectivas e necessidades, é possível conceber a alteração dos processos de ensino e de aprendizagem. Processos que, enquadrados numa nova perspectiva do papel do professor, se devem centrar na aprendizagem em autonomia, eventualmente com a possibilidade de recursos ao ensino à distância (como o *e-learning*) e para os quais é também imprescindível dotar as instituições dos meios materiais necessários à sua concretização. A abordagem de todo o processo de ensino / aprendizagem deve também ser articulada com o conhecimento efectivo das reais necessidades dos públicos-alvo como, por exemplo, o desenho curricular de programas diferenciados que contemplem módulos específicos de aperfeiçoamento de determinadas competências linguísticas e comunicativas associadas ou não a diferentes domínios de referência.

Não esquecendo que as formações actuais também devem preparar para a mobilidade de profissionais no espaço europeu e mundial e para a competitividade que é inerente a essa mobilidade, os currículos dos cursos de línguas devem integrar disciplinas da área da comunicação e das indústrias da língua que ostentam a relação entre as instituições de ensino e os contextos *extra muros* dessas instituições.

As novas acepções da formação universitária conduzem a diferentes perfis de formação e tipificam competências de saída (delineadas por documentos de referência internacional como, por exemplo, o “*Relatório Tuning*”⁶ e os documentos das redes TNP Languages), de forma a reflectir acerca das necessárias mudanças pedagógico- -didácticas e das alterações nas metodologias de ensino/aprendizagem de línguas com fins específicos. Estas alterações estão relacionadas, entre outros, com a formação dos professores, com as finalidades e processos de ensino/aprendizagem, com os conteúdos, com os materiais didácticos e com as metodologias de avaliação.

Considerando os tópicos acima e pondo-os em prática no decorrer da formação superior (que não se pode alhear dos conhecimentos prévios trazidos de ciclos de ensino anteriores nem das eventuais experiências profissionais dos alunos), pode, então, esperar-se que os futuros licenciados na área das línguas sejam capazes de assumir funções em domínios de actividade profissional que deles necessitam. Lembremos que se aprende uma língua estrangeira (para além da formação pessoal e do contributo para o conhecimento da língua materna) para se ser competitivo ao nível internacional, para vender produtos, para fazer conhecer o trabalho, para aceder e disponibilizar diferentes tipos de informação.

Em todas as formas de repensar a formação superior em línguas, quer sejam de âmbito mais profissionalizante, como as do ensino politécnico, quer as que se desenvolvem nas universidades, a questão da relação com o contexto social e com os desempenhos futuros dos futuros licenciados deve fazer parte dos quadros delineadores dos currículos e das respectivas metodologias de ensino.

Para além das áreas de actividade já conhecidas, há um conjunto de novas necessidades do mundo actual, umas já definidas e outras ainda em situação emergente, em que se esperam desempenhos específicos. Cabe às instituições estar atentas às mudanças em curso e preparar os seus alunos para o desempenho de funções que se vão delimitando e tipificando consoante evolui a tecnologia e todas as relações socio-económicas entre as comunidades linguísticas e culturais.

Mesmo para as actividades/profissões já aparentemente bem delimitadas como a tradução ou a interpretação⁷, por exemplo, é agora imprescindível que os profissionais adquiram métodos de trabalho na área da pesquisa, armazenamento e gestão de recursos linguísticos facilitadores do trabalho que lhes é exigido cada vez com maior rapidez, dada a velocidade de circulação da informação. Só com o domínio destes recursos é possível tirar partido dos bancos de dados linguísticos disponíveis em suporte informatizado e utilizar a tradução assistida por computador ou a tradução semi-automática, por exemplo.

Além das técnicas e métodos de trabalho, é necessário que os futuros tradutores tenham adquirido saberes sobre o funcionamento da língua em contexto em vários domínios do saber e não apenas a repetição de práticas de

tradução de texto literário ou de língua corrente. Prova desta necessidade é a discrepância entre a quantidade de traduções literárias e a quantidade de traduções no âmbito das línguas de especialidade que é pedida pela nossa sociedade de comunicação. Os maiores e mais frequentes pedidos de traduções que hoje são feitos transcendem as práticas anteriores e remetem, por exemplo, para: a localização de sistemas e de programas informáticos em diferentes países e em diferentes empresas; a tradução audiovisual; a tradução e a criação multimédia multilingue; a tradução jurídica, económica, médica (e de outros domínios).

A tradução tem ainda que ser encarada na sua relação com outras actividades tais como: as técnicas de revisão e de edição de textos em diferentes suportes; a redacção técnica; as indústrias da língua e o processamento automático das línguas naturais; a descrição terminológica mono e plurilingue; a comunicação e as relações públicas, etc.

Assim sendo, a formação de tradutores, e de intérpretes, tem que prever espaços curriculares em que saberes relacionados com as actividades acima enunciadas estejam devidamente enquadrados e que sejam correctamente aproveitados. Nos nossos dias, a denominação tradutor abrange, então, um leque mais vasto de traços conceptuais e semânticos do que até há algum tempo atrás, dado o que pode vir a ser solicitado a um formado em tradução. Gouadec (2002: 78) apresenta o que considera relevante para definir a actividade de tradutor:

«Le traducteur ‘nouveau’ doit être capable d’assumer toutes les fonctions répertoriées et décrites ci-dessus et d’être tout uniment documentaliste, chercheur, technicien, terminologue, phraséologue, traducteur ‘proprement dit’, adaptateur, relecteur, réviseur, gestionnaire de la qualité, post-éditeur, éditeur, infographiste et maquettiste au besoin, rédacteur toujours, concepteur de sites, intégrateur de pages Web, opérateur spécialisé dans le traitement des fichiers, rédacteur de macro-commandes pour optimiser le matériau à traiter ou son poste de travail ou ses procédures, ergonomiste dans les tests de qualification des produits intégrant de la traduction, technicien en informatique dans la gestion de ses matériels et logiciels, technicien vidéo si le support du matériau l’exige, sous-titreur, surtitreur, localiseur, linguiste [ce qui ne va pas de soi], un tantinet ethnologue [car la communication ne passe vraiment que si l’on connaît les cultures confrontées par la traduction], planificateur et chef de projets, multi-utilisateur d’aides informatiques diverses, responsable de qualité, bon

gestionnaire... Lorsqu'il est tout cela en même temps, et à condition qu'il soit tout cela en même temps, les nouveaux marchés de la communication multilingue multimédia s'ouvrent à lui».

No seguimento destas afirmações, talvez a denominação tradutor não seja a mais apropriada e, por isso, preferimos denominar os formados na área das línguas com os termos hiperonímicos sugeridos no início deste texto (especialistas em línguas, técnicos de línguas ou, mesmo, prestadores de serviços linguísticos). Retomando algumas das funções que Gouadec (2002) atribui aos tradutores «novos», e para que se veja a sua relevância social, o sítio na Internet da Associação [francesa] de Profissionais das Indústrias da Língua⁸ apresenta uma lista de profissões com uma descrição exhaustiva das funções e dos requisitos que lhes correspondem. As profissões apresentadas são:

veilleur stratégique; terminologue; linguiste informaticien; ingénieur assurance qualité linguistique; ergolinguiste; ingénieur support linguiste; chef de projet en linguistique informatique.

No âmbito das investigações que têm sido levadas a cabo no seio dos projectos acima referidos (nota de rodapé número um) foram também identificadas outras actividades / profissões:

multilingual corporate documentation researcher and manager; multilingual corporate communications officer; multilingual economic and technological intelligence researcher and provider; language services provider; multilingual services project manager; technical writer (native language); multimedia language learning materials writer; multimedia language materials editor; language industry engineer (technical side of multilingual multimedia products); multilingual webmaster and/or web site manager; web site localiser; translation agency project manager; translation proof-reader and/or editor; multilingual export assistant.⁹

As enumerações de actividades / profissões acima expostas (quer estas já sejam recorrentes na sociedade quer se trate de actividades / profissões emergentes) mostram que os futuros formados no ensino superior têm que ter competências diferentes e diversificadas. Não é passível de qualquer discussão a necessidade do bom conhecimento do funcionamento dos sistemas linguísticos de cada língua. Temos, no entanto, que salientar a necessidade de desenhar os currículos e de se pensar as práticas pedagógicas no sentido de valorizar as

competências sociais e culturais (que privilegiem a intercompreensão e o interculturalismo), as competências comunicativas e as competências profissionais e a forma de as pôr em prática em contexto real de trabalho.

Para além de uma formação de qualidade no que respeita os conhecimentos e as competências culturais e linguísticas (em que não se deve nem pode ignorar a importância do trabalho com o texto literário) dos futuros formados nesta área, são-lhes, ainda, pedidas, por exemplo, competências em línguas de especialidade, em tradução e interpretação, em gestão e reutilização de recursos linguísticos e documentais, competências para o ensino de línguas em contextos novos (que contribuam também para a possibilidade de formação à distância, formação em contexto de trabalho, formação especializada, etc.) e perante públicos novos.

A reflexão sobre a questão das competências linguísticas e profissionais dos futuros licenciados na área das línguas tem que ser feita em torno da reconceptualização de aspectos relacionados com o ensino/aprendizagem de línguas no ensino superior. A adequação contextual dos saberes e a melhor forma de os utilizar e renovar transforma-os em competências profissionais em potência (*in absentia*) que se desenvolverão no decorrer das práticas de trabalho real. A competência linguística é assim desencadeadora e simultaneamente decorrente dos desempenhos determinados pelos contextos. Podemos dizer que se enriquece com a associação a competências instrumentais postas em prática no exercício da actividade profissional. Não se trata de saber línguas mas de saber adaptar o seu uso a situações de interacção comunicativa específicas; situações obviamente condicionadas pelo contexto de ocorrência.

Estas competências linguísticas e profissionais com que os alunos destas áreas devem sair do ensino superior são: competências pragmáticas, linguísticas e culturais sólidas (em língua materna e em línguas estrangeiras), incluindo competências específicas relacionadas, por exemplo, com a pesquisa de informação, a leitura e a síntese dessa informação em suportes adequados à sua reutilização efectiva em tempo útil, a redacção técnica e os processos de re-escrita (com fins de banalização e vulgarização) para destinatários diferenciados; competências para aprendizagem autónoma e para a formação permanente e contínua; competências de comunicação e de interacção em diferentes domínios, adaptando os conhecimentos a diferentes necessidades de produção e de gestão e de interpretação discursiva, ou seja, dominar línguas nas

especialidades; competências de produção e reutilização de recursos linguísticos, utilizando as tecnologias informáticas e telemáticas (bancos de dados textuais, bancos de conhecimentos, arquivos de documentos, terminologias de empresa, etc.) para que a transmissão de conhecimentos seja facilitada.

É verdade que o contexto do ensino superior em Portugal (e não só) não está necessariamente muito sensibilizado para as mudanças que é preciso desencadear nos currículos dos cursos, mantendo as formações sólidas no que respeita à formação em língua corrente, à formação nos domínios histórico-culturais e literários, mas incluindo aspectos do domínio da actualização dos usos linguísticos num contexto social diferente do domínio das tecnologias da informação e da comunicação. Outro desafio não menos importante é, por um lado, identificar as necessidades reais e actuais da sociedade e, por outro, a imperiosa valorização das actividades que, no seio empresarial e institucional, só podem ser desenvolvidas por profissionais com formação especializada na área das línguas. Provavelmente por a língua ser a manifestação privilegiada da existência em comunidade de todo o ser humano, não é raro ouvir dizer-se que as responsabilidades comunicativas podem ser atribuídas a qualquer um, basta-lhe por vezes saber umas palavras. Desta forma é descurada toda a componente técnica e profissional e negligencia-se a formação específica (saber, saber como, porque e para quê fazer e saber ser quando se está a fazer).

Construir novos currículos para formar especialistas e profissionais competentes, não esquecendo a preparação para a mobilidade, e articulando-os com os percursos de formação anteriores e com o mundo *extra muros* é o que nos é exigido para a preparação não apenas de tradutores e intérpretes mas de profissionais, com um novo perfil, para o mercado de competição supranacional, multilíngue e multicultural que, em síntese, poderíamos designar por mediadores linguísticos.

¹ Esta denominação deu nome ao colóquio que decorreu na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e cujas actas incluímos nas referências bibliográficas deste artigo (cf. Maia *et alii*, 2002).

² Em Conceição (2000), apresentam-se argumentos que comprovam o interesse económico da adequação da terminologia à actividade produtiva e industrial.

³ Ainda que a denominação línguas de especialidade seja problemática e surjam diferentes outras denominações (línguas em especialidade, línguas especializadas, línguas para fins específicos, línguas funcionais, línguas técnicas e científicas), que nem sempre são sinónimos, utilizamo-la, aqui, para denominar o conceito que corresponde ao conjunto de recursos linguísticos (não apenas termos) de uma língua natural, utilizados preferencial ou especificamente nas situações de comunicação no âmbito de um determinado domínio do saber ou de uma esfera de actividade humana.

⁴ Ver, por exemplo, http://www.culture2.coe.int/portfolio/documents_intro/common_framework.html

⁵ Ver, por exemplo, <http://culture.coe.int/portfolio>

⁶ http://odur.let.rug.nl/TuningProject/doc_tuning_phase1.asp

⁷ Tal como em outras áreas de formação, a discussão sobre o ciclo de estudos em que se deve fazer a formação inicial de tradutores continua bem viva. Dado o nível de conhecimento das línguas que, regra geral, os alunos apresentam à entrada para o ensino superior, parece-me que só depois da sedimentação destes conhecimentos se pode começar a formação em tradução e/ou em interpretação. Este início pode ser ou nos últimos anos do primeiro ciclo (licenciatura) ou no segundo ciclo (pós-graduação com grau ou não).

⁸ <http://www.apil.asso.fr/metiers.php>

⁹ Dada a novidade que representam e a necessidade de melhor delimitação da maior parte dos conceitos denominados, não ousou propor, para já, a tradução em português destas denominações. Saliente-se que terminólogo não é uma novidade e que em alguns destes casos se pode discutir se se trata efectivamente de profissões autónomas ou de conjunto de actividades a desempenhar no quadro de uma ou mais profissões. Essa discussão começa pela delimitação clara (e legal) do conceito de profissão.

BIBLIOGRAFIA

2001. *Quadro europeu comum de referência para as línguas*. Porto: ASA.

Conceição, Manuel Célio. 2000. "Terminologie, connaissances et industrie".

Lervad, S. (dir.). *Actes de la Conférence sur la coopération dans le domaine de la terminologie en Europe*. Paris: Union Latine / AET. Pp.91-96.

Gouadec, Daniel. 2002. *Profession traducteur*. Paris: Maison du Dictionnaire.

Maia, Belinda, *et alii.* (ed.) 2002. *Training the language services provider for the new millenium*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

SOPA DE LETRAS – UMA IMPOSSÍVEL RECEITA PARA FORMAR
INTÉRPRETES DE CONFERÊNCIA?

Maria Helena Anacleto-Matias

Exercício: Encontre nesta sopa de letras dez palavras-chave de uma boa formação de intérpretes. As soluções encontram-se no fim deste artigo.

T	R	A	D	U	Ç	Ã	O	U	M	M	H	O
Z	M	P	A	R	B	L	E	A	E	U	O	L
P	U	I	O	Y	C	S	O	I	L	L	R	A
T	U	M	O	Z	T	W	P	C	O	T	T	T
V	U	N	S	Í	I	E	B	N	S	I	A	É
H	Q	U	M	N	D	Q	E	Ê	O	D	H	C
I	R	U	K	T	Y	U	I	L	F	I	P	N
K	L	M	B	É	L	E	C	E	A	S	I	I
O	L	M	Z	R	Q	A	L	C	T	C	N	C
U	T	R	Y	P	Z	I	S	X	I	I	A	A
X	W	M	Q	R	Z	V	O	E	L	P	Y	T
O	R	T	A	E	T	O	S	A	A	L	A	A
O	P	V	S	T	X	I	S	T	E	I	P	C
T	E	C	W	E	K	N	O	W	S	N	A	T
A	S	U	S	S	U	R	R	A	D	A	P	O

Eis uma receita para treinar futuros intérpretes de conferências: “pegue em bacharéis, licenciados, ou mestres, de preferência em Estudos da Tradução e prepare-os de modo a que se transformem em peritos multidisciplinares. Corte vigorosamente para eliminar as suas inseguranças e tempere-os para cultivar o seu espírito, de modo a que tenham uma paixão por teatro para se tornarem bons intérpretes. Dê-lhes as melhores condições possíveis. Seja hiper-exigente consigo e com os seus futuros intérpretes e estagiários. Deixe-os repousar para crescer. Adicione uma pitada do humor às suas aulas e aqueça os estudantes

com estímulos positivos. Envie-os para o mercado do trabalho e deseje que se tornem profissionais competentes, bem como pessoas felizes. Espera-se que o seu trabalho seja igualmente saboroso para si.”

Este poderia ser o resumo de uma (talvez) boa receita para treinar futuros intérpretes de conferências. De facto, desde 1995 que o Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto (a partir de agora figurando como “ISCAP”) tem vindo a treinar futuros tradutores e intérpretes. Nessa altura começámos com o já extinto CESE (cursos em estudos especializados) a treinar profissionais na área de tradução e de interpretação de conferências. Estava-se no ano académico de 1998/1999 quando começou a ser possível aos nossos estudantes tornarem-se tradutores e intérpretes com o grau de Licenciado nas chamadas Licenciaturas Bi-etápicas.

Após uma proposta de passatempo com a resolução de uma chamada “sopa de letras”, este artigo foca a necessidade metodológica especial no que toca à andragogia na formação de futuros intérpretes de conferência. É fundamental um culto pela excelência com intenções de alcance dos objectivos, socorrendo-se de todos os meios que se julgam essenciais: treino intensivo, alta exigência de qualidade, bons recursos humanos e condições técnicas, humor, estímulo, motivação.

Através de uma comparação metafórica inicial com uma hipotética e (im)possível (?) receita para formar intérpretes, propõem-se exemplos ilustrativos de experiências andragógicas já testadas com algum sucesso. O tom optimista deste artigo reflecte a intencionalidade de estimular todas/os as/os potenciais leitoras/es para a formação, a aprendizagem e sobretudo para a prática da interpretação simultânea, consecutiva, de acompanhamento, de tribunal e comunitária.

Para entrar no programa da tradução e da interpretação, os nossos estudantes tinham de estar aprovados em quatro semestres de língua portuguesa, seis semestres de língua inglesa e de língua alemã ou francesa. Também tinham um treino semi-generalista: assuntos tais como o direito, a cultura e a civilização de três países, a matemática, a economia, as tarefas secretariais e empresariais, a contabilidade, as relações humanas e a informática eram abordados no decorrer do seu Bacharelato. Mais tarde, ao fazerem o programa de Licenciatura, tinham um treino mais especializado com teoria e metodologia da tradução, linguística e estilística comparada em três línguas,

traduções especializadas de textos científicos e técnicos, de textos económicos, de textos literários e de textos jurídicos. Estudavam também a literatura contemporânea inglesa e alemã ou francesa, política e relações internacionais, direito internacional e público e uma terceira língua estrangeira que é o francês ou o alemão. Seguidamente, nos terceiro e quarto semestres do curso da Licenciatura, o estudo e o treino concentrava-se nas organizações internacionais, um seminário e, sobretudo, na interpretação de conferência, que é exactamente o assunto que abordo presentemente.

Durante o ano académico de 2002/2003 encetou-se uma reforma curricular no Bacharelato e na Licenciatura. De facto, muitas das matérias que são estudadas agora são baseadas em tecnologias novas, que no ISCAP temos a possibilidade de oferecer aos nossos estudantes, pois dispomos de instalações e equipamentos adequados. Assim, a tradução assistida por computador, o processamento da documentação empresarial, as tecnologias de informação e de comunicação, a gestão das organizações, a prática secretarial, as técnicas e as tecnologias de arquivo estão agora também a ser estudadas no nosso instituto. Estamos, sem dúvida, numa encruzilhada de disciplinas apoiada no presente por recursos técnicos melhorados.

No ISCAP há dois laboratórios convencionais de línguas com lugares para trinta alunos. Oferecem um sistema de diálogo personalizado entre o professor e o aluno no seu lugar ou a divisão dos estudantes em grupos na turma inteira. Pode-se praticar a interpretação simultânea e consecutiva ao vivo ou gravar as interpretações dos estudantes e a voz do professor numa fita em quatro pistas. Há a possibilidade também de usar o sistema de alta-voz que permite as auto e hetero-avaliações pedagógicas durante as aulas de interpretação de conferências que todos podem escutar pormenorizadamente e, ao mesmo tempo, ouvir o comentário dos companheiros ou do professor.

Para além dos dois laboratórios tradicionais de línguas, o ISCAP dispõe de dois centros multimédia são equipados com a tecnologia mais recente que existe até ao momento. Os nossos centros multimédia de línguas são um caso único em Portugal e são ainda, actualmente, os melhores na Península Ibérica.

Os centros têm capacidade para cerca de quarenta alunos no seu conjunto, que podem aprender e trabalhar em simultâneo, individualmente ou em grupo e é tecnicamente possível criar sessões diferentes de trabalho para cada grupo ou indivíduo num número variado de sessões em paralelo na mesma aula do

mesmo professor. Têm todas as capacidades de qualquer sistema *Windows* e também muitas outras possibilidades que enumerarei agora: pode haver o desenvolvimento de actividades tais como a interpretação consecutiva e simultânea em todas as línguas de trabalho que os professores e os futuros intérpretes dominem, o uso de uma câmara de vídeo, o treino para legendagem de vídeos analógicos e digitais, a aquisição da língua numa modalidade de auto-estudo ou através de um conjunto de sessenta lições pré-elaboradas em inglês, em francês e em alemão.

Existem as possibilidades de ligação à Internet e de usar ferramentas e *softwares* para a tradução automática e assistida por computador – o *SYSTRAN* e o *TRADOS* (este último utilizado actualmente ao mais alto nível da tradução na União Europeia). Estes programas estão a tornar-se cada vez mais importantes como uma exigência extra em anúncios de emprego quando os nossos alunos se candidatam a um posto como tradutores e/ou intérpretes.

O *hardware* que compõe os centros multimédia de línguas no ISCAP, assim como os outros periféricos tornam possíveis as funções múltiplas da interpretação de conferência, bem como programas de línguas. Também o sistema de apoio de aplicações permite um conjunto de imensas possibilidades. É a combinação de todos os elementos que é original em Portugal, ao nível da instrução, e que constitui uma inovação importante no ensino adaptado às exigências actuais para preparar os intérpretes para a sua vida profissional.

Assim, a minha proposta para o treino de intérpretes de conferências está relacionada com um desenvolvimento semi-generalista e, no entanto, com uma especialização dentro de determinadas áreas. Se queremos treinar intérpretes de conferências para o século XXI, após o alargamento da União Europeia a vinte e cinco países em vez de apenas quinze, temos de enfrentar muitos desafios em que a multidisciplinaridade está envolvida. Acredito, sem dúvida, que se queremos treinar os nossos alunos para o mercado de trabalho, devemos preocupar-nos em dar-lhes um conhecimento básico de tudo o que pudermos para alargar os horizontes, bem como dar-lhes a informação específica em determinadas áreas para promover o conhecimento profundo de alguns tipos de disciplinas. Aprender a aprender é obviamente fundamental tal como o princípio básico do ensino-aprendizagem-formação.

O alargamento da União Europeia a vinte e cinco países, tornando-se um grupo mais abrangente e menos exclusivista, tem sido focado nas conversas

diárias como tendo duas possíveis consequências aparentemente contraditórias: por um lado, é possível que cada vez mais tradutores e intérpretes comecem a ter ainda mais trabalho e cargos ao mais alto nível na União Europeia, porque os países que agora entram trarão a necessidade de usar mais línguas de trabalho. Entretanto, isto requererá custos extra, porque os serviços de bons tradutores e de bons intérpretes para tal grande número de línguas de trabalho custarão muitos euros aos contribuintes europeus. Por outro lado, e esta é a meu ver uma perspectiva muito negativa para os nossos tradutores e intérpretes futuros, é bastante provável que as línguas de trabalho ao nível europeu mais elevado comecem a ser reduzidas ao número de três, ou seja, ao Alemão, ao Francês e ao Inglês, relegando as outras para um lugar com menor destaque. Esta é uma situação pouco provável. Senão, veja-se o caso do Maltês – há *apenas* trezentos mil falantes nativos desta língua – e, apesar do número ser pequeno, os Malteses não abdicaram de ver a sua língua considerada como uma língua de trabalho na União Europeia.

É trágico, para não dizer nacionalmente inaceitável, que o Português (quinta língua falada no mundo como língua materna), o Grego, o Finlandês e outras línguas entre as quais mesmo o Espanhol (quarta língua mais falada no mundo por falantes nativos) sejam classificadas como tendo uma menor importância. Alguns oponentes à minha condenação desta consequência possível poderiam defender que é um resultado natural da globalização; contudo, eu defendo que essa globalização, com a noção de *aldeia global* deverá aumentar contactos internacionais ao mais alto nível das conversações e das negociações e das relações empresariais e diplomáticas, bem como as conferências, os congressos internacionais, simpósios e seminários entre outros... Mas é exactamente neste *milieu* que os nossos alunos terão que procurar um trabalho em regime de *freelance*, provavelmente – e esta parece ser uma boa perspectiva de futuro, pois vai haver cada vez mais trabalho. Pelo menos, assim o desejamos enquanto instrutores de futuros intérpretes de conferência. Como Alan Duff disse: “Translators will always be needed. Without them, there would be no summit talks, no perestroikas, no Cannes Film Festival, no Nobel Prizes, no advances in medicine, science or engineering, no international laws, no Olympic Games, no *Hamlet*, no *War and Peace*...” (DUFF, 1997: 8)

Tenho vindo a abordar os *ingredientes* para que a nossa receita prepare intérpretes bons. A *matéria-prima* com a qual tenho de trabalhar diariamente tem um carácter multidisciplinar, o que é claramente uma vantagem numa era de encruzilhadas de disciplinas em que se pretende uma *apetitosa* sopa de letras e de números. Também falei sobre os recursos técnicos de que dispomos no nosso Instituto quando me estava a referir ao dar aos estudantes as melhores condições possíveis de treino e de formação.

Concentremo-nos agora em aspectos específicos da metodologia. Creio que devem ser usados para treinar bons intérpretes de conferência. No início desta reflexão foi dito: “corte intensamente para eliminar as suas inseguranças e tempere o seu espírito de modo a que tenham uma paixão pelo teatro e se tornem uns bons *actores*”. A profissão de intérprete tem muitas exigências a nível emocional. Em termos de personalidade, há certamente vantagens se se for equilibrado e se tiver *os pés bem assentes na terra*, bem como a cabeça e o coração com asas para voar e sonhar. Estas são duas características que considero fundamentais para se ser um bom intérprete e por muito tempo: estabilidade na sua maneira filosófica de ver a vida e uma capacidade imensa de se ser criativo. Obviamente que um conhecimento perfeito das línguas com as quais se trabalha é uma qualidade pressuposta que não se necessita referir... Mas se os futuros intérpretes estiverem em boa forma emocional e se conseguirem lidar rapidamente com situações novas, de algum modo potencialmente perturbadoras, aquelas serão resolvidas facilmente se forem criativos. Por outro lado, é indubitavelmente perigoso se um intérprete tiver *um excesso de criatividade*, devido a nunca devermos interferir na mensagem dos oradores que estamos a interpretar para os nossos clientes que não falam a língua dos oradores.

Quando lidamos com a interpretação é fundamental ter uma postura de respeito para com o que está a ser dito pelo orador. Os intérpretes devem ser criativos *na maneira como* apresentam a mensagem, mas não devem alterar *o que* está a ser dito pelos oradores – caso contrário, a sua função no processo de comunicação tornar-se-á falsa, e, portanto, uma fraude e um fracasso. Como J. C. Catford defendeu: “The replacement of textual material in one language (the Source Language) by equivalent textual material in another Target Language [is fundamental].” (CATFORD, 1965: 37)

Consequentemente, o perfil de um futuro intérprete pode e deve ser moldado. A insegurança ao microfone pode ser eliminada com os exercícios

vocais nos laboratórios de línguas. Os intérpretes são treinados individualmente para executar à frente da turma que age como um público. Treinam com alguém parecido com potenciais clientes que terão de enfrentar no futuro, quando estiverem no mercado de trabalho.

Alguns exercícios podem mesmo ser, de algum modo, violentos no início, porque alguns estudantes não têm vontade de representar no começo de seu treino. Faço os meus alunos gritarem o alfabeto em grupos de três para evitar sentirem-se ridículos ou então, têm de contar os números pares ou ímpares ou têm que dizer “sim!” ou “não!” em voz alta. Este tipo de exercício é usado basicamente para transformar os estudantes em bons intérpretes consecutivos. Para treinar o estilo de voz ao microfone durante os exercícios para a interpretação simultânea faço os meus alunos dizerem números, percentagens e frases sem nenhum sentido com uma voz doce, como se contassem uma história de embalar a uma criança ou se estivessem a sussurrar palavras de amor ao ouvido de um ente querido. Também sugiro que digam rimas infantis ou poesia de uma maneira fria, factual, em tom *stacatto*. Estes são alguns exercícios vocais propedêuticos que podemos usar nas aulas para treinar a voz e a postura dos intérpretes.

A minha metodologia durante as aulas dá uma ênfase exaustiva, quase redundante, à necessidade de exactidão, respeito pelo discurso original que o orador está a proferir. Naturalmente que há a existência de proximidade entre o orador original e o produto final pelo qual o cliente do intérprete está a pagar, embora se deva saber *dar a volta a um texto* ao interpretar na devida proporção guiada pelo bom-senso. O discurso na língua de chegada deve ser um produto igualmente interessante ao do orador, não um sub-produto. Para conseguir a excelência, ensinamos sempre os estudantes a usar o que nós chamamos em francês uma *décalage* adequada. Isto significa esperar, esperar e esperar ao microfone. Durante a interpretação simultânea que ocorre enquanto o intérprete vai ouvindo e falando ao mesmo tempo, tem que se deixar o orador falar e somente um segundo ou um segundo e meio depois é que se começa a interpretar. O segundo e meio é então a *décalage* que se está a usar na sua acção de interpretação. Aparentemente, a diferença básica entre a tradução e a interpretação é que a primeira é escrita e a segunda é falada. Mas há muito mais a dizer sobre isto – aliás, toda a tradução tem interpretação e toda a interpretação está sujeita a regras de tradução. Como a frase sempre citada de

Newmark diz: “Translation is a craft consisting in the attempt to replace a written message in one language by the same message in another language” (NEWMARK, 1988: 125).

Mas a interpretação é muito mais do que apenas tradução oral... Creio haver uma importante componente de subjectividade na selecção vocabular quando estamos a interpretar e tudo ocorre à velocidade da luz no cérebro do intérprete – esperamos nós! Quanto a mim, estou convencida que a exactidão é algo de maravilhoso pois sou Nabokoviana no aspecto da necessidade de respeitar o original – também nas interpretações de conferência, que por alguns é considerada uma variante da tradução.

Mas discorria acerca da metodologia do treino de intérpretes numa encruzilhada de disciplinas. É aconselhável treinar as qualidades de oratória e as características retóricas dos estudantes. Os meus alunos são treinados não somente como intérpretes, mas também como oradores. Um exercício frequente é “improvisar” nas duas línguas de trabalho: coloquei *improvisado* entre aspas porque não há nenhum discurso que seja total e realmente improvisado. Os estudantes recebem um determinado tema polémico ou uma frase estimulante ou, pelo menos, interessante e têm de falar entre três e dez minutos sobre o assunto dado em inglês e em português. Além de oradores, tornam-se em intérpretes mais conscienciosos e essa é, naturalmente, a finalidade do exercício.

Os estudantes são convidados também a preparar em casa um discurso para proferir na aula; a estes chamamos “discursos inusitados” com as perspectivas mais terríveis de que os alunos se possam lembrar. Este exercício tem a finalidade de os treinar para se tornarem bons profissionais e conseguirem interpretar discursos com os quais não concordam nada. O que acontece na vida real é que às vezes nós, intérpretes, temos de interpretar discursos com os quais não concordamos de maneira alguma ou temos de enfrentar e interpretar oradores que não apreciamos particularmente – contudo, temos que interpretar como se gostássemos da perspectiva e como se nós fôssemos os oradores que *detestamos*.

O exercício dos “discursos inusitados” na aula é um desafio para os estudantes que começam e que são premiados pela imaginação que usam nos seus discursos com uma perspectiva que nunca adoptariam enquanto oradores. O humor que usam nos seus discursos é apreciado também. Tenho visto

mesmo estudantes que defendem um ponto de vista em termos políticos completamente diferente do que pensam na realidade ou até estudantes, que são claramente apoiantes do *Futebol Clube do Porto* que defendem o *Benfica* ou o *Sporting* como os melhores clubes de futebol no mundo... (será que se pode imaginar tal coisa?!).

Esta é parte do treino do conteúdo e estilo do trabalho dos futuros intérpretes. Santo Agostinho e os princípios de retórica e oratória inspiraram-nos também a convidar oradores para as nossas aulas. Estes são geralmente antigos estudantes que concordam prontamente em vir falar aos seus colegas mais novos que estão ainda em formação. Esta metodologia tem vantagens para todos: para os oradores convidados, é agradável voltar aos laboratórios após possuírem o grau de Licenciatura. Para além disso, falar em frente de um público reforça o seu ego e aumenta a sua auto-confiança. Os estudantes ficam satisfeitos também porque são treinados com uma variedade de vozes, de estilos de oradores e de tipos de discursos; além de que olham estes oradores como modelos de desempenho, porque eles já passaram por aquilo que os próprios estão a passar e vêem que é possível realmente chegar ao fim do grau de Licenciados com um sorriso na face. Finalmente, para o professor, também é agradável dar a oportunidade a antigos alunos de terem um certificado enquanto oradores convidados, revendo-os depois do curso terminado, e o professor fica mais liberto para pedagogicamente orientar a sala de aula sem necessitar de fazer tudo: falar, escutar os alunos e controlar a panóplia dos dispositivos que temos nos nossos laboratórios. De facto, os professores de interpretação têm de ser versáteis ou, continuando com a metáfora do cozinhado, têm de ser *pau-para-toda-a-colher*, dominar muitos saberes e saber-fazer.

O que nos leva agora a ter de reflectir sobre que tipo de *cozinheiros* deveremos ter para fazer um *cozinhado* ideal. A Utopia nunca será uma realidade, mas todos podemos dar o nosso melhor para chegar mais perto da perfeição. Este é um dos meus lemas na vida profissional enquanto professora e tento sempre imbuir nos nossos estudantes esta premissa. Esta é a razão pela qual deve ser-se exigente demais connosco próprios e com os nossos futuros intérpretes e mesmo assim, nunca é suficiente.

Pessoalmente, tive o meu treino como intérprete na ÉTI. Como é do conhecimento geral, é uma escola muito prestigiada enquanto formadora na

tradução e na interpretação na Suíça, em Genebra. Aí tive um período intensivo de cinco meses enquanto pós-graduada da Universidade do Porto sob os auspícios e patrocínio do Parlamento Europeu. Mais tarde, trabalhei como intérprete de conferências em regime de agente temporário na cabina portuguesa em 1989 em Bruxelas, no Luxemburgo e em Estrasburgo. Tento dar aos meus alunos o melhor treino possível porque o meu treino também foi bom e há que *passar o testemunho*, para haver progresso no saber. Sei que por vezes era um treino algo difícil porque era intensivo demais, mas não lamento nem um minuto. Além de motivadoras, as dificuldades serviram de estímulo para serem suplantadas e é isso que tento transmitir aos nossos futuros intérpretes no seu trajecto para se transformarem em bons profissionais.

Desta forma, ensino a interpretação consecutiva, com a interrupção do orador de modo a que o intérprete tenha possibilidade de reconstruir, segmento a segmento, o discurso numa língua diferente e exercito a tradução à vista em ambas as línguas de trabalho enquanto preparação e aquecimento no início das aulas. As interpretações simultâneas são talvez as que necessitam de mais tempo no treino dos futuros intérpretes. Exercito também a interpretação sussurrada, mas a sua necessidade é menor do que por vezes poderíamos pensar, pelo menos no que toca ao mercado português de trabalho de interpretação de conferências. Esta é uma situação real devido ao número de portugueses que ainda não falam o inglês especializado, como, por exemplo, seguir um discurso na língua original durante uma reunião internacional. Assim, a interpretação sussurrada, a *chuchôtage*, como a gíria diz, é usada quando nós temos muitos grupos de poucos delegados numa conferência internacional. O intérprete trabalha directamente com os clientes, fisicamente muito perto deles, e quando a variedade das línguas é demasiada para se terem muitas cabinas de interpretação na sala, sendo cada uma para dois ou mais intérpretes. Portanto, o que a organização da conferência normalmente faz é contratar um intérprete para os seis ou sete delegados e ela ou ele falam em voz baixa junto dos mesmos.

Também menciono a interpretação de tribunal nas aulas, pois é um mercado de trabalho crescente em Portugal, já que temos cada vez mais estrangeiros residentes. De nenhuma forma quero insinuar que grupos étnicos com línguas diferentes do Português enquanto língua materna vão mais a tribunal; o que enfatizo nas minhas aulas é que os alunos devem investir no

estudo de uma língua *minoritária* que será uma mais-valia quando procurarem contratos de trabalho em Portugal e no campo internacional, nomeadamente as línguas dos países que agora estão a entrar na União Europeia.

Há ainda dois outros últimos tipos de interpretação que vale a pena mencionar aqui e que são treinados nas minhas aulas. É a interpretação para uma só pessoa, tal como um/a gerente ou um/a empresário/a, um/a congressista, um/a político/a, um/a diplomata, ou outros/as. Ensino ética neste capítulo, relações interpessoais no trabalho, psicologia, sociologia, bem como o tema específico que pode tratar a conferência e que pode ir da física nuclear, à astronomia, à biomecânica, à economia, à medicina, à informática, ou outros temas. O que é isto se não a prova viva que nós estamos numa encruzilhada de disciplinas e mergulhados numa sopa de letras (e números)?

O outro tipo de interpretação que também treinamos prende-se com a interpretação comunitária e pode variar desde o acompanhamento de uma mulher que não fale português a uma consulta pré-natal num hospital ou a uma reunião de pais numa escola em que os filhos estão inscritos.

No começo propôs-se: “deixe-os descansar para crescer”. Tal como o pão lêvedo que está a ser moldado, também as pessoas necessitam realmente de descansar para poderem crescer, para permanecerem acordadas, conscientes quanto ao espírito humorístico de alguns oradores, que poderão ter de interpretar durante as conferências. Assim, será aconselhável adicionar uma pitada de humor às aulas e *aquecer* os alunos com estímulos. Por vezes contolhes anedotas para que relaxem, porque acredito no poder benéfico do riso. É agradável durante os discursos e há estudantes que reagem particularmente bem a esta pedagogia.

Os semestres sucedem-se com uma rapidez vertiginosa e em breve será tempo de enviar novamente os estudantes para o mercado de trabalho. Oxalá, estes se tornem profissionais competentes, bem como pessoas felizes. Tenho esperança que o meu trabalho nos próximos semestres continue a ser igualmente saboroso.

E com esta nota de esperança, assim se conclui, citando um breve poema de uma das minhas escritoras americanas favoritas do século XIX, Emily Dickinson, e que está directamente ligado à palavra dita, isto é, à interpretação:

A word is dead
When it is said
– Some say.

I say it starts
To live that day.

Solução do passatempo da sopa de letras proposto no início deste artigo:

T	R	A	D	U	Ç	Ã	O	U	M	M	H	O
Z	M	P	A	R	B	L	E	A	E	U	O	L
P	U	I	O	Y	C	S	O	I	L	L	R	A
T	U	M	O	Z	T	W	P	C	O	T	T	T
V	U	N	S	Í	I	E	B	N	S	I	A	É
H	Q	U	M	N	D	Q	E	Ê	O	D	H	C
I	R	U	K	T	Y	U	I	L	F	I	P	N
K	L	M	B	É	L	E	C	E	A	S	I	I
O	L	M	Z	R	Q	A	L	C	T	C	N	C
U	T	R	Y	P	Z	I	S	X	I	I	A	A
X	W	M	Q	R	Z	V	O	E	L	P	Y	T
O	R	T	A	E	T	O	S	A	A	L	A	A
O	P	V	S	T	X	I	S	T	E	I	P	C
T	E	C	W	E	K	N	O	W	S	N	A	T
A	S	U	S	S	U	R	R	A	D	A	P	O

BIBLIOGRAFIA CITADA

CATFORD, J. C.. *A Linguistic Theory of Translation: An Essay in Applied Linguistics*. London: OUP, 1965.

DUFF, Alan. cit in Gonçalves, Maria Emília and Torres, Angelina, *Técnicas de Tradução de Inglês, Bloco 1*, Porto: Areal Editores, 1997.

NEWMARK, Peter. *A Textbook of Translation*, Hertfordshire: Phoenix ELT, 1988.

O FIO DE ARIADNE OU OS LABIRINTOS DA MEMÓRIA – UMA EXPERIÊNCIA EM INTERPRETAÇÃO CONSECUTIVA

Sara Cerqueira Pascoal

Un être humain construit sa représentation du monde à partir de quatre sources fondamentales: la perception, la mémoire, l'inférence et la communication. Faute de capacités d'apprentissage, un système qui traite de l'information ne serait pas un système cognitif authentique. Faute de mémoire, un système serait incapable d'apprendre. JACOB, Pierre (1998: 253)

1. Introdução

A Interpretação Consecutiva consiste em “*écouter une information, à se l'approprier mentalement et à la rendre pour un auditoire donné*”. (LEDERER, 1981:99) Como é evidente, esta operação pressupõe um domínio perfeito e total das línguas utilizadas, mas as operações mentais e cognitivas envolvidas exigem uma formação especial adequada, da qual o conhecimento das línguas é apenas uma parte.

Distinguem-se, habitualmente, três tempos particulares na execução de uma interpretação consecutiva (LEDERER, 1981):

1.1 Sentido da mensagem do orador: Neste primeiro momento forte, trata-se de registar a mensagem. Numa situação habitual de comunicação, orador e auditório partilham o mesmo universo simbólico; os auditores captam a mensagem de forma natural. Tal não se passa com o intérprete, visto que a mensagem não lhe é destinada e ele deverá efectuar um esforço consciente para registar a informação e compreender a mensagem.

1.2 Discurso do intérprete: Volvida esta primeira fase, deverá o intérprete restituir a mensagem na língua do destinatário. Mas para que o seu acto de fala seja bem sucedido ele deve possuir algumas características necessárias a uma boa comunicação, ou seja, o intérprete deve possuir credibilidade, capacidades mnemónicas e talentos oratórios que lhe permitirão respeitar a intenção quanto ao fundo, à forma e ao impacto da mensagem.

1.3 Tomada de notas: é geralmente uma fase necessária à Interpretação Consecutiva, sendo, no entanto, um instrumento acessório que, quer certos intérpretes em função, quer alguns formadores, preferem ignorar.

As competências requeridas para a interpretação consecutiva podem, pois, ser limitadas a três categorias: (i) competências lexicais, (ii) competências comunicativas e, por fim, (iii) competências de retenção/memorização. O treino das competências mnemónicas e cognitivas tem sido, por conseguinte, um aspecto estruturante da formação em interpretação e inclui não só exercícios de atenção auditiva, compreensão activa e tomada de notas como também de técnicas mnemónicas.

Alvo de acesa polémica e intenso debate, a questão de incluir o treino da Interpretação Consecutiva no ensino da Interpretação, parece-nos crucial. Embora a Interpretação Consecutiva represente apenas uma quota-parte pouco significativa do mercado¹ – cerca de 10 a 15% – e o seu estudo possa parecer, por conseguinte, pouco relevante, o desenvolvimento de competências e capacidades requeridas para o seu desempenho afigura-se-nos de toda a importância, uma vez que consideramos, à semelhança de outros autores, que a consecutiva é um pilar para a simultânea e que descurar o seu ensino revelar-se-á uma grave lacuna, sobretudo durante uma fase introdutória.

O Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto possui, nos *curricula* da Licenciatura Bi-Etápica em Línguas e Secretariado – Ramo Tradução e Interpretação Especializadas, a disciplina de Interpretação Simultânea a Consecutiva, repartida por três semestres e com uma carga horária total de dezoito horas semanais. Foi proposto aos alunos, durante as aulas de Interpretação Consecutiva – Língua Francesa, a realização de vários tipos de exercícios de memorização, tendo-se, posteriormente, avaliado as dificuldades por eles suscitadas e as formas por eles encontradas para as ultrapassar. Os objectivos visados pelo presente artigo são, por um lado, reflectir sobre a importância do estabelecimento de uma tipologia de exercícios de memorização a efectuar durante o processo pedagógico e, por outro, aferir do papel que uma correcta utilização desses exercícios poderá desempenhar na aprendizagem da interpretação, tentando, nesse sentido, perceber se há algum padrão na forma como/por que memorizamos, omitimos, alteramos, adicionamos, adulteramos informações.

2. Interpretação e Processos Cognitivos

As pesquisas em Interpretação Consecutiva foram tardias e não raras vezes superficiais, uma vez que a profissão de intérprete, nascida de forma espontânea após a Segunda Grande Guerra, só tardiamente fez sentir aos intérpretes profissionais a importância da compreensão e análise dos processos utilizados no seu trabalho. Os primeiros modelos eram mecânicos e incidiam essencialmente sobre a tomada de notas e, por isso, eram pouco usados, pois cada intérprete desenvolve o seu próprio sistema num esforço criativo para se apropriar das mensagens. Ultimamente, investigadores de várias áreas, que vão da psicologia cognitiva aos recém-criados “Interpreting Studies”, têm demonstrado um interesse crescente por esta matéria, interesse sobrelevado, sem dúvida, pelas “especially difficult conditions that these tasks impose on the processes of comprehension and speech production, since they must be performed simultaneously, in different linguistic codes and under time pressure.” (BAJO *et alii*, 2001:28)

De entre os diversos pesquisadores, não podemos deixar de referir os contributos de Daniel Gile, professor da Universidade de Lille, de quem se podem arrolar inúmeras publicações sobre os processos cognitivos envolvidos na interpretação. Ora, Gile enfatiza precisamente o facto de que o problema que se põe com maior acuidade na interpretação é o da concorrência de operações que requerem uma “capacidade de processamento” maior do que o normal. As suas investigações conduziram ao desenvolvimento do famoso “Modelo dos Esforços” (1995, 1999), que, no caso específico da Interpretação Simultânea, são:

2.1. O Esforço de audição e de análise: um trabalho de compreensão do discurso-origem;

2.2 O Esforço de produção: trabalho de produção do discurso-alvo;

2.3 O Esforço de memória a curto prazo: armazenamento de dados imediatamente após a compreensão e antes da utilização no discurso-alvo (devido a decisões tácticas do intérprete, bem como a razões ligadas às diferenças entre a língua de partida e a língua de chegada, nomeadamente sintácticas).

Paralelamente, na Interpretação Consecutiva, para além de podermos isolar idênticos esforços, durante a fase de “audição”, há um conjunto de

esforços que se desenvolvem cumulativamente, durante a fase de “reformulação”, que são:

2.4 Um Esforço de leitura de notas: para o qual é necessário alguma capacidade de processamento para compreender e decifrar notas;

2.5 Um Esforço de memória a longo termo: a fim de lembrar a informação armazenada e reconstruir o discurso;

2.6 Um Esforço de produção: verbalização do discurso na língua-alvo.

Segundo o “Modelo dos Esforços” – terminologia que sugere as dificuldades e as pressões muitas vezes ignoradas pelo público em geral a que está sujeito o intérprete –, quer a Interpretação Simultânea, quer a Interpretação Consecutiva implicam o uso da memória, a curto termo, no caso da primeira, a longo e a curto termo, para a segunda. A memória a curto termo deverá pois constituir “one of the specific skills which should be imparted to trainees in the first stage of training. Among all the skills and techniques, memory skill is the first one which should be introduced to trainee interpreters.” (ZHONG)

Não obstante esta aparente unanimidade por parte de formadores e investigadores em interpretação, o ensino da Interpretação Consecutiva em geral, bem como o treino da memória, em particular, são, não raras vezes, descurados. Com efeito, as aparentes facilidades da interpretação simultânea, que tem vários aliciantes quer para os formadores, quer para os alunos, pela imediatez do resultado e da sua análise e correcção, bem como pela maior facilidade de preparação prévia de aulas, parece remeter para um plano secundário o ensino da Interpretação Consecutiva, considerada difícil, morosa e, por isso, pouco interessante. O treino da Interpretação Consecutiva e os exercícios de memória são, por conseguinte, apenas uma pequena parte da formação em interpretação - que inclui exercícios de Sinonímia e Antonímia (Net Exercices), de *Décalage* (Frozen), de Antecipação/ Previsão, de Perífrase, de Dicção/ Elocução, de Tradução à Vista, de Conotação, de Generalização, de Condensação, entre tantos outros - porém, são, quanto a nós, essenciais para o pleno desenvolvimento das destrezas do futuro intérprete.

3. Treino de Memória em Interpretação Consecutiva

É unanimemente aceite pelos estudiosos e investigadores da psicologia ou da linguística cognitiva que o cérebro humano tem uma capacidade ilimitada de armazenamento de informação. A ciência cognitiva, ensinou-nos, no entanto,

que a informação adquirida recentemente pode “interferir” com a informação interiorizada, no passado, tornando, por conseguinte, a informação antiga mais difícil de lembrar.

Os exercícios de memorização usados no treino da Interpretação Simultânea e Consecutiva têm como objectivo ajudar a gerir este problema e a otimizar as qualidades performativas do estudante de interpretação.

Neste sentido, foi proposto aos alunos dos 4º e 5º anos da Licenciatura de Línguas e Secretariado – Ramos Tradução Especializada, do Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, a realização de alguns exercícios de memorização, com grau de dificuldade crescente e cuja tipologia passamos a caracterizar:

Tipo de exercício	Caracterização
Exercícios de Memorização A	<ul style="list-style-type: none"> • Números • Estatísticas • Percentagens • Datas
Exercícios de Memorização B	<ul style="list-style-type: none"> • Listas de nomes • Eventos Históricos
Exercícios de Memorização C	<ul style="list-style-type: none"> • Contos populares e /ou infantis

Quadro 1 – Tipologia de exercícios de memorização

Como facilmente se depreenderá, pela análise desta tabela, os objectivos a atingir, com a realização de tais exercícios, foram globalmente diferentes, muito embora complementares.

No primeiro caso, isto é, na memorização de números, estatísticas, percentagens, tratou-se de exercícios, quer intra linguísticos, quer extra linguísticos. Num primeiro momento, visava-se chamar à atenção dos alunos para a dificuldade acrescida de memorizar vários números ou datas, trabalhando, portanto, a memória a curto termo, enquanto,

concomitantemente, se exercitava a compreensão dos numerais em língua francesa.

A realização destes exercícios consistiu *grosso modo* numa leitura de documentos de fontes variadas – oriundas, nomeadamente do I.N.S.E.E. e do seu homólogo português I.N.E. –, enumerando e elencando estatísticas relativas a temas tão diversificados e abrangentes quanto a população, o casamento, o alcoolismo ou o turismo. Durante a leitura desses documentos, os alunos eram convidados a completar quadros fornecidos para o efeito. A estes exercícios somaram-se igualmente a descodificação de documentos pré-gravados, que à semelhança dos primeiros arrolavam datas, estatísticas ou simplesmente números de telefone.

O excesso de informação resultou numa incapacidade de retenção, sobrelevada, porém, pela falta de compreensão da análise das próprias estatísticas. Com efeito, e a título de exemplo, se a retenção de numerais de dois ou três dígitos se tornava relativamente simples, o mesmo não se passava com a anotação de números acima dos três dígitos (2393, por exemplo) e de datas, sobretudo quando a realização fonética alternava entre a forma “seize cent” e “mille huitcent”.

A tarefa tornava-se ainda mais árdua e complexa quando a ela se associavam elementos analíticos do tipo causas e consequências e, sobretudo, quando esses elementos surgiam em ordem inversa à da apresentada no texto ou era necessário deduzir a resposta por não ser dada de forma explícita. Assim, quando o texto relatava que: “sur 100 Français qui meurent d’alcoolisme, il y a 20 femmes”, nenhum aluno conseguiu intuir a percentagem de homens que morriam de alcoolismo. Do mesmo modo, a anotação da despesa total do Estado com o alcoolismo e respectivas receitas saldou-se igualmente numa incógnita, quando confrontados com a afirmação: “Il est difficile de chiffrer le coût total de l’alcoolisme. On pense qu’il se situe entre 7 et 10 milliard de francs....”.

As nossas conclusões convergem, portanto, com as de Daniel Gile (1991), conquanto à importância de alertar os alunos para as suas lacunas e dificuldades e para as estratégias necessárias para as ultrapassar, observando que muitas falhas dos intérpretes ocorrem na ausência de qualquer dificuldade visível.

Os exercícios de memorização, que designámos por Memorização B, consistiram, em primeiro lugar, na retenção de listas de nomes, insistindo, por

consequente, no desenvolvimento da memorização a curto prazo e, em segundo lugar na memorização de um relato histórico que focalizava o exercitar da memorização a longo prazo. Para este nível de exercícios, o objectivo visado era o de equacionar a importância do nível de conhecimentos e das referências históricas nas capacidades de memorização, isto é, pretendia-se avaliar se um maior e mais profundo conhecimento de uma dada temática teria qualquer influência sobre a capacidade de reter informação.

Para este efeito, foram distribuídos aos alunos fichas em que deveriam, previamente à realização do exercício, responder à questão: Refira os nomes dos Reis da Primeira Dinastia – a Afonsina. Posteriormente, era-lhes enumerada uma lista – como se sabe de nove nomes – que deveriam reter e imediatamente repetir. Os resultados convergiram com as nossas expectativas. Com efeito, os alunos que tinham respondido de forma mais completa à pergunta inicial, ou seja, os que maiores conhecimentos históricos possuíam, obtiveram um melhor se não mesmo excelente desempenho e, concomitantemente, aqueles – a maioria – que não conseguiram referir mais do que um ou dois nomes (D. Afonso Henriques e D. Sancho II) tiveram um desempenho bem mais fraco, não conseguindo memorizar mais do que quatro ou cinco nomes. A repetição obedeceu, regra geral, aos mesmos princípios: memorização do último e do penúltimo nome, por vezes do antepenúltimo (segundo a lei da “*Recency*”²) reservando os nomes já conhecidos para o final, técnica frequentemente observada – sobretudo em interpretação simultânea – e que permite reduzir a sobrecarga da memória. Não raras vezes também, e por sentirem que estavam a omitir informação, os alunos adicionavam nomes (“D. Sancho III”, “D. Sancho IV”) ou adulteravam-nos (“D. Fernandes, D. Sanches”), neste último caso testemunhando um profundo desconhecimento da matéria, mas simultaneamente fazendo uso da “memória écoica”, isto é, da reprodução fonética de uma memória dos sons. Questionados sobre as técnicas usadas na memorização da referida lista, todos os alunos sem excepção escolheram a associação como método esquecendo que, neste caso específico, a optimização mnemónica seria facilitada também pelas leis da “*Vividness*” (impressão) e da Frequência, uma vez que a repetição, através do estudo de História de Portugal, teria tornado a tarefa simples e até imediata.

Ainda perseguindo o mesmo objectivo, isto é, tentando perceber qual a influência que o nível de conhecimentos e de informação de um intérprete tem

sobre a seu desempenho e capacidade de memorização, procedemos à distribuição de um questionário no qual era solicitado aos alunos que contassem brevemente o que sabiam sobre o Marquês de Pombal. A esta fase, seguiu-se a apresentação de um texto de cerca de duzentas palavras, em que se pedia aos alunos que repetissem na mesma língua (neste caso, o português), o texto que ouviram, sem tirar quaisquer notas e tentando ser o mais fieis possível ao texto de partida, quer em conteúdo, quer em forma.

Avaliando as suas próprias prestações, todos os alunos manifestaram dificuldades de memorização, considerando o texto demasiado longo e apontando os seus poucos conhecimentos históricos como os responsáveis pelos maiores problemas. Compulsando os diversos desempenhos, podem-se, efectivamente, estabelecer alguns padrões de memorização que embora os alunos, nesta fase da aprendizagem, ainda não reconheçam como válidos e correctos, uma vez que o exercício lhes pedia máxima fidelidade, deverão ser incluídos como táticas no treino de interpretação. Os conhecimentos prévios que se possuem sobre o assunto em questão foram, unanimemente, considerados de grande utilidade e co-adjuvantes da interpretação.

Os alunos expressaram, na sua totalidade, maiores facilidades na retenção de factos que anteriormente já tinham atribuído à acção política do Marquês de Pombal, nomeadamente o facto de ter reforçado a aparelho do Estado absoluto e, sobretudo, a restrição dos poderes da casa de Távora. A este último factor não será talvez alheia a circunstância de, na altura em que se realizaram os exercícios, estar a ser transmitida na televisão uma série de ficção que tratava deste assunto. Talvez, assim, se encontre igualmente uma explicação para o realce do “caso Távora”, enquanto a referência à restrição dos poderes da casa de Aveiro foi negligenciada por todos os alunos. Relativamente à acção do Marquês no plano educativo, é também esclarecedor o privilégio dado à Reforma da Universidade de Coimbra, em detrimento de acontecimentos como a criação da Aula do Comércio, do Colégio Real dos Nobres ou da Real Mesa Censórica, por, segundo a Lei da *Vividness*, estar muito mais próximo dos horizontes e dos interesses dos próprios alunos. Pelas mesmas razões se poderá, na nossa opinião, explicar a ausência de memorização da reorganização do exército por parte do Marquês, pois as turmas são constituídas maioritariamente por membros do sexo feminino.

Curioso é também notar que uma das táticas mais populares entre os alunos, embora seja usada de forma inconsciente, é a de acrescentar informações, mesmo que essas não compareçam no trecho a interpretar, obedecendo, desta forma, a uma das regras da interpretação, a tentativa de maximizar a recuperação de informação. Os intérpretes consideram que é seu dever reformular o discurso na sua totalidade (*verbatim*) e, por isso, as adições ou a paráfrase são preferidas em relação às omissões que implicam uma imediata perda de informação. Daí que os intérpretes em treino, quando confrontados com segmentos frásicos demasiado longos, como era o caso, e não conseguindo reter a informação que julgavam indispensável para um bom desempenho, sentem o imperativo de adicionar informação. Tal aconteceu com as inúmeras referências ao Terramoto Lisboa de 1755 e à reconstrução da Baixa da capital pelo Marquês, que desde então deu o seu nome a essa zona da cidade. Propositadamente, esse facto fora omitido do texto a memorizar, porque *a priori* estabelecemos como ponto de partida metodológico ser o acontecimento mais marcante e mais conhecido da acção política do Marquês de Pombal, como, posteriormente, ficou provado nas declarações dos próprios alunos.

Como conclusão, poder-se-á adiantar que quando confrontados com exercícios que exigem elevadas capacidades de processamento cognitivo, podendo acarretar uma sobrecarga de informação, um conhecimento profundo da temática a interpretar parece-nos ser de toda a utilidade. Sendo a compreensão fundamental para uma boa interpretação, deverá intérprete em formação ser encorajado a, desde muito cedo, tomar consciência da importância da construção de glossários e da indispensabilidade de preparação prévia de qualquer conferência.

A última fase do nosso modelo de treino da memorização em interpretação consecutiva, que designámos por Exercícios de memorização C, consistiu na leitura de um conto infantil desta feita mais longo, de precisamente 688 palavras, destinado a ser reproduzido, na mesma língua, pelos alunos. O facto de a nossa escolha ter recaído sobre um conto e não sobre qualquer outra tipologia textual não foi alheia à consciência de se tratar de uma narrativa facilmente memorizável, facto amplamente atestado pela longa história de transmissão oral. Os alunos iriam, assim, tomar contacto com dificuldades inerentes à memorização de um texto mais longo, ganhando progressivamente

consciência de técnicas e táticas que usam inconscientemente e que são de capital importância na aprendizagem da Interpretação Consecutiva.

Para além do conto a memorizar apresentar uma relativa extensão, escolhemos, propositadamente, um conto rico em enumerações e pormenores descritivos, o que dificultava consideravelmente a tarefa. Tratava-se de uma adaptação do conhecido conto de Beatrix Potter, “Peter Rabbit”, agora com o título “O coelhinho Joca” e o desafio colocado aos alunos foi o de o contarem com o máximo de detalhes e precisão, imaginando que o estavam a fazer para uma criança. Os resultados excederam largamente as nossas expectativas. Os alunos não só responderam com o empenho a que nos acostumaram, como emprestaram às suas narrativas o tom prosódico que a situação exigia, tentando, a todos os momentos, colmatar as falhas que a memória traía.

A análise dos textos reproduzidos pelos alunos remete-nos, de novo, para uma tipologia de memorização que poderá ajudar os alunos a padronizarem os seus desempenhos na realização da Interpretação Consecutiva.

Algumas das táticas mais utilizadas pelos alunos para ultrapassarem as dificuldades suscitadas pelo texto foram:

1. *Categorização*: isto é o agrupamento de itens com as mesmas características,
2. *Generalização*: tirar conclusões gerais de exemplos particulares;
3. *Comparação*: reparar nas semelhanças e diferenças entre coisas diferentes
4. *Descrição*: descrição de uma cena, forma, ou objecto.

Com efeito, as enumerações dificultavam a retenção de pormenores, o que levou alguns alunos a usarem estas táticas, nomeadamente a *Comparação*. Os nomes dos coelhos intervenientes na história “*Bolinha, Mimoso, Algodãozinho e Joca*”, sendo muito semelhantes, à excepção do da personagem principal, remetiam todos para algo branco, redondo e/ou suave ao tacto. Daí que alguns alunos tenham reproduzido os nomes de “*Fofinho*”, “*Branquinho*” ou “*Gordinho*” quando não conseguiam reter os três nomes.

Já a *Categorização* foi preferida para as enumerações dos nomes de legumes que sendo longa “*alfaces, cenouras, rabanetes, repolbos, batatas*”, passou simplesmente a ser referida por “*muitos legumes*” ou “*verduras variadas*”. Alunos ainda houve que, escolhendo referir a totalidade dos legumes, substituíram os “*repolbos*” por “*couves*” esquecendo os “*rabanetes*”, com certeza por terminologicamente serem

aquelas mais usuais e logo, seguindo a já referida Lei da Frequência, mais próximas da realidade linguística e vivencial dos alunos.

Quanto à *Generalização*, ela foi escolhida nos momentos em que a narrativa se adensava, enriquecendo-se de pormenores que dificilmente poderiam ser retidos na sua totalidade e com precisão. As diversas peripécias da fuga de Joca ao Sr. Tinoco, o dono da horta que o coelhinho, contra os conselhos da mãe, irá visitar, serão alvo das mais diferentes reconstituições. Eis algumas das reformulações efectuadas pelos alunos³:

1: “Era uma vez quatro coelhinhos que moravam por baixo de um pinheiro – o Bolinha, o Mimoso, O Algodãozinho e o Joca. Viviam com a Dona Coelha. A Dona Coelha saiu para ir à padaria comprar cinco pãezinhos com passas e avisou-os para não se dirigirem à quinta do Sr. Tinoco. Os três coelhinhos eram muito ajudados, mas o Joca quis ir aventurar-se ao quintal do Sr. Tinoco para roubar ou comer umas cenouras. O Sr. Tinoco viu-o e começou a correr atrás dele; então, num impulso, Joca conseguiu fugir, mas ficou com o casaco pendurado na rede. Então, conseguiu esconder-se dentro de uma lata cheia de água. Ficou todo molhado e começou a tossir e a espirrar. Então, o Sr. Tinoco foi, de novo, atrás dele; depois Joca não conseguia dar com a saída e perguntou a um rato se, por acaso, a conhecia. O rato não respondeu; interpelou um gato, mas como o seu primo Benjamim lhe tinha contado umas histórias estranhas sobre gatos, decidiu não o fazer e, então, subiu para cima de qualquer coisa e avistou a saída e o seu inimigo, o Sr. Tinoco. Então, foi pé ante pé, sem fazer barulho e conseguiu dar com a saída e dirigiu-se à sua casinha debaixo do pinheiro. Lá estava a sua mãe, já tinha chegado da padaria e estava a preparar o jantar. E lá estavam os seus irmãos, bem ajudadinhos – o Bolinha, o Mimoso, e o Algodãozinho. O Joca começou a sentir-se febril e foi para a cama. Os seus três irmãos jantaram pãezinhos com passas que a mãe tinha comprado na padaria. O Joca limitou-se a beber chá com limão. No fim, a mãe perguntou-lhe o que se tinha passado e Joca prometeu ser tão ajudado como os seus três irmãos.”

2: “Era uma vez quatro coelhinhos, chamados Algodão, Mimoso e Joca e que viviam com a mãe que se chamava Dona Coelhinha. Viviam por baixo de um grande pinheiro. Uma vez, a mãe ia sair para ir às compras e chamou os quatro coelhinhos e avisou-os para não irem à horta do Sr. Tinoco porque o pai deles já tinha tido um acidente na horta dele. Os três coelhinhos mais obedientes – o Mimoso e o Algodão – foram apanhar amoras. Mas o Joca, que era o mais desobediente, decidiu ir à horta do Sr. Tinoco. E chegou à horta do Sr. Tinoco e comeu as cenouras, os repolhos e depois de comer durante mais de duas horas, sentou-se e, quando estava sentado e a descansar, chegou o Sr. Tinoco e ele decidiu fugir e começou a correr e o Sr. Tinoco foi atrás dele. Entretanto, perdeu um sapato no meio dos repolhos e outro no meio das batatas, sempre a fugir do Sr. Tinoco. Só que ele chegou a uma grade e ficou preso com o botão do casaco. Entretanto chegaram dois pássaros que o viram a chorar porque estava preso e não conseguiram fazer nada e chegou o Sr. Tinoco. Entretanto o Joca conseguiu largar. Mas teve de deixar o casaco. Só que o Sr. Tinoco vinha sempre atrás dele e então ele correu, correu e atrás dessa grelha havia uma caixa de ferramentas que estava cheia de água. Então o Joca que já tinha perdido o casaco, ficou com frio e

começou a tremer e o Sr. Tinoco deu conta que ele estava ali. Ele fugiu e escondeu-se atrás de dois vasos. Entretanto, o Sr. Tinoco estava cansado de correr atrás dele e foi-se embora. Só que o Joca não conseguia encontrar a saída e quando conseguiu encontrar a saída foi para casa e mãe já estava à espera. Então a mãe tinha ido às compras comprar cinco pães, cinco bolos; só que ele estava com febre e foi para a cama enquanto que os irmãos comeram os bolos e ele foi para a cama tomar chá de limão e no dia seguinte estava ainda com febre e prometeu à mãe nunca mais lhe desobedecer.”

Compulsando estas versões realizadas pelos alunos, exemplares de muitas outras, podemos, com efeito, isolar algumas estratégias padronizadas, reveladoras da tipologia que efectuámos. A *Generalização* a que nos referíamos, ocorre sempre que os pormenores descritivos ou as inventariações do texto se tornam demasiado minuciosos para que ocorra uma memorização total. Assim, os legumes da versão original – alfaces, cenouras e rabanetes – transformaram-se em apenas “cenouras”, alimento habitual dos coelhos. Da mesma forma, o que no original aparece como “Bolinhos com passas e um pão de forma” é generalizado em “cinco pãezinhos com passas”. Além disso, a segunda versão desenvolve uma Generalização semântica, ao não especificar que o Joca se escondera dentro da caixa de ferramentas cheia de água, considerando que isso se depreende da fuga do coelhinho e da tentativa de encontrar um bom esconderijo.

Todas estas estratégias utilizadas inconscientemente pelos alunos, numa fase inicial de formação, comparecem, sobre a forma de exercícios, nos programas de Interpretação Consecutiva e Simultânea, contribuindo decisivamente para uma melhoria das capacidades lexicais, oratórias, retóricas, estilísticas e mnemónicas do intérprete em formação.

Em conclusão, parece-nos importante enfatizar que os exercícios de memória permanecem e deverão constituir um elemento estruturante da aprendizagem da Interpretação, quer Consecutiva quer Simultânea, sobretudo numa primeira fase de introdução às competências específicas da profissão. A tipologização de exercícios a utilizar durante a fase de aprendizagem afigura-se-nos como a forma ideal de preparação do intérprete em treino para que, numa fase posterior, possa expandir e ampliar as qualificações que são requeridas para desenvolver a profissão com qualidade, tecendo como que um *Fio de Ariadne*, que o ajude a orientar-se nos labirínticos meandros da memória humana, exercitando-a e ganhando, progressivamente, consciência de como a otimizar. Finalizamos com as palavras de Phelan (2001: 4-5) que nos parecem sintetizar o

que nos propusemos discutir: “The interpreter needs a good short-term memory to retain what he or she just heard and a good long-term memory to put the information into context. Ability to concentrate is a factor as is the ability to analyze and process what is heard.”

¹ Na Europa Ocidental e nos Estados Unidos, a interpretação consecutiva está gradualmente a desaparecer do mercado, enquanto que na Ásia e na Europa Oriental, a consecutiva representa cada vez mais um papel fundamental, dadas as suas inegáveis vantagens. Com efeito, a consecutiva não só é mais barata, como exige pouco se não mesmo nenhum equipamento, sendo mais flexível em termos temporais e espaciais.

² As propriedades da memória são as seguintes: Lei da Recency (lembramos mais facilmente acontecimentos recentes), Lei da Vividness (temos tendência para lembrar acontecimentos mais espectaculares ou que causam maior impressão ou efeito sobre nós) e a Lei da Frequência (temos, finalmente, tendência para lembrar com maior facilidade algo que nos acontece frequentemente)

³ “Era uma vez quatro coelhinhos chamados: Bolinha, Mimoso, Algodãozinho e Joca. Eles moravam com sua mãezinha, debaixo de um grande pinheiro. A Dona Coelha, como precisava um dia de sair para fazer compras, chamou-os e disse-lhes: - Escutem, queridos, a mamã vai sair. Se vocês quiserem, podem dar uma voltinha, mas, por favor, não entrem na horta do Sr. Tinoco. O vosso pai teve um acidente lá e nunca mais voltou para casa. Tenham juízo, filhotes, eu não me demoro.

A Dona Coelha apanhou a sombrinha, a cesta de compras e foi à padaria. Comprou cinco bolinhos com passas e um pão de forma.

Bolinha, Mimoso e Algodãozinho, que eram muito ajuizados, foram colher amoras. Joca, porém, que era muito desobediente, passou por debaixo da cerca e foi à horta do Sr. Tinoco. Quando lá chegou, comeu alfaces, cenouras e rabanetes, até não poder mais. Sentou-se para descansar um pouco. Exactamente ali, perto do canteiro dos repolhos, estava o Sr. Tinoco. Assim que avistou o coelhinho, correu ao seu encaço, de ancinho na mão. Joca ficou muito assustado; corria para todos os lados e não conseguia acertar a saída. Perdeu um dos sapatos no meio dos repolhos, e o outro, perto das batatas. Cada vez corria mais. De repente, ficou preso, pelo botão do casaco, numa rede que protegia as uvas. Começou a chorar muito alto. Uns pardais muito bonzinhos, que voavam por ali, vieram consolá-lo. Entretanto, o Sr. Tinoco não tinha desistido de o apanhar. Ali veio ter, com uma enorme peneira na mão, pretendendo com ela prender o pobre bichinho. Nesse instante, porém, Joca deu um arranco e conseguiu desprender-se. No entanto, ficou sem o casaco e caiu em cima da caixa de ferramentas. Levantou-se depressa, e escondeu-se dentro de uma lata grande que viu à sua frente. A lata estava cheia de água e Joca estava muito suado; por isso, começou a sentir arrepios de frio e pôs-se a espirrar. O Sr. Tinoco, que o

havia perdido de vista, descobriu o seu esconderijo e correu para a lata. O coelhinho, porém, foi mais ligeiro; saltou para fora da lata e ocultou-se atrás de uns vasos de plantas.

O Sr. Tinoco já estava cansado de tanto correr à procura do coelhinho, de maneira que resolveu voltar para casa. Joca, quando percebeu que o seu perseguidor o deixara em paz, sentou-se para descansar. Estava quase sem respiração e tremia da cabeça aos pés. Além disso, não tinha a menor ideia de como sair dali.

Enquanto pensava na situação, apareceu um rato que carregava, na boca, alimento para os seus filhinhos. Joca perguntou-lhe onde ficava a saída, mas ele não lhe respondeu, apenas sacudiu a cabeça. Então o coitadinho resolveu ir andando para ver se descobria alguma coisa.

Atravessou o jardim e chegou a um tanque onde o Sr. Tinoco costumava encher as latas de água. Ali estava sentado um gatinho, apreciando os peixinhos dourados que havia no tanque. Joca, a princípio, teve vontade de dirigir-lhe a palavra, mas pensou melhor e foi andando. O seu primo, o coelhinho Benjamim, sempre lhe contava histórias perigosas sobre gatos...

Um pouco adiante encontrou uma carroça. Subiu para cima dela e olhou à volta. Lá adiante estava o seu inimigo, o Sr. Tinoco, cuidando de um canteiro. Do lado oposto, ficava o portão. Que alívio! Muito de mansinho, sem fazer barulho, lá se foi ele arrastando, até que se viu, são e salvo, perto do pinheiro onde ficava sua casa. Estava tão cansado que se deitou ali mesmo e fechou os olhos.

A Dona Coelha estava a preparar o jantar. Quando o viu ali fora, assim, abatido, ficou a imaginar o que lhe teria acontecido. Ficou, porém, muito zangada quando viu que ele havia perdido os sapatos e o casaco. Levou-o, ao colo, para a cama e notou que ele estava febril.

À hora do jantar, Bolinha, Mimoso e Algodãozinho foram para a mesa, comeram bolinhos com passas e tomaram leite quentinho. Joca ficou na cama e tomou chá de limão.

No dia seguinte, ainda se sentia mal. Estava tão arrependido, que prometeu à mamã nunca mais desobedecer-lhe e ser tão comportado quanto seus outros irmãos."

BIBLIOGRAFIA

BAJO, Maria Teresa *et alii*, "Comprehension and memory processes in translation and interpreting" in Quaderns, Revista de traducció 6, 2001, 27-31.

GILE, Daniel, (1995), Regards sur la Recherche en interprétation de conférence, Lille, Presses Universitaires de Lille.

(1999), Testing the Effort Models tightropehypothesis in simultaneous interpreting – a contribution, *Hermès* 23, 153-172.

The Role of Consecutive in Interpreter Training: A Cognitive View, disponível em <http://www.aiic.net/community/print/default.cfm/page377>.

L'interprétation de conférence et la temporalité, disponível em http://www.ccr.jussieu.fr/risc/interpretation_conf.htm.

KAWAHARA, Kiyoshi, TSURUTA, Chikako, Cognitive Model of Interpretation/Translation Viewed from Sense-making Theory, disponível em <http://www.kotoba-asobi.net/tsuruta/paper01.html>.

JACOB, Pierre (1998), “Memory, Learning and metacognition”, in Proceedings Conference on Memory, Paris, 253-259.

LEDERER, Marianne (1981), “L'enseignement de la prise de notes en interprétation consécutive: un faux problème ?”, in DELISLE, Jean, L'enseignement de l'interprétation et de la traduction: de la théorie à la pédagogie, Cahiers de traductologie n°4, Éditions de l'Université d'Ottawa, 99-112.

PHELAN, M. (2001), The Interpreter's Resource, Clevedon, Buffalo, Toronto, Sydney: Multilingual Matters Ltd.

ZHONG, Weihe, Memory Training in Interpreting, disponível em <http://www.accurapid.com/journal/25interpret.htm>.



traduções

MEMÓRIAS DE ADRIANO (EXCERTO)

Marguerite Yourcennar

MEMOIRES D'HADRIAN, 1951

Varius multiplex multiformis

Não desprezo os homens. Se o fizesse não teria qualquer direito ou razão para os tentar governar. Sei que são vãos, ignorantes, ávidos, inquietos, capazes de quase tudo para vencerem, nem que seja aos seus próprios olhos ou, muito simplesmente, para evitarem o sofrimento. Sei disso: por vezes sou como eles ou poderia tê-lo sido. Entre os outros e eu as diferenças são pouco significativas. Esforço-me, assim, para que a minha atitude esteja tão distanciada da fria superioridade do filósofo como da arrogância de César. Até o mais primário dos homens tem o seu rasgo de luz: este assassino toca muito bem flauta; este contramestre que flagela os escravos pode ser um bom filho; este idiota partilharia comigo o seu último pedaço de pão. E há poucos a quem não se possa ensinar algo convenientemente. O nosso grande erro é procurar obter de cada um em particular as virtudes que ele não tem, não cultivando as que possui. Aplicarei aqui, na procura destas virtudes fragmentárias, aquilo que acima dizia, voluptuosamente, da procura da beleza. Conheci seres infinitamente mais nobres, mais perfeitos que eu próprio, como teu pai Antonino; convivi com muitos heróis e mesmo alguns sábios. Na maior parte dos homens encontrei pouca consistência no bem, mas também pouca no mal; a sua desconfiança, a sua indiferença mais ou menos hostil, cedia quase que depressa de mais, quase vergonhosamente, transformava-se quase com demasiada facilidade em gratidão, em respeito, aliás, sem dúvida, igualmente pouco duráveis; mesmo o seu egoísmo poderia ser direccionado para fins mais úteis. Admiro-me sempre que tão poucos me tenham odiado; não tive mais que dois ou três inimigos acérrimos de cuja inimizade era, como sempre, em parte responsável. Alguns amaram-me: esses deram-me mais do que aquilo que tinha direito de exigir ou mesmo esperar deles, a sua morte, por vezes, a sua vida. E o Deus que trazem em si frequentemente revela-se logo que morrem.

Só me sinto superior ao comum dos homens, num único ponto: sou simultaneamente mais livre e mais submisso do que alguns deles ousam ser. Quase todos desconhecem, igualmente, a sua justa liberdade e a sua verdadeira servidão. Amaldiçoam as suas amarras e, por vezes, parecem gabar-se disso. Por outro lado, desperdiçam tempo em futilidades vãs; não sabem tecer para si próprios a mais leve submissão. Por mim, procurei mais a liberdade do que o

poder, e o poder unicamente porque, em parte, favorecia a liberdade. O que me interessava não era uma filosofia de homem livre (todos aqueles que a procuram me aborreceram) mas uma técnica: queria encontrar o ponto de articulação onde a nossa vontade se liga ao destino, onde a disciplina secunda, em vez de refrear a natureza. Compreende bem que não se trata aqui da dura vontade do estóico, de quem exageras o poder, nem de não sei que escolha ou recusa abstracta que insulta as condições do nosso mundo pleno, contínuo, formado de objectos e de corpos. Sonhei com uma mais secreta aquiescência ou com alguma mais suave boa vontade. A vida era para mim como um cavalo, a cujos movimentos nos unimos mas depois de o ter treinado, na sua melhor forma. Em conclusão, sendo tudo uma decisão do espírito, mas lenta, mas insensível, e que leva também à adesão do corpo, esforço-me por atingir gradualmente este estado de liberdade ou de submissão, quase puro.

Trad. de Luísa Coelho e Inês Ferreira Dias¹

¹ Alunas do seminário de Análise Crítica da Tradução – Língua Francesa, integrado na Licenciatura Bietápica em Línguas e Secretariado – Ramo de Tradução e Interpretação Especializadas.

POMAR

Phillippe Delerm

PANIER DE FRUITS, 1999

Tenho milhões de leitores. “Embebido de sol, o pêssego amarelo é a fruta do Verão. Esconde, sob a pele fina e aveludada, uma polpa sumarenta que derrete na boca.” Sim, este texto é meu, nas embalagens de iogurte Yopla. Já vos estou a ouvir, e às vossas reticências. Milhões de leitores... Talvez pensem que a embalagem vai direitinha para o lixo antes que se leiam estas minhas palavras delicadas... Pois bem, não concordo. Primeiro, deixem-me dizer-lhes que o número de não leitores de livros é muito superior ao de não leitores de embalagens. Sabem, todos aqueles livros que se oferecem e fazem aumentar a tiragem dos best-sellers? Lêem os livros que vos oferecem? Quanto a mim, confesso que, normalmente, não. Tanta floresta arrancada para fabricar pacatos paralelepípedos rectangulares que servem de moeda de troca! Convidam-vos e oferecem um livro – qual senha de refeição.

E agora, pensem bem no iogurte. Se esquecemos as palavras que enfeitam a embalagem, não é porque as não lemos – houve com certeza aqueles segundos de distração em que nos escapámos para agarrar o iogurte entre o polegar e o mindinho, e decifrámos o rótulo. Mas a operação aconteceu quase inconscientemente. Prova que o texto escorregou pela garganta, qual pêssego amarelo, tom sobre tom. Esta harmonia da palavra com a coisa não acontece por acaso na sensação de frescura ensolarada, de fluidez leitosa. Desaparecer na sensação: eis uma bonita divisa poética.

Dir-me-ão que os meus textos não estão assinados. É certo que não pediram a minha opinião sobre este assunto, mas não sofro com isso. Sinceramente, não teria nenhum prazer em ver o meu nome constar das embalagens de iogurte. O meu apelido não tem grande sabor. Se as minhas palavras se aproximam do pêssego amarelo, poder-se-ia assiná-las assim: pêssego amarelo, ou então: Cocktail de morangos. Reparem: “rijo e acidulado, o morango silvestre misturado com morango faz sobressair todo o sabor doce e a consistência macia.” Não está nada mal, este. Claro, no gosto, é o morango silvestre que domina. Não me perguntem se há um produto químico a interferir, ignoro-o. Mas sei que o texto tem a sua importância, no cocktail de morangos. Sem ele perguntar-nos-íamos: “Porquê cocktail de morangos? Só sabe a morango silvestre!” Parece-me que, com o meu “sabor doce” e a minha “consistência macia” devolvi, como quem não quer a coisa, o equilíbrio a esta mistura – e lisonjicei, sem mentir, o gordo morango um pouco insípido que não cheira tão bem quanto o seu colega.

E depois, se ainda não estão convencidos, pensem que o pêssego amarelo, o cocktail de morangos são apenas duas facetas do conceito “Pomar”. Aqui,

não admitirei qualquer restrição. “Cesto de fruta” é um achado invejado por toda a concorrência, e isso diz tudo.

Ainda recordo aquela reunião de trabalho em que todo o pessoal do marketing Yopla estava reunido. Era preciso uma ideia fresca, natural, mas sem cair nos estereótipos da avozinha, do pomar, da vida de outrora. Duval propôs “Sabor dos Campos”, e Dupont-Lachaume, o Director Geral, fez uma careta enquanto abanava a cabeça – demasiado convencional, banal, *déjà-vu*. Dumontier – o pobre Dumontier – acreditava fazer melhor com “Doce-sol”, mas Dupont-Lachaume pô-lo rapidamente no seu lugar:

- Dumontier, meu velho amigo, sejamos sérios! Não lhe peço uma canção de Alain Souchon. Quero algo de condensado, de autêntico, mas nada de elíptico. Dirigimo-nos ao grande público!

Eu estava lá, mais ou menos retraído. O meu estatuto indeciso de autor-publicitário, pago ao caractere, dava-me um papel algo externo. E, de repente, atirei: “Pomar”. Dado o desinteresse de Duval e de Dumontier, senti imediatamente que estava no papo.

- Pomar! Pomar! Pois claro, três vezes sim, Pomar!

Parecia já saborear a fruta, Dupont-Lachaume.

- Caramba, é isso mesmo! Chega à mesa, produto da feira, coberto de orvalho, não andou por lado nenhum. Ao mesmo tempo, não tem nada de saloio... Ausência de artigo! Muito importante, a ausência de artigo. “O pomar”, seria miserável. Mas “Pomar”, é fantástico. Meus senhores, acho que vamos poder usar isto à nossa vontade. Pomar!

Maria Isália Miranda Maciel¹

¹ Aluna finalista da Licenciatura Bietápica em Línguas e Secretariado – Ramo de Tradução e Interpretação Especializadas.

INCIDENTE NO QUINTAL

Maya Angelou

INCIDENT IN THE YARD, 1990

“Não serás imundo” e “Não serás insolente” eram os dois mandamentos da Avó Henderson, dos quais pendia a nossa plena salvação.

Todas as noites, no rigor do Inverno, éramos forçados a lavar cara, braços, pescoço, pernas e pés antes de irmos para a cama. Ela costumava acrescentar, com um sorriso malicioso, que as pessoas puras perdem o controlo quando se aventuram na profanação e que “lavam o mais possível e depois lavam o possível”.

Íamos até ao poço e lavávamo-nos na água gelada e cristalina, untávamos as pernas com vaselina endurecida pelo frio e depois entrávamos em casa em bicos de pés. Limpávamos o pó dos dedos e instalávamo-nos para deveres da escola, broa, leite coalhado, orações e cama, sempre nesta ordem. A Momma era conhecida por puxar as mantas para trás depois de termos adormecido para examinar os nossos pés. Se a seu ver eles não estivessem suficientemente limpos, pegava na vara (conservava uma atrás da porta do quarto para as emergências) e acordava o transgressor com uns quantos lembretes dolorosos e bem assentes.

De noite, a zona à volta do poço era escura e escorregadia e os rapazes falavam sobre o gosto das cobras pela água, de maneira que qualquer pessoa que fosse de noite tirar água e depois ficasse por ali sozinha a lavar-se sabia que serpentes venenosas, cascavéis, víboras grandes e jibóias deslizavam em direcção ao poço e chegariam no momento em que a pessoa que se lavava tivesse sabão nos olhos. Mas a Momma convenceu-nos de que não só a limpeza estava próxima da Religiosidade, como a sujidade era a inventora da miséria.

A criança insolente era detestada por Deus e uma vergonha para os pais e podia trazer destruição à sua casa e ascendência. Todos os adultos tinham que ser tratados por Mister, Missus, Miss, Auntie, Cousin, Unk, Uncle, Buhbah, Sister, Brother e milhentos outros nomes reveladores dos diversos graus de familiaridade e da humildade daquele que se lhes dirigia.

Todos aqueles que conhecia respeitavam estas regras e costumes, à excepção das crianças da escumalha branca.

Algumas famílias de escumalha branca viviam nos terrenos de cultivo da Momma, atrás da escola. Às vezes chegava à Loja um bando deles, enchendo-a por completo, afugentando o ar e chegando mesmo a modificar os aromas familiares. As crianças trepavam pelas prateleiras e para dentro das caixas de

batatas e cebolas, fazendo vibrar constantemente as suas vozes agudas como se fossem guitarras feitas de caixas de charutos. Tomavam liberdades na minha Loja de que eu nunca me atreveria. Uma vez que a Momma nos tinha ensinado que quanto menos disséssemos aos brancos (ou mesmo à escumalha branca) melhor, eu e o Bailey permanecíamos de pé, solenes, quietos, no ar em movimento. Mas se alguma dessas aparições brincalhonas se aproximasse de nós, beliscava-a. Em parte devido a uma frustração de revolta e, em parte, porque não acreditava na sua realidade física.

Tratavam o meu tio pelo nome próprio e mandavam-lhe fazer coisas aqui e ali na Loja. Ele, para minha grande vergonha, obedecia-lhes no seu jeito vacilante e subserviente.

Também a minha avó seguia as suas ordens contudo, ela não parecia ser servil, pois antecipava as suas necessidades.

“Aqui tem o açúcar, Miz Potter, e aqui tem o fermento em pó. No mês passado não comprou soda, provavelmente deve estar a precisar de alguma.”

A Momma dirigia sempre as suas palavras aos adultos mas, por vezes, Oh dolorosas vezes, as raparigas encardidas e de nariz ranhoso ripostavam.

“Ora, Annie...”, à Momma? Que era a dona da terra onde elas viviam? Que já esquecera mais do que aquilo que elas alguma vez aprenderiam? Se havia justiça no mundo, Deus devia torná-las mudas de imediato! “Dá-nos só algumas bolachas d’ água e sal e mais algumas cavalas.”

Pelo menos nunca a olhavam de frente, ou então nunca as apanhei a fazer tal coisa. Ninguém com o mínimo de educação, nem mesmo o pior dos biscateiros, olharia de frente um adulto. Isso significava que a pessoa estava a tentar tirar-lhe as palavras antes de serem pronunciadas. As criancinhas sujas não faziam isso, mas atiravam ordens pela Loja como se fossem açoites de um chicote de nove tiras.

Quando eu tinha cerca de dez anos, essas crianças desmazeladas foram a origem da experiência mais dolorosa e confusa que alguma vez tive com a minha avó.

Numa manhã de Verão, depois de ter varrido o quintal das folhas, papéis de gomas de hortelã-pimenta e etiquetas de salchichas de Viena, alisei a terra vermelha-amarelada com o ancinho e desenhei cuidadosamente meias-luas, para que o padrão se destacasse claramente como numa máscara. Guardei o ancinho atrás da Loja e vim pelas traseiras para encontrar a Avó no alpendre da frente, no seu grande e amplo avental branco. O avental estava tão teso devido à goma que se podia segurar de pé. A Momma estava a apreciar o quintal, por isso fiz-lhe companhia. Parecia mesmo uma cabeça ruiva e plana, penteada com um pente de dentes largos.

A Momma nada disse, mas eu sabia que ela gostava. Olhou para a casa do director da escola e, para a direita, para a de Mr. McElroy. Ela tinha esperança

que um desses pilares da comunidade visse o desenho antes de este ser apagado pela azáfama do dia de trabalho. Depois olhou para cima na direcção da escola. Eu voltara a minha cabeça na mesma direcção e, por isso, foi quase ao mesmo tempo que vimos um bando de miúdas da escumalha branca a marchar pela colina junto à escola.

Olhei para a Momma procurando orientação. Fez um excelente trabalho de inclinação da cintura para baixo, mas da cintura para cima parecia estar a tentar alcançar o topo do carvalho do outro lado da estrada. Depois começou a gemer um cântico. Talvez não fosse a gemer, mas a melodia era tão lenta e o ritmo tão estranho que poder-se-ia dizer que estava gemer. Não tornou a olhar para mim. Quando as crianças chegaram a meio do caminho entre a colina e a Loja, disse sem se virar, “Querida, vai para dentro.”

Querida implorar-lhe: “Momma, não espere por eles. Venha comigo para dentro. Se eles entrarem na Loja, vá para o quarto e deixe-me atendê-los. Eles só me assustam se estiver por perto. Sozinha sei como lidar com eles.” Mas claro que não podia dizer nada, por isso entrei e fiquei parada atrás da porta de rede.

Antes das raparigas chegarem ao alpendre, ouvi o seu riso a estalar e a saltar como cepos de pinheiro num fogo de cozinha. Suponho que a minha eterna paranóia nasceu naqueles minutos frios e vagarosos como o melação. Ficaram, por fim, paradas no pátio em frente à Momma. No início fingiram que estavam muito sérias. Então uma delas enrolou o braço direito na curva do esquerdo, empurrou os lábios para fora e começou a entoar algo. Percebi que estava a macaquear a minha avó. Uma outra disse: “Ora, Helen, não estás como ela. Assim é que é.” Em seguida levantou o peito, cruzou os braços e troçou daquela estranha presença que era a Annie Henderson. Uma outra riu ainda: “Ora, não consegues imitar. Os teus lábios não estão suficientemente para fora. É assim.”

Pensei na espingarda atrás da porta, mas sabia que nunca a conseguiria segurar com firmeza, e a .410, a nossa caçadeira de canos serrados que estava sempre carregada e que era disparada todas as noites de Ano Novo, estava fechada no baú e o Tio Willie tinha a chave na sua corrente. Através da porta de rede manchada pelas moscas, via que as tiras do avental da Momma se agitavam com as vibrações do seu entoar. Mas os seus joelhos pareciam estar aferrolhados, como se nunca mais voltassem a dobrar.

Continuava a cantar. Nem mais alto, nem mais baixo do que antes. Nem mais depressa, nem mais devagar.

A imundície dos vestidos de algodão das raparigas prolongava-se pelas pernas, pés, braços e caras, fazendo delas uma só peça. O seu cabelo, gorduroso e descolorido pendia despenteado, num aspecto final assustador. Ajoelhei-me para as ver melhor, para que as recordasse para todo o sempre. As lágrimas que

escorregaram para o meu vestido deixaram as esperadas manchas escuras e tornavam o quintal da frente indefinido e ainda mais irreal. O mundo tinha respirado profundamente e estava com dúvidas se continuaria a girar.

As raparigas cansaram-se de fazer troça da Momma e optaram por outras formas de provocação. Uma delas cruzou os olhos, meteu os polegares nos cantos da boca e disse: “Olha para aqui, Annie.” A Avó continuou a entoar o seu cântico e as fitas do avental estremeceram. Queria atirar-lhes à cara uma mão-cheia de pimenta preta, atirar-lhes lixívia, berrar-lhes que eram uns *pica-paus*¹ imundos e desprezíveis, mas sabia que estava claramente aprisionada atrás da cena, tal como os actores lá fora estavam confinados aos seus papéis.

Uma das raparigas mais pequenas executou uma espécie de dança de fantoches, enquanto as suas companheiras de palhaçada se riam dela. Mas a rapariga alta, que era quase uma mulher, disse qualquer coisa muito baixinho, que não consegui ouvir. Todas recuaram, afastando-se do alpendre, mas continuando a observar a Momma. Por um terrível segundo pensei que iam atirar uma pedra à Momma, que parecia ter-se ela própria transformado numa pedra (à excepção das fitas do avental). No entanto, a rapariga grande voltou-se de costas, dobrou-se e pôs as mãos espalmadas no chão; não pegou em nada. Simplesmente equilibrou-se e fez o pino.

Os seus pés descalços e sujos e as suas pernas compridas ficaram espetadas para o céu. O vestido caiu-lhe pelos ombros e não tinha cuecas vestidas. O pêlo púbico liso formava um triângulo castanho onde as pernas se uniam. Permaneceu no vácuo daquela manhã sem vida por apenas alguns segundos e depois balançou e deu um salto acrobático. As outras deram-lhe palmadas nas costas e aplaudiram-na.

A Momma mudou o seu cântico para “Pão do Céu, pão do Céu, alimenta-me até estar saciada.”

Apercebi-me de que também eu rezava. Por quanto mais tempo conseguiria a Momma resistir? A que nova indignidade se lembrariam elas de a sujeitar? Será que me conseguiria manter afastada de tudo? O que é que a Momma queria que eu realmente fizesse?

Em seguida começaram a ir embora do quintal, regressando à cidade. Acenaram com as cabeças e abanaram os seus traseiros insolentes e viraram-se, uma de cada vez:

“Adeus, Annie.”

“Adeus, Annie.”

“Adeus, Annie.”

¹ N.T. – *Pica-pau*: Pessoa branca, normalmente do Sul dos EUA. O pica-pau vermelho (com a cabeça e pescoço vermelhos) era o símbolo dos Brancos em contraste com o corvo, símbolo dos Negros.

A Momma nunca virou a cabeça ou descruzou os braços, mas parou de cantar e disse: “Adeus, Miz Helen, adeus Miz Ruth, adeus Miz Eloise.”

Explodi. O fogo-de-artifício de Quatro de Julho explodiu. Como podia a Momma tratá-las por Miz? Aquelas coisas malvadas e detestáveis? Porque não pôde ela vir para dentro da loja doce e fresca quando as vimos a enfrentar a colina? O que é que ela provou com isto? E, depois, se elas eram sujas, más e insolentes, porque é que a Momma tinha de as tratar por Miz?

Ela assim permaneceu durante mais um cântico e depois abriu a porta de rede para me ver a chorar de raiva. Olhou-me até eu levantar os olhos. A sua cara era uma lua castanha que brilhava sobre mim. Ela era bonita. Alguma coisa, que eu não compreendia inteiramente, tinha acontecido lá fora, mas podia ver que ela estava feliz. Depois baixou-se e tocou-me como as mães da igreja quando “confortam os doentes e os aflitos” e sosseguei.

“Vai lavar a cara, Querida.” E foi para trás do balcão dos doces e entoou: “Glória, glória, aleluia, quando alivio o peso da minha cruz.”

Atirei água do poço à cara e usei o lençinho dos dias de semana para me assoar. Qualquer que tivesse sido a disputa lá à frente, sabia que a Momma vencera.

Levei o ancinho de novo para o quintal da frente. As marcas das pegadas foram fáceis de apagar. Trabalhei durante bastante tempo no meu novo desenho e guardei o ancinho atrás do pote da barrela. Quando regresssei à Loja, peguei na mão da Momma e saímos ambas para ver o desenho.

Era um coração grande com corações cada vez mais pequeninos dentro dele e havia uma seta que o atravessava desde a borda de fora até ao coração mais pequeno. A Momma disse: “Querida, é mesmo muito bonito.” Depois voltou para dentro da Loja e prosseguiu: “Glória, glória, aleluia, quando alivio o peso da minha cruz.”

Trad. de Sofia Morais d’Almeida²

² Antiga aluna da Licenciatura Bietápica em Línguas e Secretariado – Ramo de Tradução Especializada.

DUAS VERSÕES DE UM POEMA EM PROSA

Segunda-feira. Sento-me à mesa do café e espero, paciente, a tua vinda. Detesto encontros previstos. Bem mais tempestuoso encontrar-te a fazer compras no centro da cidade, rodeada de uma aura de surpresa. Agora chegas com a face rosada e com um sorriso que já espera encontrar-me. Confesso um segredo, que nunca revelarei. Às vezes apareço bastante mais cedo e encosto-me na esquina para não ver o teu sorriso, para ver marcada no teu rosto a surpresa de eu não estar.

E chegas. De pasta na mão, à hora de sempre. Um beijo limpo.

It's Monday. I sit in the booth, patiently waiting for you to arrive. I hate these planned encounters. Far more enticing to find you shopping somewhere downtown, surrounded by an aura of surprise. You finally get here, rosy-cheeked, wearing an expected-to-see-you smile. I have something to confess, a secret I'll never reveal. I like to get there early and stand at the corner to avoid your smile, to catch on your face the surprise of my not being there.

And here you come. Briefcase in hand, at the usual time. With a kiss.

Nota: Estes dois textos foram escritos de modo sequencial, embora não necessariamente por esta ordem, e não têm a pretensão de equivalência estilística. São dois olhares de uma mesma perspectiva, olhares que dependem da plasticidade da língua e também do apego da autora a cada uma das línguas e visões do mundo que enformaram, desde cedo, o seu pensamento.

Versões de Paula Ramalho Almeida



recensões

GUIA SOBRE O FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Saber Escrever. Saber Falar. Um Guia Completo para Usar Correctamente a Língua Portuguesa

De: Edite Estrela, Maria Almira Soares e Maria José Leitão

Lisboa: D. Quixote, 2004

ISBN: 972-20-2534-1

359 páginas

Estaremos a viver numa espécie de Babel devastada por Deus, onde todas as formas de falar e de escrever coexistem anarquicamente? Onde está o juiz? Onde está o árbitro? A transgressão involuntária e o mau comportamento linguístico gozam de absoluta impunidade e poucos são os k kérem çaber. Sobrevivem, porém, alguns arautos da resistência que reivindicam o direito à perplexidade e à inquietude, perante o caos linguístico instaurado nos jornais, nas revistas, nas obras traduzidas, no discurso pedante e convicto dos jornalistas, nas placas oficiais e nos mais variados dísticos e outdoors.

Num ambiente de anarquismo linguístico, *Saber Escrever. Saber Falar. Um Guia Completo para Usar Correctamente a Língua Portuguesa* é uma panaceia para alívio de inquietudes, pois descreve de forma esquemática e directa a orgânica da nossa língua e prescreve dogmáticamente regras para um bom desempenho oral e escrito. Os temas tratados neste livro foram motivados pela observância de erros e descuidos que sistematicamente profileram no uso linguístico actual e que, não raro, são divulgados e legitimados por quem o exemplo deveria dar:

[...]Trata-se de uma tentativa de descrição do português contemporâneo, na sua variedade culta, com chamada de atenção para os desvios observados na linguagem coloquial e para os erros mais frequentes de natureza ortográfica, prosódica, morfológica e sintáctica. (p. 17)

Ainda no prólogo, as autoras especificam o público-alvo deste guia: estudantes, profissionais da comunicação e todos aqueles que desenvolvem actividades cujo êxito está, em grande parte, associado ao domínio da comunicação (2004:20). Pessoalmente, permito-me ir mais longe na descrição dos potenciais interessados em ler um texto desta natureza. *Saber Escrever. Saber Falar* é de leitura ou consulta imperativas para qualquer cidadão que, com ou sem formação linguística específica, pensa humildemente antes de falar, questionando a forma como se expressa; abre avidamente todos os seus dicionários e prontuários já envelhecidos pelo uso, antes de entregar uma versão escrita do mais prosaico documento, revendo e voltando a rever, por

pudor e pânico de escrever alarvidades; se arrepia e padece de urticária quando ouve ou lê enormidades, pois tem espírito crítico e apreço pelo património linguístico comum. Por tudo isto, esta é uma obra para quem não teria clemência nas sanções a aplicar aos prevaricadores descuidados, pois sente forte indignação pelo legitimar do desleixo linguístico e da ignorância atrevida ou, por outras palavras, pelo k'ero lá çaber ou tantu fax.

Quanto à tipologia do texto que escreveram, as autoras revelam o ensejo de que o seu trabalho não seja mais do mesmo:

Desejamos que este não seja mais um “prontuário” e, sobretudo, não seja um prontuário qualquer. Pretende ser um *vade mecum* orientador de uma correcta expressão oral e escrita do português contemporâneo na sua variedade culta. (p. 9)

No meu entender, a caracterização de prontuário em nada molesta a imagem do livro que produziram. Muito pelo contrário, evidencia os seu pontos fortes: um manual com indicações úteis, dispostas resumida e elegantemente, no qual até o menos experimentado consulente consegue encontrar pronta e facilmente aquilo que deseja saber.

Quanto à sua estrutura interna, as partes constituintes deste guia compreendem oito secções, cujos títulos revelam da sua originalidade, relativamente a outras obras congéneres: Convenções e Acordos Ortográficos, Ortografia, Morfologia, Sintaxe, Estilo e Qualidade Linguística, Modos de Representação Gráfica, Léxico, Fonética e Prosódia.

A secção Convenções e Acordos Ortográficos fornece um conjunto de dados factuais sobre as principais divergências ortográficas entre as normas portuguesa e brasileira. A segunda secção circunscreve o tema a aspectos da ortografia do português, apresentado, de uma forma directa e esquemática, explicações sobre áreas crescentemente problemáticas, como o uso de sinais diacríticos, as regras de divisão silábica, de translineação e o emprego de maiúsculas. A última parte desta secção apresenta uma lista de erros ortográficos frequentes, que poderão auxiliar o consulente a fazer um auto-exame da qualidade do seu desempenho linguístico espontâneo.

A secção de morfologia integra uma panóplia de sub-pontos relacionados com a flexão das diferentes categorias linguísticas e com a formação de palavras. A secção dedicada à sintaxe integra tanto aspectos relacionados com os vários tipos de oração, como particularidades sintácticas relativas à colocação e à regência verbal. A secção confinada ao léxico explica a estrutura compósita do vocabulário português, fazendo referência aos seus substractos e adstractos. Aqui são também contempladas variações dialectais e sociolectais, sendo ainda incluída a usual lista de vocabulário geral que possa suscitar dúvidas de carácter ortográfico.

Merecem particular destaque, pela arrumação e exposição criativas, as secções Estilo e Qualidade Linguística, Modos de Representação Gráfica e Fonética e Prosódia, uma vez que apresentam informação que não se encontra tão frequentemente em textos congêneres. Em Estilo e Qualidade Linguística a organização dos temas é feita em torno das quatro características fundamentais que, na óptica das autoras, marcam um discurso cuidado: clareza, correcção, harmonia e pureza. Há referência a vícios que prejudicam a clareza da linguagem e são ainda contempladas as variações estilísticas determinadas por opções diversas, tais como a profissão, o género contextual, a relação interpessoal e as questões de ordem estética. É também muito útil e oportuna a lista de erros comuns, acompanhada de uma alternativa correcta. Porém esta sub-secção carece, na minha opinião, de uma explicação sumária sobre a razão de ser das correcções, pois não permite ao consulente fazer inferências simples, que o ajudariam, em casos futuros, a auto-corrigir-se com segurança.

Na secção Modos de Representação Gráfica destacam-se como muito pertinentes a explicitação das normas reguladoras que subjazem às abreviaturas, nomeadamente às siglas, aos acrónimos e aos símbolos. São também especificadas as diferentes formas de citação bibliográfica e as normas para inserção dos vários tipos de numerais em textos.

Por último, a secção Fonética e Prosódia destaca-se pela atenção que confere aos valores fonéticos dos grafemas e pela citação de regras para pronúncia das sílabas átonas. Clarifica-se a pronúncia de palavras homógrafas e parónimas e são apresentados alguns casos de pronúncia viciosa e de dificuldades de pronúncia.

Em suma, salientam-se como pontos claramente positivos desta obra a actualidade dos seus conteúdos, a ausência de gíria académica demasiado densa, a elegância da disposição gráfica e a facilidade de localização de qualquer tema, dadas a exaustão e clareza do índice geral de assuntos e do índice remissivo. De referir também a independência das secções e sub-secções, facilitadora da consulta isolada de temas.

Muito a propósito, em defesa da correcção linguística nas placas, outdoors, dísticos e outros textos do domínio público, um autarca brasileiro terá instituído uma multa pesada a todos os prevaricadores que leviana e impunemente exibiam dizeres kumo kalhou. Já que estas sanções não se aplicam ao Português Europeu, é de louvar a publicação de obras de referência como esta, que optimisticamente acreditam, à revelia da máxima pós-modernista de Paul Feyerabend (1975) – *anything goes* –, que um texto normativo pode ter um papel organizador do caos conceptual, e consequentemente linguístico, de grande parte dos falantes.

TEORIA E PRÁTICA DE LEGENDAGEM

Teoría e Práctica de la Subtitulación Inglés-Español

De: Jorge Díaz Cintas

Barcelona: Ariel, Setembro 2003

ISBN: 84-344-6812-3

412 páginas

No nosso país, e ainda bem, a legendagem tem precedência sobre a dobragem. Se, por um lado, a questão financeira é aquela que dita em Portugal o domínio da palavra escrita sobre a palavra (in)audível, também não é menos verdade que o hábito social se impõe de forma peremptória: qualquer tentativa, hoje em dia, de dobrar longas-metragens, com a exceção de filmes animados, seria um fracasso. Além do mais, casos pontuais de séries televisivas dobradas em Portugal, e de outras dobradas no Brasil, de que são exemplo as famosas telenovelas mexicanas, parecem ter corroborado ainda mais a ideia de que a dobragem corrompe o som e a imagem fílmicos. Já em Espanha, encontramos uma situação oposta. Mesmo havendo nas salas de cinema, em muitos casos, duas versões por onde escolher, os filmes legendados são normalmente considerados excêntricos, formando-se entre o espectador e o produto audiovisual dobrado, paradoxalmente, uma relação intropática. Isto tem uma explicação política – de imposição do castelhano –, mas também se deve a um fenómeno curioso. Sendo a dobragem um processo muito caro, apenas se dobravam os filmes ‘mainstream’ que agradassem à maioria da população, enquanto os ‘filmes artísticos’ eram legendados. Desta forma, a legenda aparece associada ao cinema independente e a dobragem apoderou-se, paulatinamente, do hábito social espanhol.

Assim nos explica este fenómeno Jorge Díaz Cintas, e é neste contexto político-social que se insere *Teoría e Práctica de la Subtitulación Inglés-Español*. Substancial pela sua envergadura e profundidade teórica, constata-se que este manual com intenção pedagógica, da autoria de um investigador espanhol especialista da tradução audiovisual, ultrapassa a dimensão de um vulgar guia de ensino e aprendizagem. A obra encontra-se dividida em cinco partes, “Sociedade e Profesión”; “Teoría”, “Investigación”, “Práctica” e “Apéndices”, cada qual seccionada em capítulos cobrindo desde questões traductológicas fundamentais até às exigências da profissão, passando pela abordagem didáctica do processo de legendagem e pela descrição de actividades

e exercícios práticos a desenvolver individualmente ou em ambiente de aula. Estes são complementados por um CD, onde é incluído para instalação o programa informático *Subtitul@m*, desenhado especificamente para fins pedagógicos por um engenheiro da Universitat Autònoma de Barcelona, bem como, obviamente, uma série de excertos de filmes. Trata-se, de facto, como refere o autor, de um ‘projecto multimédia’, um projecto completo para quem pretenda ingressar na profissão de *adaptador* ou *legendador* – o termo mais apropriado, apesar de menos corrente – e para o professor/investigador interessado em enveredar por esta área de estudos de tradução.

Na secção “Sociedade e Profesión”, no capítulo “Profesión e Docencia”, são descritas em pormenor e de forma clara as etapas que integram o processo de legendagem de um texto audiovisual, desde a entrega do trabalho pelo cliente, à transmissão pública do produto final. De seguida, o ‘legendador’ é definido como “el profesional encargado de realizar la localización, traducción y adaptación de los subtítulos tanto intralingüísticos como interlingüísticos de cualquier programa audiovisual”, sendo que o termo ‘localização’ se refere à etapa também vulgarmente denominada ‘sincronização’, e não à tradução aplicada à informática. Esta definição é importante, na medida em que contradiz o senso comum, segundo o qual o tradutor é uma coisa e o legendador será outra.

A panorâmica que oferece a secção “Teoría” vem complementar a anterior, aprofundando e colocando em confronto tudo o que está envolvido na legendagem, enquanto processo e na vertente profissional. Releva que a legendagem é um modo de tradução, tal como a interpretação, por exemplo, e não apenas uma técnica que se aprende frente a um computador ou com recurso a variadas ferramentas que acabam por executar quase sozinhas as ordens que lhes damos. É fundamental a caracterização feita do texto legendado, colocando em evidência a sua especificidade e de que forma difere da tradução escrita, tornando-se patente para o leitor desta obra, e sobretudo para o leigo, que a legendagem não é um modo menor de tradução. A análise do discurso legendado é estimulante quer pela sua clareza, quer pela descrição pormenorizada dos processos de tradução, redução (por condensação ou omissão) e segmentação, referindo-se ainda à importância da coerência e coesão, na esteira de Hatim e Mason, e do princípio de relevância para o processo de redução implicado na passagem do meio oral para o meio escrito.

A parte prática, a quarta e última parte, oferece exercícios práticos de diversa índole. Embora os vários tipos de actividades se repitam, causando a impressão de que consiste numa única actividade, cada exercício encerra

especificidades próprias: cada filme é um texto e enquanto tal apresenta características únicas a nível estilístico e linguístico.

O Apêndice, por sua vez, fornece indicações muito úteis, a saber: associações de tradutores e de tradução audiovisual, empresas dedicadas à legendagem em Espanha e no mundo, um glossário de termos relacionados com a legendagem, bem como uma lista de recursos em linha.

O estudo da adaptação de textos audiovisuais continua a ser descurado em Portugal, quando noutros países já ocupa uma posição de peso na área de tradução, o que talvez se deva ao facto de não ser entre nós alimentado o polémico (ou não tão polémico) conflito dobragem/legendagem. Embora não sejam colocadas questões teóricas de fundo sobre a interacção palavra/imagem, ou, ainda, sobre a tríade significante palavra oral - palavra escrita - imagem visual, nomeadamente na perspectiva da semiótica, espera-se que os cursos superiores de tradução aproveitem este acontecimento editorial para repensar e renovar as suas estruturas curriculares. Não podemos concordar senão com Jorge Díaz Cintas, quando afirma:

Las limitaciones mediales [da legendagem] incitan la imaginación del traductor, obligándole a extraer la esencia del mensaje en inglés y a reformularlo en su propio idioma. [...] Es ideal para enseñar a los estudiantes a alejarse de la traducción palabra por palabra y a centrarse en el mensaje que se quiere transmitir, en la esencia del acto comunicativo. (p. 204)

Paula Ramalho Almeida

RECENSÃO DE SÍTIOS TEMÁTICOS EM LÍNGUA PORTUGUESA E ALEMÃ
RELATIVOS À ÁREA DE DIREITO

Exponho nas páginas seguintes o resultado da minha pesquisa, elaborada tendo em conta as necessidades de um tradutor na realização do seu trabalho. Estas páginas providenciam não só glossários, mas também diversos textos jurídicos (deveras importantes na contextualização de um termo) e *links*. Cinjome ao Direito na sua generalidade, fazendo ainda referência a dois ramos do Direito, mais concretamente o Direito Fiscal e o Direito do Trabalho, que, por serem temas recorrentes e extremamente relevantes na vida prática, se revestem de importância incontestável.

Direito na sua Generalidade/*Allgemeinesrecht*:

Procuradoria Geral da República

(www.pgr.pt)

Mantido pela Procuradoria Geral da República, revela-se deveras útil no fornecimento de *links* para *páginas da Web* de elevada relevância na área do Direito, tanto nacionais como internacionais. Permite efectuar uma pesquisa na própria *página*, a consulta de variadas bases de dados (biblioteca, catálogos, arquivo, entre outros) e o conhecimento das últimas novidades relevantes no panorama jurídico português. Aqui destaca-se também a parte dedicada à própria instituição, facultando documentos acerca da história do Ministério Público. É constantemente actualizada, podendo ser igualmente consultada em francês e inglês.

Centro de Estudos Judiciários

(www.cej.pt)

Da tutela do Centro de Estudos Judiciários (C.E.J.) em Lisboa, esta página é verdadeiramente atraente devido aos *links* de que dispõe, os quais abrangem páginas de instituições portuguesas, europeias e mundiais, e ainda diversos órgãos de soberania (Tribunais de Relação, Tribunal Europeu, entre outros), Faculdades, bem como outras páginas igualmente relevantes.

No seu conteúdo faz-se também referência, de uma forma breve, à própria instituição, fornecendo igualmente informações sobre cursos a leccionar e concursos internos. Para que a navegação se torne menos complexa, está disponível um mapa do sítio.

Supremo Tribunal de Justiça

(www.stj.pt)

Assegurado pelo Supremo Tribunal de Justiça (S.T.J.), encontram-se, entre as suas funcionalidades, pareceres sobre acórdãos vários (cuja manutenção é feita pelo Instituto das Tecnologias de Informação na Justiça), bases de dados nacionais e internacionais e Jurisprudência Internacional. Proporciona ainda acesso a variadas notícias, a documentos da Biblioteca do STJ, assim como permite ver um mapa do sítio, facilitando a navegação. É uma página bastante útil e a única falha encontrada prende-se com a especificidade da informação.

Instituto de Tecnologias de Informação na Justiça

(www.itij.mj.pt)

Esta Instituição é da tutela do Ministro da Justiça, sendo o organismo responsável, não só pelo estudo, como também pelo cumprimento e avaliação dos planos de informatização e actualização tecnológica dos organismos judiciais. Contém não só *links* de órgãos de soberania e de supervisão, mas também dos diferentes Ministérios. Faculta também boas bases de dados, tanto jurídicas como documentais; para além do supra-referido, também se podem consultar as últimas novidades referentes ao panorama jurídico nacional.

Verbo Jurídico

(www.verbojuridico.net)

Trata-se de uma página pessoal, sustentada pelo Juiz de Direito Dr. Joel T. P. Pereira. Abarca vários ramos do Direito, apresentando legislação e jurisprudência vária, devidamente agrupadas em diferentes secções. Explica o que é, para que serve, qual o âmbito das variadas doutrinas, códigos e artigos vários – acerca destes últimos, é viável aceder a apontamentos, contendo a referência, a sua explicação, possibilitando ainda o *download* da informação. As variadas temáticas são apresentadas de uma forma simples, precisa e perfeitamente compreensível para qualquer indivíduo.

Difunde ainda material diverso, tal como DVD's, livros e publicações periódicas permitindo, inclusivé, a sua encomenda. A única imperfeição reside na indicação de algumas páginas, desactualizadas ou inexistentes.

Instituto Politécnico de Beja – *Escola Superior de Tecnologia e Gestão*

(www.estig.ipbeja.pt/~ac_direito)

No âmbito das diferentes disciplinas da área científica de Direito, foi criada esta página pelos docentes do supra-referido Instituto, a fim de dar um apoio mais rápido e eficaz aos alunos. Faculta jurisprudência vária, relativa a diferentes ramos do Direito, legislação e diversos *links*. Facilita ainda o acesso directo a vários ramos do direito, como, por exemplo, ao Direito das Obrigações, Direito Civil, Introdução ao Direito, bem como a outros ramos do Direito.

Zurecht

(www.zurecht.de)

Encontram-se aqui as últimas informações relativas à legislação alemã. Faculta um bom motor de busca para livros e *software* relacionados com a temática, através da *Amazon.com*. Comporta ainda uma zona dedicada a contactos de advogados, de órgãos de soberania alemães, fóruns de Direito, assim como outras utilidades. Verifica-se ainda a existência de vários *links*, para diferentes ramos do Direito alemão (Fachgebiete) e internacional, dicionários de termos jurídicos e instituições.

Juracity

(www.juracity.de)

Nesta página é possível, entre outras utilidades, pesquisar sobre distintos temas do Direito, subscrever uma “newsletter” e obter aconselhamento na compra de material diverso, tal como livros e DVD’s, referentes, obviamente, à área jurídica. É ainda exposto um tema diferente todos os meses, sendo publicados diversos textos explicativos e argumentativos alusivos ao tema eleito. Contém também variados *links*, dedicados não só aos vários ramos do Direito, mas também a páginas de aconselhamento jurídico *online*, entre outros. Contudo, é uma página bastante técnica, densa e algo desordenada, não distinguindo, por exemplo, entre os variados ramos do Direito – é possível encontrar um texto referente ao Direito Fiscal a seguir a um texto de um âmbito completamente diferente – o que contribui para uma grande desarticulação da página.

Direito Fiscal/Steuerrecht:

Conselho Superior de Tribunais Administrativos e Fiscais

(www.cstaf.mj.pt)

Como o nome indica, é um sítio sob a tutela do Conselho Superior de Tribunais Administrativos e Fiscais, que se remete quase exclusivamente para o Direito Fiscal e Administrativo (ramos do Direito Público). Não só abarca legislação e jurisprudência relativa a esses ramos, mas contém também diversos endereços relevantes, permitindo ainda saber, de uma forma simples e imediata, o que é o direito fiscal e do que trata.

Podemos ainda aceder ao estatuto e regulamento da instituição, assim como poderemos saber qual o âmbito para o qual foi criada. Apresenta ainda uma página dedicada apenas a sítios e possibilita o acesso a uma base de dados.

Portal de Fiscalidade

(www.impostos.net)

Pela iniciativa de um grupo de juristas especializados na área de Direito Administrativo e Fiscal, nasceu este portal dedicado à fiscalidade, prestando apoio *online* sobre o tema. Contém extensa informação sobre a legislação fiscal portuguesa e também alguns apontamentos acerca de legislação internacional, uma base de dados de perguntas e respostas sobre as áreas de Direito Administrativo e Fiscal e várias tabelas fiscais. Informa, igualmente, sobre as mais recentes notícias da área fiscal e administrativa. Dispõe ainda de diversas utilidades, tais como *software* variado, colocando similarmente à disposição do utilizador ajuda (através da “help-desk”).

Steuernetz – Rede de impostos

(www.steuernetz.de)

Este *site* é dedicado exclusivamente ao Direito Fiscal; expõe os conteúdos de uma forma simples, facilitando o seu uso. Contém mais de um motor de busca, facultando também variadas notícias relativas ao tema, textos jurídicos divididos em várias temáticas (por exemplo, imobiliário), incluindo também um dicionário de termos relacionados com a fiscalidade, contendo mais de 700 entradas. É ainda permitido o acesso a um fórum de Direito.

Steueroffiçe

(www.steuer-office.de)

Além de possibilitar a pesquisa *online*, contém ainda não só notícias como também conselhos e pistas sobre Direito Fiscal. São igualmente descritos e clarificados determinados artigos do Código Fiscal (StG – Steuergesetz), contendo igualmente diversos textos sobre as variadas temáticas fiscais. Todos os meses é posto em discussão um tema (Thema des Monats), sobre o qual se dão explicações e se arbitra. Permite fazer download de variados documentos, assim como a inscrição numa “newsletter”. É actualizado regularmente e de fácil navegação.

Direito do Trabalho/Arbeitsrecht:

Página de Direito do Trabalho

(www.terravista.pt/meiapraia/2489/)

Mantida por João Oliveira Santos, jurista, contém uma página dedicada a sítios da temática em questão, assim como páginas generalistas, tanto institucionais como simples páginas pessoais. Fornece igualmente bastante informação sobre o Direito do Trabalho e comporta ainda um motor de busca, através da página (www.findlaw.com).

Contudo, a última actualização foi feita em 2001 – e como se sabe, é necessário manter o sítio actualizado, principalmente quando o seu conteúdo tende a mudar frequentemente (como é o caso do Direito) e, para além disso, apesar de conter bastantes *sites*, alguns não funcionam convenientemente, ou porque a página mudou de endereço, ou porque o endereço foi mal inserido.

Página Pessoal de Manuel Dória Vilar

(www.terravista.pt/BaiaGatas/1075/)

O autor deste é um conhecido advogado da nossa praça, Manuel Dória Vilar. Este é um sítio bastante interessante, dedicado ao Direito do Trabalho “*com especial incidência sobre Acidentes no Trabalho*”, que para além de conter a legislação, jurisprudência e os preceitos referentes ao ramo de Direito em causa, contém também *links* para dicionários jurídicos, legislação vária, bem como *links* igualmente relevantes, todos de interesse institucional, como é referido.

Página Pessoal da jurista Carla Jobling

(www.carlajobling.planetaclix.pt/open/fp/codtrabf.htm)

Esta página, criada pela jurista Dr.^a Carla Jobling, dá formação na área do Direito do Trabalho para dar apoio a todos aqueles que fazem a sua formação profissional na área. Contém uma pequena bibliografia sobre a autora, apresenta variados *links* não só para acórdãos diversos, mas também para o próprio Código do Trabalho, a Propostas de Lei e a Anteprojectos, dedicados na totalidade à área em questão.

Consultório de Direito do Trabalho do Dr. Arne Meier

(www.rechtsrat.ws/arbeitsrecht)

Pela mão do advogado, Dr. Arne Maier, esta página tem especial incidência no aconselhamento jurídico acerca dos direitos que assistem o trabalho. Faculta diversos *links* que remetem para textos relacionados com esta temática.

Página Pessoal do Dr. Reinhard Richardi

(www.arbeitsrechtslinks.de)

Da autoria do Prof. Dr. Reinhard Richardi, da Universidade de Regensburg – Alemanha, esta é uma página totalmente dedicada a *links* que permitem aceder a páginas da Web relacionadas com o Direito do Trabalho (as quais contêm legislação, literatura diversa, entre outras funcionalidades), sendo facultado ainda um motor de busca na página. Permite visualização em versão inglesa.

Página Pessoal do Dr. Martin Hensche

(www.hensche.de)

Mantida pelo Dr. Martin Hensche, especializado em Direito do Trabalho, é uma página onde se pode aceder às últimas actualidades da área, tendo ainda uma parte reservada a perguntas e respostas e a noções gerais do Direito do Trabalho, facultando o acesso a 50 artigos do Código do Trabalho, que, segundo o autor desta página, serão os mais relevantes. A mais valia desta página reside no pequeno “livro virtual” sobre as leis mais importantes da temática em questão (Arbeitsschutzgesetze – ASchG).

Ressalvo ainda o acesso a um arquivo onde se encontram artigos anteriormente publicados e informações gerais.

Em Portugal, ao contrário do que acontece noutros países, nomeadamente na Alemanha, ainda não há a tradição de páginas oficiais¹ dedicadas apenas a um ramo do Direito. Na verdade, foi encontrado um vasto número de páginas relativas à temática, mas sempre de uma forma geral e/ou técnica, facultando legislação nova e explicando em linguagem bastante específica o que, como já foi dito anteriormente, para o trabalho de um tradutor e para os indivíduos em geral, é, de certo modo, insignificante. Tratam-se de páginas claramente direccionados apenas para a parte da população que trabalha na justiça: advogados, juizes, entre outros indivíduos.

Resta ainda acrescentar que na quase totalidade das páginas pesquisadas/procuradas foi detectada uma lacuna: muitos dos *links* indicados estavam já desactualizados, ou eram já inexistentes, não sendo, por isso, de grande conveniência.

*Ana Catarina Ferreira Martins*²

¹ Com isto refiro-me a sítios mantidos por entidades oficiais, como a Ordem dos Advogados, ou a Procuradoria Geral da República e entidades e órgãos de soberania, entre outros órgãos oficiais de justiça.

² Aluna do 2º Ano da Licenciatura Bietápica de Línguas e Secretariado – Ramo de Tradução e Interpretação Especializadas.